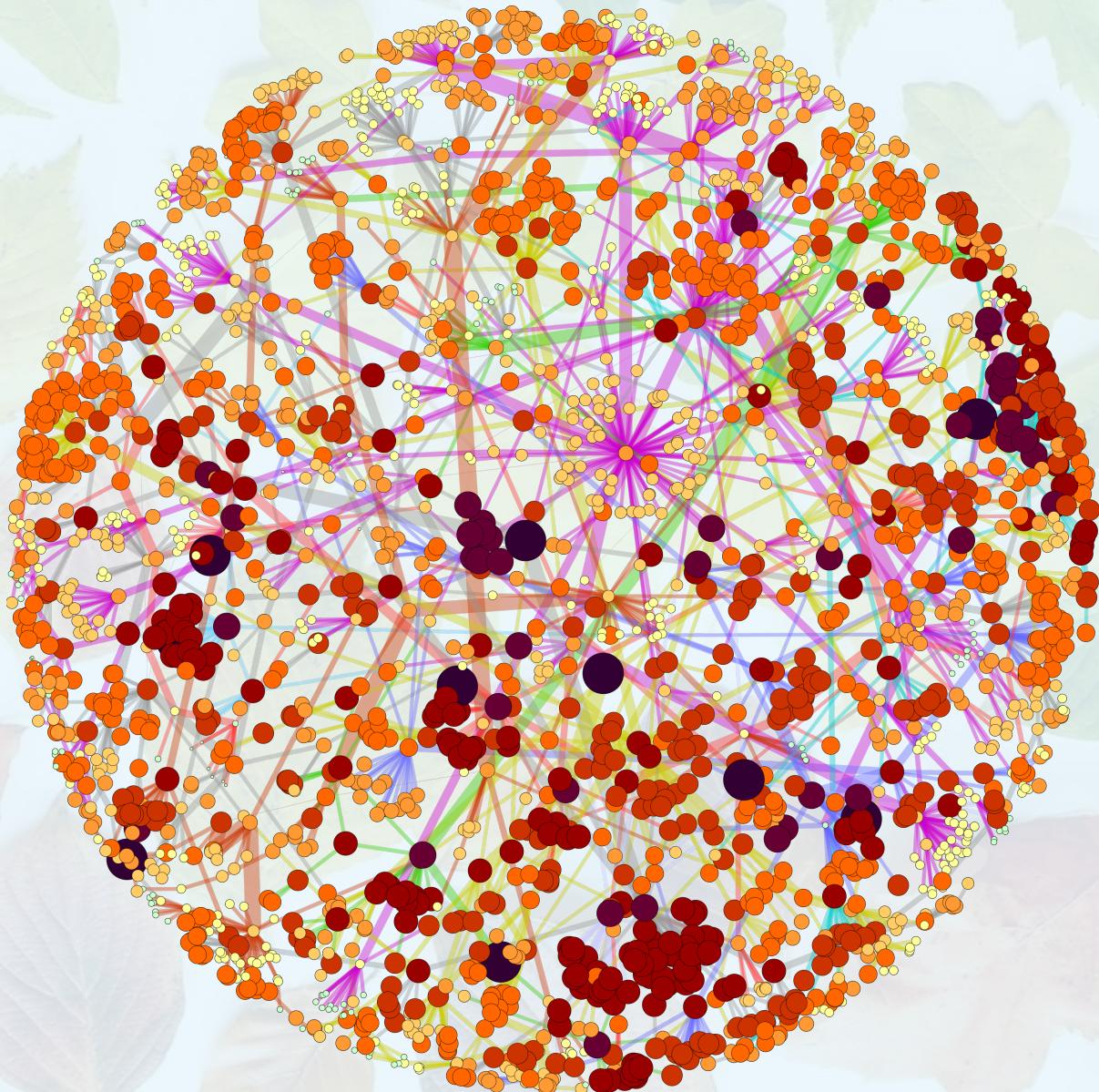

ÁRVORES DAS NAÇÕES:

Genealogia do Batuque Gaúcho



Flávio Gabriel Carazza-Kessler
Edição do Autor

© Edição do Autor 2025
arvoresbatuquers@gmail.com
Todos direitos reservados

Editoração: Flávio Gabriel Carazza-Kessler

Revisão de conteúdo: Philip Tyago Xavier Rodrigues (Babá Phil)

Revisão geral: Daniela Damion e Gabriel Cybis Fontana

Capa: Flávio Gabriel Carazza-Kessler

Imagem da capa: imagem representativa com mais de 2500 adeptos do Batuque presente no banco de dados. A rede ilustra o conjunto das diferentes árvores encontradas.

E-book

Pesquisadores responsáveis: Flávio Gabriel Carazza-Kessler e Babá Phil

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Carazza-Kessler, Flávio Gabriel

Árvores das nações: [livro eletrônico] : genealogia do batuque gaúcho / Flávio Gabriel Carazza-Kessler. – 1. ed. – Porto Alegre, RS : Ed. do Autor, 2025.

PDF

ISBN 978-65-01-67373-8

1. Ancestralidade 2. Batuque (Culto) – Rio Grande do Sul 3. Cultos afro-brasileiros – Rio Grande do Sul 4. Genealogia 5. Negros – Usos e costumes – Rio Grande do Sul 6. Orixás – Culto – Rio Grande do Sul

I. Título.

25-299149.0

CDD-299.8165

Índices para catálogo sistemático:

1. Rio Grande do Sul : Estado : Batuque de Nação : Cultos afro-brasileiros : Religião 299.8165

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Apoio

Projeto realizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022, Lei Paulo Gustavo



MINISTÉRIO DA
CULTURA



*A todos irmãos e irmãs que contribuiram com a pesquisa
A minha prestigiosa esposa pelo seu apoio
A Xangô, três vezes*

Prefácio

A presente obra, de Flávio G. C. Kessler, constitui um marco na sistematização dos saberes do povo de Terreiro do Rio Grande do Sul. Ao organizar com rigor metodológico as genealogias religiosas de mais de três mil sacerdotes e sacerdotisas do Batuque, Flávio nos oferece mais que um banco de dados: entrega-nos uma **teologia da memória**, uma **arqueologia da ancestralidade** e uma **cartografia espiritual**. Este trabalho é, antes de tudo, um gesto radical de respeito às epistemologias forjadas nos terreiros, assentadas na oralidade, no **àsé** ritual e na sacralidade do tempo circular.

Com mais de trinta árvores genealógicas identificadas, sendo que oito delas superam os cem integrantes – como a Jeje Custório, Cabinda, Ijexá Paulino de Oxalá e Ijexá Cujobá – o autor revela a profunda estrutura de continuidade e transmissão do conhecimento religioso entre as gerações. Estes números não são apenas estatísticos: são corpos, histórias, iniciações, cantos e saberes que resistiram à diáspora, à escravidão e ao racismo religioso. Cada gráfico, cada nome, cada imagem traz à tona o que o epistemicídio tentou apagar. Como afroteólogo, reconheço neste gesto um compromisso teológico-político com a ancestralidade.

É notável como Flávio articula com sensibilidade exunêutica os dados quantitativos com os fios qualitativos da tradição. Seu método não dissocia o saber da vivência. Ele escuta as vozes do Terreiro e as organiza sem violentar sua lógica interna. Ao apresentar as linhagens como “árvores”, o autor acessa a imagem sagrada da natureza – a mesma que nos rege no culto aos Orixás e aos ancestrais. As árvores, neste livro, são mais que metáforas: são fundamentos.

E é justamente em uma dessas árvores que minha própria linhagem se inscreve: Ijexá Cujobá de Xangô. Esta árvore — com 215 adeptos e dez gerações identificadas — tem como patriarca o respeitado Esá Cujobá de Xangô, tido como um africano liberto. Dele descende Mãe Celetrina de Oxum Docô, a quem a tradição reconhece como iniciadora de Pai Hugo de Iemanjá. Pai Hugo, por sua vez, inicia Mãe Jovita de Xangô Agodô, que inicia Mãe Miguela de Bará Agelu (que faleceu aos 97 anos em 2022), cuja descendência segue por Pai Gelson de Bará Lodê até chegar a meu pai de santo, Pai Pedro de Oxum Docô, que me iniciou. Esta linhagem não é apenas a minha trajetória religiosa, mas é também meu chão teológico, minha epistemologia vivida.

Ao reconhecer essa sequência histórica de iniciações, a obra que tens em mãos nos proporciona uma rara oportunidade: situar-nos dentro de uma história maior, dentro de uma rede que nos antecede e nos ultrapassa. Isso é profundamente afroteológico. A Afroteologia que venho construindo entende que a teologia das tradições de matriz africana não se faz a partir de doutri-

nas escritas, mas da oralitura ritual, da corporeidade iniciática e da escuta dos ancestrais. Flávio Kessler, mesmo que nesta obra atue no campo da estatística e da ciência de dados, comprehende essa lógica e a respeita com rigor e elegância.

Neste sentido, a obra que tens em mãos é mais do que uma contribuição acadêmica: ela é um *ofó* – uma palavra encantada, carregada de força, que restitui dignidade ao nosso povo. Este livro restitui a centralidade das mulheres negras como fundadoras e matriarcas de linhagens; denuncia a persistência de padrões de gênero na relação entre Orixá e iniciado; e propõe novos caminhos para pensar a formação de sacerdotes, a transmissão do axé e a historicidade das Nações do Batuque.

Esta obra é, por tudo isso, um texto sagrado. Que seja lido com reverência. Que sirva como instrumento de pesquisa, mas também como mapa espiritual para aqueles e aquelas que buscam suas raízes. E que inspire novas gerações de pesquisadores a seguir firmando a dignidade do povo de Terreiro com caneta, búzio, tambor e ancestralidade. Porque, como nos ensina a tradição: só floresce quem conhece suas raízes. Boa leitura!

Porto Alegre, 22 de julho de 2025 – Ano de Xapanã

Prof. Dr. Bábá Hendrix Silveira

Babalorixá da Comunidade Tradicional de Terreiro Ilé Àṣẹ Òrìṣà Wúre
Doutor em Teologia, Especialista em Ciências da Religião e História e Cultura

Afro-Brasileira

Professor e escritor

Apresentação

Eu pulei. O que se faz quando se sabe que você acaba de fazer parte de algo importante? Em meados de 2019 recebi a confiança de Babá Phil para seguir um projeto que ele havia iniciado por conta própria, um projeto que logo nomearíamos como **Projeto Árvores Genealógicas do Batuque RS**. Esse trabalho foi desde o início independente; então, minha entrada nele foi oficial, mas não formal. Informal por não se tratar de uma posição, trabalho ou bolsa de estudos. Pesquisa pura e simples, movida pelo senso de serviço com a comunidade. Contudo, os procedimentos e métodos de pesquisa foram rigorosos e atentos.

Babá Phil, representante de Ibeji, é um grande semeador. Instaurou o Batuque RS, hoje **Rede Batuque RS**, um dos primeiros canais de mídia do Batuque. Fez vídeos explicativos, inaugurou o primeiro podcast temático, abriu uma escola de tamboreiros, fotografou *xirês* profissionalmente, desenvolveu processos de criação de conteúdo digital. Para tanto, angariou em torno de si um grupo de pessoas que encontraram afinidade em seus projetos. Essas pessoas tornaram-se amigos do peito, irmãos de santo, filhos de santo e, no meu caso, afilhado de santo.

Nascido de um terreiro, ele habita no Batuque. Tradição que não faz dele apenas sacerdote, mas também empresário, agente político, pesquisador e influenciador. Este foi o contexto e esta foi a personalidade que começou, em meados de 2016, a anotar os vínculos de ascendência do Batuque. Qual sua Nação mesmo? Você é filho de quem? E seu Pai, de onde veio?

O processo ganhou volume e a estrutura de armazenamento passou a ser imprescindível. Além disso, os muitos caminhos que foram abertos demandavam dele cada vez mais atenção. Aí que um guri de cabeça baixa entra em jogo,

parecia apaixonado pelo Batuque e tinha afinidade com pesquisa — suspeito que tenha sido algo do gênero. Phil, com quem passei a ganhar intimidade, compartilha os dados e incentiva o crescimento da pesquisa. Estabelecemos então o já mencionado **Projeto Árvores Genealógicas do Batuque RS**. Passei a entrevistar diuturnamente Pais e Mäes de Santo, reestruturei os dados e tracei estratégias de análise. Mesmo em paralelo com meus estudos, o projeto cresceu, mais que triplicou, ao longo de cerca de dois anos de contato direto. Atualmente o banco de dados conta com aproximadamente 3.000 sacerdotes armazenados.

Logo Rede Batuque RS



Babá Phil de Xangô

Se hoje o banco de dados não está dez ou vinte vezes maior é devido a sua

natureza independente. Isto, não vou negar, teve seus desafios. Os meandros da vida pessoal e profissional acabaram impondo uma pausa à pesquisa, fato que atrasou qualquer publicação e deixou desatendidos todos Pais e Mães de Santo que receberam votos de que os dados tornariam-se públicos. O objetivo nunca foi ocultar conhecimento. Mais virá, porque a conclusão parcial aqui apresentada revigorou o projeto, há mais o que ser feito e compartilhado. Para tanto, será necessário interação e apoio da comunidade batuqueira, que os Orixás auxiliem. É importante que fique claro: os próximos passos deverão envolver financiamento do projeto e dos pesquisadores para permitir que a dedicação atenda a altura da demanda.

Se antes a independência do projeto era desafio, agora é um dos seus trunfos. Desde as primeiras fagulhas do projeto até a primeira publicação, as pessoas envolvidas foram exclusivamente batuqueiros. É um exemplo, talvez único, de ciência “reconhecida” projetada, executada e concluída desde dentro. Foi formatada por batuqueiros para batuqueiros. Temos nossas perguntas, nossos saberes e nossas vontades. As únicas exceções, preciso mencionar, foram as especiais contribuições de minha esposa, Daniela Damion, e de meu cunhado, Gabriel Fontana, na revisão do texto final.

Além dos batuqueiros, o livro pretende atingir outros dois públicos: irmãos de axé e pesquisadores. Por irmãos de axé me refiro a todos que se dedicam à fé de seus guias, mestres, Orixás, Voduns e Inquices. É um voto aos adeptos do Candomblé, Xangô de Pernambuco e Tambor de Mina de que Orixá não foi esquecido aqui no sul. Aqui, Batuque não é apenas ponto de resistência, mas de auxílio também. Por pesquisadores, me refiro a antropológos, historiadores e sociólogos com educação formal e institucionalizada. Muito da linguagem empregada a seguir pretende aderir à lógica da ciência acadêmica. O trabalho é escrito de maneira impessoal; as referências são apresentadas sempre que possível; os métodos são transparentemente demonstrados e as conclusões estão embasados nos resultados e na literatura disponível. Tal escolha pretendeu traduzir o conhecimento popular e religioso para as academias. Para que, assim, talvez chame um pouco mais de atenção. Para que o Batuque esteja um pouco mais no mapa. Para que seus adeptos sejam um pouco mais atendidos e representados. Espero que tais expectativas saiam do meu peito e ganhem, nem que seja uma vírgula, de concretude.

No texto, imagino ter mesclado minhas próprias visões. Como batuqueiro, pretendi escrever de maneira mais respeitosa possível. Pais e Mães de Santo vão sempre em maiúsculas por representarem cargos de suma importância. Utilizo as maiúsculas de igual maneira para demonstrar deferência em outras ocasiões. Também utilizo termos e jargões comumente falados por batuqueiros como “assentamento”, “feitura”, “pegar cabeça” e por aí vai. Nesses casos, grifei os termos em itálico para não afugentar a leitura dos leigos. Como pesquisador, busquei muitas vezes ser apenas descritivo e o mais preciso possível. Ao longo do livro apresento uma variedade de notas de pé de página para enriquecer a leitura sem impedir o seu fluxo.

Antes de encerrar, necessito me apresentar rapidamente. Assim, acredito, o leitor terá melhor capacidade de refletir sobre o ponto de vista de quem escreve. Fruto de uma família de classe média, criei apego ao saber e à ciência por ser criado por uma mãe que incentivava criatividade e por um pai que

incentivava o raciocínio. Não à toa, os dois professores. Eu, branco, tenho contato com o Batuque desde a infância, por volta dos meus dois a três anos de idade. Sempre acompanhando minha mãe, fui cativado pelo Batuque. É o amor, não a necessidade, que me sustenta nele até hoje.

Conclui minha graduação em Biotecnologia em 2021 e mestrado em Bioquímica em 2024. Me afeiçoei à Bioinformática, área que opera grandes quantidades de dados complexos e que permitiu meu aprendizado em linguagem de programação e ciência de dados. O termo “genealógicas” do projeto não foi à toa, utilizei conceitos da biologia para organizar e analisar o banco de dados. Na graduação e mestrado, a metodologia científica se integrou à minha forma de ver o mundo e foi fundamental para a construção desse trabalho.

Minha trajetória religiosa sempre andou a passos de tartaruga, cada etapa iniciática foi precedida de muita espera e reflexão. Fui criado na casa de Mãe Dalva de Oxum e através dela conheci a Religião. Com ela fiz Sanapismo perto dos sete anos, mas não fui formalmente iniciado por ela quando jovem, apesar de carregar sempre comigo o seu axé. Minha primeira obrigação maior foi realizada em 2015, em uma casa da qual não guardo apenas lembranças agradáveis. Passo por um período de afastamento até conhecer meu atual Pai de Santo, Pai Marco de Xangô. Com ele, sigo desde 2019. Enquanto escrevo, tenho 27 anos de idade, 25 de Nação, alguns de bori e zero de santo. O *assentamento* de Orixá é a próxima grande etapa pala qual devo passar, concluí há pouco a fase de reflexão.

A estrutura base do livro é semelhante a de uma pesquisa: introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão. Cada etapa representa um capítulo, a introdução contextualiza a presença do negro no Rio Grande do Sul e apresenta levantamentos da população de axé no estado. A metodologia (Capítulo 2) apresenta de maneira descritiva os procedimentos utilizados para encontrar os resultados. Resultados e discussão são apresentados conjuntamente no Capítulo Árvores (seção 3). Nesse capítulo, onde estão presentes análises realizadas no conjunto do banco de dados como também análises realizadas em cada árvore encontrada (seção 3.5). Por fim, a conclusão do trabalho é descrita no Capítulo Considerações Finais (seção 4). Sirvo esta obra em devoção aos Orixás e em agradecimentos àqueles que me ensinaram.

*O Autor
Filho de Xangô
Mestre em Bioquímica*

Sumário

Prefácio	i
Apresentação	iii
1 Introdução	1
1.1 O Gaúcho, a Terra e o Negro	1
1.2 Batuque, do que se trata?	5
1.3 Levantamentos	10
1.3.1 Início do século XX	10
1.3.2 Contemporâneos	12
1.3.3 IBGE	13
1.4 Termos de origem Iorubá e outros idiomas	16
1.5 Termos e jargões utilizados no Batuque	22
2 Metodologia	27
2.1 Dados coletados do IBGE	27
2.2 Coleta de Dados	28
2.3 Análises	30
2.3.1 Sexo dos Adeptos	30
2.3.2 Orixás	31
2.4 Como Contribuir	33
3 Árvores	35
3.1 Análises Totais	35
3.2 Recorte de Sexo	36
3.3 Orixás	39
3.4 Pega ou Não Pega Cabeça?	41
3.4.1 Obá, Oromilaia e Otim	43
3.4.2 Orixás de Rua	44
3.4.3 Ibejis	46
3.5 Árvores Individualizadas	47
3.5.1 Cabinda	47
3.5.2 Ijexá Cujobá de Xangô	48
3.5.3 Ijexá Janjão de Xangô	50
3.5.4 Ijexá Joaquina de Oxum	51
3.5.5 Ijexá Paulino de Oxalá	52
3.5.6 Ijexá Jeje Lurdes de Oxum	54
3.5.7 Jeje Príncipe Custódio	54
3.5.8 Jeje Ijexá Ondina de Xapanã	56

3.5.9 Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá	58
3.5.10 Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã	59
3.5.11 Jeje Nagô Titina de Oyá	60
3.5.12 Oyó Andrezza de Oxum	61
3.5.13 Oyó Donga de Oxum	62
3.5.14 Oyó Jeje Ijexá Luísa de Odé	62
3.5.15 Oyó Nagô Emília de Oyá	63
3.5.16 Árvores Raras	64
3.5.17 Árvores Pequenas	66
3.6 Sequência Ritual	67
3.7 Outros Orixás no Batuque	72
3.8 Limitações	75
4 Considerações Finais	79

Lista de Figuras

1.1 Número de casas de culto afro-brasileiro em Porto Alegre	11
1.2 População adepta de “Umbanda ou Candomblé”, IBGE	14
2.1 Formulário para contribuir com a pesquisa	33
2.2 Financie a pesquisa	34
3.1 Estatísticas agregadas de todo o banco de dados.	37
3.2 Número de adeptos por Orixá e Qualidade.	39
3.3 Número de adeptos filhos dos Orixás Obá, Oxalá Oromilaia e Otim.	43
3.4 Número de adeptos filhos de Orixás de Rua.	45
3.5 Número de adeptos filhos de Ibejis.	46
3.6 Estatísticas da Árvore Cabinda.	48
3.7 Estatísticas da Árvore Ijexá - Cujobá.	49
3.8 Estatísticas da Árvore Ijexá - Janjão de Xangô.	50
3.9 Estatísticas da Árvore Ijexá - Joaquina de Oxum.	51
3.10 Estatísticas da Árvore Ijexá Paulino de Oxalá	52
3.11 Estatísticas da Árvore Ijexá Jeje Lurdes de Oxum	54
3.12 Estatísticas da Árvore Jeje Príncipe Custódio	55
3.13 Estatísticas da Árvore Jeje Ijexá Ondina de Xapanã	56
3.14 Estatísticas da Árvore Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá	58
3.15 Estatísticas da Árvore Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã	59
3.16 Estatísticas da Árvore Jeje Nagô Titina de Oyá.	60
3.17 Estatísticas da Árvore Oyó Andrezza de Oxum	61
3.18 Estatísticas da Árvore Oyó Donga de Oxum	62
3.19 Estatísticas da Árvore Oyó Jeje Ijexá Luísa de Odé	63
3.20 Estatísticas da Árvore Oyó Emília de Oyá	64
3.21 Estatísticas das árvores consideradas raras no Batuque do Rio Grande do Sul	65
3.22 Estatísticas de linhagens pertencentes às árvores definidas anteriormente, mas sem elos de ligação	67
3.23 Linhagens pertencentes à Nação Cabinda que a pesquisa não encontrou elos de ligação	67
3.24 Linhagens pertencentes à Nação Ijexá que a pesquisa não encontrou elos de ligação	68
3.25 Linhagens pertencentes à Nação Jeje Ijexá que a pesquisa não encontrou elos de ligação	68
3.26 Linhagens pertencentes à Nação Jeje Nagô que a pesquisa não encontrou elos de ligação	69

3.27 Linhagens pertencentes à Nação Oyó, com ou sem outras Nações, que a pesquisa não encontrou elos de ligação	69
3.28 Linhagens sem Nação e elos de ligação identificados pela pes- quisa	69

Lista de Tabelas

1.1	População com religião “Umbanda ou Candomblé”, Censo Demográfico 2022, IBGE.	13
1.2	Dez cidades do RS com maior população com religião “Umbanda ou Candomblé”, Censo Demográfico 2022, IBGE.	15
1.3	Significados dos nomes de cada Orixá do Batuque, segundo Pai Marco de Xangô. Idioma de origem: iorubá.	16
1.4	Significados de termos relevantes ao Batuque, segundo Pai Marco de Xangô. Idioma de origem: iorubá.	18
1.5	Significados de termos com idioma de origem diferente do iorubá que Pai Marco tem conhecimento.	21
2.1	Sexo de cada Orixá do panteão do Batuque do RS.	31
3.1	Informações gerais de cada árvore do banco de dados.	35
3.2	Precursors de cada árvore do Batuque do RS	36
3.3	Qualidades e Sobrenomes de Orixá informados nas árvores do Batuque do RS	40

Capítulo 1

Introdução

1.1 O Gaúcho, a Terra e o Negro

A presença de qualquer *Homo sapiens* no solo que hoje é identificado como Rio Grande do Sul é guiada por dois fatores geográficos: a maior costa litorânea contínua, com seus 254km de extensão¹, e a maior planície pastoril do mundo, o Pampa. A primeira foi responsável por atrasar por cerca de 200 anos a colonização da região por europeus e a segunda um dos grandes incentivos à criação extensiva de gado, combustível da posterior imigração. Antes de Colombo, Cabral e companhia, as terras gaúchas estavam quaradas de *Charruas*, *Minuanos* e *Xoklengs*. Fato que, já aí, destoa do restante do Brasil por terem origens distintas dos uniformes Tupi, situados do litoral catarinense “pra cima”.

Após a vinda dos portugueses e espanhóis, as coxilhas sul-riograndenses foram — arbitrariamente — demarcadas como solo espanhol. A Espanha, com seus olhos voltados para a opulência Inca, pouco ou nada fez para colonizar e resguardar o que estava do outro lado da Bacia do Rio da Prata. Ainda que oficialmente espanhol, em 1737 foi fundada a colônia de Rio Grande e São Pedro pelos portugueses, hoje cidade de Rio Grande, momento que é visto pela historiografia como um marco da colonização portuguesa na região. Com os esforços de estabelecer tal colônia, foi necessária mão de obra escravizada e; portanto, é também um marco fundamental do negro no Rio Grande do Sul. Pouco tempo depois, 1750, Portugal e Espanha selam um acordo que reconheceu a província como solo português.

A mão de obra escravizada que as lavouras ceifavam e as minas sufocavam carecia de reposição, demandando cada vez maior influxo de africanos para o Brasil Colônia. A população escravizada e livre passou a crescer e com elas a necessidade de alimentos, como a carne. Nesse bojo, o Rio Grande do Sul entra em um período de ebulação socioeconômica para suprir tal demanda com suas charqueadas.

Fora da rota direta do tráfico transatlântico, o Rio Grande do Sul recebia escravizados remetidos principalmente do Cais do Valongo (RJ) e do Porto de Salvador (BA), além de receber importante número de escravizados por terra, denominado como “mercado interno”. Como aponta Berute (2025), entre 1788 e 1802 aproximadamente 88% dos escravizados que aportaram no RS vieram

¹Praia do Cassino

do porto carioca, enquanto que apenas 6% da Bahia e 6% das demais localidades. O mesmo autor cita que outra fonte corrobora seu achado, mais de 75% eram provenientes do RJ. Isso não quer dizer que o Rio Grande do Sul não recebia africanos diretamente da África, pelo contrário: eram eles a maioria. Os navios do tráfico zarpavam dos portos africanos, aportavam nos principais portos brasileiros (Bahia e Rio de Janeiro) e abasteciam embarcações menores que redistribuíam os escravizados para as demais províncias, como no caso do Rio Grande do Sul. Como comenta o autor, essa logística deve ser entendida como parte do tráfico transatlântico.

Entre 1788 e 1824, cerca de 93% dos escravizados desembarcados no RS eram africanos, o restante eram crioulos, termo utilizado para escravizados nascidos em solo brasileiro. Dentre os africanos, cerca de 79% deles eram “novos”, que não tinham nenhum contato com o Brasil, e aproximadamente 21% eram ladinos, africanos que já estavam adaptados à cultura e à língua da colônia (Berute, 2025). Esses dados corroboram a presença maciça de novos africanos dentre os escravizados trazidos para o RS. Apesar de menos significativo, uma parcela importante dos escravizados era comercializada através do tráfico interno, trazidos por terra de outras províncias. Entre 1788 e 1802, 35% dos escravizados eram traficados pela via interna. Já entre 1809 e 1824 essa parcela reduziu, foram 23% (Berute, 2025).

Quanto à procedência dos africanos trazidos para o RS entre 1788 e 1802, apenas 3,3% eram oriundos da África Ocidental, região que agrupa os Ewe/Fon e Iorubás, denominados à época como jejes, minas e nagôs, principais grupos étnicos formadores do Batuque. A grande maioria, 96,6%, era trazida da África Central-Atlântica (eixo Congo-Angola, Bantus). A fatia dos africanos ocidentais aumenta no período entre 1809 e 1824 para 9,7% enquanto que os africanos centro-atlânticos, ainda que preponderantes, caem para 73,5% (Berute, 2025). Contudo, Osório (2005) investigou outros acervos documentais e encontrou que os africanos ocidentais representaram 26% dos escravizados trazidos para a capitania de Rio Grande de São Pedro² no período 1765-1825. Aparentemente, a maioria dos africanos ocidentais vinham dos portos da Bahia, principal receptáculo dessa população (Osório, 2005). Ainda que conste grande discrepância entre as fontes, a tendência foi de aumento dos ocidentais ao longo do tempo. Dentre estes africanos possivelmente estavam os responsáveis pela presença do culto aos Orixás — e Voduns — no solo gaúcho.

Se o comércio de escravizados com a Bahia foi débil no final dos setecentos e início dos oitocentos, este avolumou-se ao longo dos novecentos. Neste assunto são necessárias duas contextualizações: a primeira é que o porto de Salvador era a principal origem de africanos ocidentais (incluindo jejes e nagôs) e, a segunda, que em 1831 o tráfico transatlântico tornou-se ilegal. Assim, o comércio de escravizados entre a províncias (mercado interno) aumentou em volume. Como se sabe, africanos ocidentais, orientais e centro-atlânticos não deixaram de ser raptados e transportados para o Brasil em 1831, apenas o que antes já era imoral tornou-se, então, ilegal.

Após a análise de passaportes de escravizados emitidos na Bahia com destino ao RS na década de 1840, Matheus (2025, pg. 63) mostra que 73,7%

²Nome à época da atual região do RS.

dos africanos³ foram denominados como nagôs, minas ou jejes. No mesmo período, foram vendidos 1.393 crioulos que, apesar de terem nascido no Brasil, poderiam também ter ascendência africana ocidental.

Esse campo do estudo histórico ainda está em desenvolvimento e pesquisas adicionais são necessárias. Ainda assim, os dados dão conta de um aumento gradativo da presença de jeje-nagôs — melhor dizendo, Fons e Iorubás — na então província de Rio Grande de São Pedro. Tal aumento teve especial importância na fase final do tráfico, incluindo o período da ilegalidade. Nesse ambiente, passam a salpicar terreiros e demonstrações culturais do negro no RS. É possível sugerir, com as devidas ressalvas, que os primeiros formatadores da religiosidade jeje-nagô no estado foram trazidos no final da primeira década do século XIX.

Uma vez que complexo econômico da província demandava cada vez mais mão de obra escravizada, a presença do negro era pública e notória. Apenas para citar alguns censos realizados: em 1819, 30,6% da população do RS era escravizada⁴; em 1872, após a imigração alemã e ilegalidade do tráfico, a população escravizada representava ainda 15,6% da população⁵ (Geografia e Estatística, 1986, pg.30). Ainda em 1872, as populações escravizadas dos municípios de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas representavam, respectivamente: 18,5% (8.155 / 43.998), 20,5% (4.315 / 21.062) e 16,9% (3.590 / 21.258) (Leuzinger, 1874, pgs. 206-207). Estavam os três principais centros urbanos do RS com sua população escravizada acima da média da província, não à toa são considerados também os três centros formadores do Batuque.

A fria, porém contundente, realidade dos números justificam os quicumbis e maçambiques mantidos pelo folclore do estado. Justificam também a inclusão dos sempre citados termos Bantu em nosso vocabulário: marimbondo, cangica, samba e tantos outros. Justificam ainda a pujança de terreiros de Batuque no RS, com seus ritos jeje-nagôs.

A primeira menção formal a uma Mãe de Santo do Rio Grande do Sul foi realizada por Antônio Coruja em publicação de 1881, que cita o *candombe*⁶ de Mãe Rita. “Aí se reuniam, nos domingos à tarde, pretos de diversas nações, que com seus tambores, canzás, urucungos e marimbas, cantavam e dançavam esquecendo as mágoas da escravidão, sem que causassem maiores cuidados à polícia [...]” (Coruja, 1881, pg.15)).

Esta não é a única evidência dos negros e seus feitiços da época. Esta seção será encerrada com a apresentação na íntegra de um “auto de perguntas” lavrado pela Secretaria de Polícia de Porto Alegre. O acesso ao documento se tornou possível devido a publicação da prestimosa obra “Registros da presença negra no Arquivo Histórico do RS Fundo Polícia” de 2023. A seguir está um relato que apresenta de uma só vez: (i) o africano João — aqui reconhecido como **Pai João** — da Costa da Mina na posição de líder de culto, mesmo que ainda escravizado; (ii) Matildes Libania Pereira dos Santos, preta livre, como responsável da casa de culto e congregação das pes-

³ 1.143 de 1551 africanos

⁴ 28.253 dentre 92.180

⁵ 67.791 dentre 434.813

⁶ O termo utilizado por Coruja pode ser influência dos “candombes” uruguaios, hoje em dia mais representativo como dança folclórica, ou mesmo uma corruptela dos mais conhecidos candomblés baianos.

soas; e (iii) o uso de santos católicos como prováveis elementos sincréticos. A louvação às imagens cristãs é apresentada como argumento para a polícia de que nenhuma “feitiçaria” era realizada. Os Pais e Mães de Santo que diversas vezes dizem ter sido o sincretismo um instrumento de proteção contra a intolerância, encontram aqui uma evidência histórica. Não que fosse necessária, mas é bem-vinda.

Auto de perguntas, feitas a **Manoel Fernandes Talhada** – data: 26.10.1858, na Secretaria de Polícia, em **Porto Alegre**, doutor **João Guilherme de Aguiar Whitaker** (chefe de polícia interino). **Manoel Fernandes Talhada – de Portugal**, 28 anos, solteiro, reside há um ano nesta cidade, ferreiro, sabe ler e escrever. P. o que estava fazendo na casa em que foi preso, respondeu que tinha ido comprar velas, “demorando-se mais algum tempo porque estavam aparando as velas que devia comprar. P. se não fazia parte daquela associação que aí se costumava reunir ou se não fora lá procurar fortuna ou industriar-se por meio das superstições de que usava o preto **João**? R. que não sabe de nada disso e que se foi encontrado naquela casa já deu as razões de fato. P. se não sabia que aí se reunia muita gente e o fim para que se reunia? R. que viu ontem entrar lá muita gente na sala, enquanto ele interrogado se achava no interior da casa, tratando sobre negócios de velas que foi o motivo que o levou lá”;

[Anexo] – Auto de perguntas feitas ao africano **João**, escravizado de **João Canteiro**. Não se lembra da idade, solteiro, da **Costa da Mina**, reside nesta cidade há muito tempo. “P. porque sendo escravo se achava na casa de **Matildes**, preta livre, onde foi preso? R. que aí se achava como alugado à preta **Matildes**, para ajudá-la a fazer velas, negócio em que a mesma se ocupava. P. porque havia na casa de **Matildes** um altar erguido com imagens cristãs, e todas essas feitiçarias que não têm nada com as orações de Deus. R. que tanto o altar com todos os seus pertences, como algumas das vestimentas que foram apreendidas, tinham sido deixadas pela mãe de **Matildes**, que morreu no tempo do cólera à mesma **Matildes**, para fazer com esses objetos adoração à Deus. P. quem era o mestre das rezas e quem se vestia com aquelas roupas? R. que ele interrogado era o mestre e quem se vestia. P. qual era o proveito que tiravam dessas rezas e de tudo isso, e se não vendiam medicamentos? R. que algumas pessoas costumavam depositar em uma salva que estava sobre o altar quatro vinténs, dois vinténs e mesmo quinhentos réis ou quanto queriam, dinheiro esse que se aplicava na compra de comestíveis para a festa e na compra de algumas vestimentas e outras coisas que o altar precisava. Disse mais que costumavam vender pedras de cevar que ele interrogado as comprava primitivamente a gentes que chegavam da Campanha, e bem assim ele interrogado tem vendido certa banha que misturada com água fazia bem ao peito. P. se ele interrogado não sabia fazer adivinhações? R. que não sabia. P. se ia muita gente à festa? R. que 10 ou 12 pessoas.

P. quem eram essas pessoas? R. que não as conhece. P. se não iam também mulheres à festa? R. que iam entre outras a **mulata Henriqueira** e suas companheiras, todas moradoras na **rua da Ladeira**, e algumas **pretas cegas**";

[Anexo] – Auto de Perguntas feitas à preta **Matildes Libania Pereira dos Santos** – natural de **Porto Alegre**, 25 anos, solteira, tem residido sempre em **Porto Alegre**. "P. quem era o inquilino da casa onde morava a interrogada e onde foi presa? R. que era ela mesma que pagava os alugueis, servindo de fiador **Zeferino Vieira Rodrigues**. P. qual a razão porque tinha em sua casa erguido um altar onde haviam imagens cristãs, ao par de cascas de cobras, instrumentos de ferro desconhecidos, emblemas de toda a sorte profanos, a que se lhe dá vulgarmente nome de feitiçarias, e vestimentas ridículas e estranhas do Culto Divino? R. que é verdade que existia em sua casa tudo o que se refere à pergunta. P. para que fim tinham todos esses objetos? R. que as imagens tinham lhe ficado de sua mãe, e que o fim de tudo isso era a adoração de ditas imagens para, digo, que era feita pelos seus parentes, que dançando serviam-se dos instrumentos mencionados e das vestes para a prática desta mesma adoração. P. se não é verdade que em certas noites lá se reunia grande número de gente, e o que praticava essa reunião? R. que essa reunião era para rezar, para pedir socorro a Deus e mesmo para acharem fortuna no jogo, nas mulheres, e para curarem-se de certas enfermidades. P. quem eram as pessoas que frequentavam a sua casa nas noites de reunião? R. que lá iam muitas pessoas boas, entre outras dona **Maria** e sua filha **Aninha**, que moravam na **rua Nova**, e hoje moram na **Varzinha**, e alguns moços como **Zeferino Vieira Rodrigues, Silvestre** alfaiate, e outros de que se não lembra. P. como é que faziam essas adorações ou feitiçarias para dar fortuna, etc.? R. que as parentes de sua mãe e outras, e o preto **João**, de **Joaquim Canteiro**, eram os adivinhadores. R. que só tiravam vantagens de alguns remédios, pelos quais recebiam dinheiro, os quais remédios eram primitivamente encontrados nas mãos das **Nagôas**. P. a quem pertencia tudo quanto se acha dentro da casa em que mora? R. que a ela interrogada exclusivamente. P. o que mais faziam as pessoas que lá se reuniam? R. que faziam unicamente oração. P. porque consentia que em sua casa pernoitassem escravos sem licença de seus senhores? R. que os escravos que lá foram encontrados não ficavam lá, e sim tinham aí aparecido levando dinheiro e velas que a ela interrogada tinham comprado".

(Fernandes et al. (org.), 2023, pgs. 454-455)

1.2 Batuque, do que se trata?

O mesmo contexto histórico que formou o Candomblé na Bahia, o Xangô no Pernambuco, o Tambor de Mina no Maranhão e a Macumba no Rio de

Janeiro, formou também o Batuque no Rio Grande do Sul. É o Batuque, portanto, a tradição de tronco jeje-nagô mais relevante do sul do Brasil. O Batuque pode ser também incluído dentro do termo guarda-chuva “religião de matriz africana”, como os demais mencionados. Tipicamente associado ao Rio Grande do Sul devido ao seu lugar de origem, não mais circunscreve-se aos limites territoriais desse estado brasileiro. Está presente em outros estados, como Santa Catarina e Paraná, como também nos países vizinhos Uruguai e Argentina, além de outras localidades.

Batuque é cultura, religião e tradição herdadas de negros e negras escravizados e de seus descendentes. É, de longe, o principal eixo de resistência do negro no RS, estado mais branco do país. Contudo, devido a uma trajetória de apagamento, resta o Batuque pouco presente na memória cultural gaúcha e brasileira. “Batuque” é ainda termo mal identificado pelo gaúcho médio.

Nós somos Batuque porque o colonizador lá nos chamou de Batuque porque a gente fazia barulho com a tambor, e a gente positivou e assumiu o Batuque como religião.

(TVCultura, 2020, entrevista de **Babá Diba de Iemanjá**)⁷

Como descreve Babá Diba de Iemanjá acima, “Batuque” é um termo antropofágico. Os negros gaúchos, devido a sua cultura e religião, eram denominados diuturnamente como batuqueiros e feiticeiros, devido aos sons e às magias de seus rituais. Receberam rótulos de uma sociedade discriminatória e branca. Rótulos que, após recebidos, foram deglutidos e expelidos pelos mesmos negros, mas agora com sua forma de expressão. Positivados, como diz Pai Diba. Se outrora a autoidentificação como batuqueiro era uma realidade êmica, apenas os adeptos se tratavam assim, hoje é cada vez mais identidade apresentada. Além de Batuque, tratam da mesma experiência religiosa identificações como “Nação” ou “Religião”. Assim, se alguém consultar sobre a espiritualidade do outro e obtiver como resposta: “sou batuqueiro”, “sou de Religião” ou “sou de Nação”, deve concluir o mesmo: identifica-se como adepto da tradição afro-gaúcha.

Batuque tem suas divindades, rituais iniciáticos, e fundamentos religiosos. As divindades cultuadas são os Orixás e o panteão padrão contém 12 deles: **Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá**. Com a mesma cosmovisão Iorubá, o Batuque também reconhece um Deus supremo e criador, conhecido como **Olorum**, senhor do céu, ou **Olodumare**. Contudo, Olorum não possui culto próprio e não apresenta uma postura moralizante como na tradição judaico-cristã. Na **Tabela 1.3**, Pai Marco de Xangô apresenta uma descrição resumida de cada Orixá.

Todas pessoas possuem seu Orixá regente, denominado como “Orixá de cabeça” ou “Orixá de Ori”, é a divindade mais influente na vida de cada pessoa. Subsequente ao Orixá de Ori, está o *Orixá do corpo* ou *ajuntó*, tal divindade tem o segundo papel mais preponderante na vida do adepto e comumente, se diz, “casa” com o Orixá de Cabeça. Por exemplo, quem tiver um Orixá de Ori feminino muito provavelmente terá seu *ajuntó* masculino. Além disso, há um terceiro Orixá presente na vida do indivíduo. O “Orixá dos pés” ou “passagem”,

⁷Disponível em: [youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E](https://www.youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E). Acesso em: 02 de ago. de 2025

a depender da família, o qual é responsável pelos caminhos do adepto. Para maioria das pessoas, o Orixá Bará é o *Orixá dos pés*.

A saber, no Candomblé estão presentes as Nações Jeje, Ketu e Angola. O Xangô de Pernambuco tem, ao que consta, as Nações Nagô e Xambá. No Batuque não é diferente, estão presentes as Nações Cabinda, Ijexá, Jeje, Oyó e Nagô⁸. As Nações referidas, muitas vezes chamadas de *lados*, possuem singularidades rituais como culto a alguns Orixás, rezas, oferendas, ritmos e outros. Contudo, existe um tronco fundamental que une todas as Nações, por exemplo: rezas compartilhadas, panteão dos principais Orixás, sacralização de animais em pedras sagradas, vestimentas e outros. Mesmo com os diferentes *lados*, o olhar do leigo seria incapaz de dissociar adeptos de Nações distintas. Aponta-se normalmente que essas Nações possuem influências de suas etnias de origem. Exemplo: Ijexá foi originado de escravizados Iorubás da cidade de Ijexá; Jeje foi formado por indivíduos Ewe/Fon; e assim por diante. Apesar de existirem evidências nesse sentido, que são discutidas ao longo do texto, muitas influências são compartilhadas. Por exemplo, quase a totalidade das casas batueiras possuem rezas no ritmo Jeje e as rezas das casas Jeje tem o iorubá como idioma de origem principal. Vale mencionar que o Batuque, ao que se sabe, é a única diáspora que conta com uma Nação denominada Oyó, conexão evidente com o secular reino de Oyó das terras nigerianas⁹.

Como religião, o Batuque é iniciático, não-messiânico (não aguarda qualquer enviado divino), não-missionário (não estimula a difusão da fé nem conversão de fiéis) e ignora a existência de qualquer escritura sagrada. As diferentes iniciações marcam a trajetória espiritual do adepto, são elas: *omieró*, *aribibó*, *bori*, *assentamento* de Orixá e *apronte*¹⁰.

O primeiro passo, então, no nosso terreiro, é a iniciação através do ritual que nós chamamos de Aribibó. A segunda etapa de uma obrigação mais comum, é o Bori. É quando a pessoa faz o ritual pra o seu Ori, a sua Cabeça [...] Aí então depois ela [pessoal] pode fazer o assentamento do seu Orixá... e depois que ela sentou o Orixá, por vontade dos Orixás, [ou] orientação do babalorixá ou da ialorixá, então ela pode vir — quem sabe — a receber um título de babalorixá ou ialorixá.

(TVCultura, 2020, entrevista de **Pai Dieison Pereira de Xangô**)¹¹

Resumidamente, *omieró* ocorre como o primeiro contato do adepto à religião, é quando tem sua cabeça lavada com ervas rituais de acordo com seu Orixá regente. *Aribibó*, ou *oribibó*, é a primeira obrigação¹² em que o adepto tem contato com o *axorô* (sangue sangrado), após a sacralização de pombos que simbolizam o Ori ou Orixá Oxalá, patrono dentre todos Orixás e senhor da benevolência e sabedoria. *Aribibó* pode ser facultivo de acordo com cada

⁸Outras Nações são mencionadas segundo o conhecimento de alguns sacerdotes antigos. Esse assunto é tratado ao longo da obra.

⁹Este fato foi inclusive recentemente reconhecido pelo próprio *Aláàfin* (rei de Oyó) (Óyó, 2020)

¹⁰Ler seção 1.5 para maior explanação sobre as iniciações

¹¹Disponível em: [youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E](https://www.youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E). Acesso em: 02 de ago. de 2025

¹²Obrigação é um termo popularmente utilizado no sentido ritual iniciático realizado.

família religiosa. *Bori* pode ser considerada a obrigação mais importante que um iniciado deve realizar, o verdadeiro nascimento para o culto aos Orixás e intronização inequívoca do indivíduo na família de santo. É o momento em que se sacralizam aves em homenagem ao *Orixá de Ori* do adepto. O próximo grande passo é o *assentamento* de Orixá, iniciação a qual nem todo adepto precisa passar. Momento de oferta dos *quatro pés*, animais quadrúpedes¹³. O axorô dos *quatro pés* em contato com o *ocutá* — pedra sagrada — e implementos de cada Orixá constituem o assentamento, local físico de grande concentração da energia vital do Orixá, o **axé** (âṣẹ).

Axé é a energia sagrada que tudo permeia, a verdadeira essência divina. O caminho espiritual do adepto é, como em outras religiões, vincular-se ao sagrado, mas no contexto batuqueiro pode ser entendido como conhecer-se e entregar-se aos designios do axé. Por fim, aqueles iniciados que forem apontados por possuir o caminho da orientação, poderão passar pelo *apronte*, momento ritual em que o batuqueiro recebe o reconhecimento de sua família como um novo sacerdote, um novo Pai ou Mãe de Santo, um novo representante de Orixá na Terra. Nessa ocasião, são entregues pelo sacerdote que o iniciou os últimos implementos necessários para permitir a *feitura* de novos Orixás e a comunicação sagrada, o axé de faca e o axé de búzios. A partir daí todas obrigações foram concluídas e está o novo sacerdote apto a iniciar novos adeptos.

No Batuque não existe cargos. A autoridade máxima é o babalorixá, a ialorixá. Quando muito a gente fala em mãe pequena ou pai pequeno, aqueles que estão mais próximos do babalorixá e que ajudam, é... a organizar o espaço, porque é um espaço de coletividade, bom, tem que ter pessoas que organizem... A vida vai dando cargos, tem pessoas que se afinizam mais com a cozinha, por exemplo, pra fazer a comida do santo. Tem pessoas que se afinizam, bom, com o tambor. Nós temos o alabês, os ogás, são os tocadores e cantadores. Mas cargos, específicos, não... nós não temos.

(TVCultura, 2020, entrevista de **Babá Diba de Iemanjá**)¹⁴

A estrutura das comunidades no Batuque é semelhantemente a de uma família: possui Pais ou Mães de Santo (Babalorixás ou Ialorixás), filhos de santo, tios de santo, avós de santo, padrinhos, afilhados e assim por diante. Hierarquicamente, uma família de santo tem apenas a figura central do sacerdote e, submetidos a ele, os filhos de santo. De maneira informal, existem vínculos de respeito dentre os filhos de santo de acordo com a obrigação ou com o tempo de iniciado. A hierarquia do Batuque difere da encontrada no Candomblé, que possui diversos cargos que estruturam a família de santo e estabelecem responsabilidades determinadas para cada filho.

Como em qualquer religião que cultua Orixás ou Voduns¹⁵ — não apenas as diásporas supracitadas¹⁶, mas também a Santeria cubana, Vodu haitiano e as tradições presentes no Benim e Nigéria — existe no Batuque a possessão

¹³Usa-se em geral cabras, bodes, porcos, ovelhas e carneiros.

¹⁴Disponível em: [youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E](https://www.youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E). Acesso em: 02 de ago. de 2025

¹⁵Divindade de origem Ewe/Fon semelhante aos Orixás, entidades divinas e naturais.

¹⁶Candomblé, Tambor de Mina e Xangô de Pernambuco

do Orixá, reconhecida como *ocupação*. Pai Diba auxilia na compreensão da *ocupação*:

No Batuque a gente não incorpora. O Orixá habita. Ele mora na gente, *nossa corpo é o altar vivo do Orixá*. Então, o Orixá se manis-festa. É diferente dos ritos de Umbanda, por exemplo, que vem um espírito de fora e te pega e incorpora [...] No Batuque, Ele [Orixá] poderá se manifestar ou não... e quando Orixá se manifesta, **existe um tabu no Rio Grande do Sul [Batuque]** que a pessoa não pode saber de forma alguma que o Orixá se manifestou nela. Isso faz com que a pessoa não se confunda com a Divindade, não estimula as vaidades individuais em função da Divindade que se manisfesta.

Pai Dieison, na mesma entrevista, completa: “Por essa questão que não se tem imagens de... pessoas no Batuque incorporadas/ocupadas com o Orixá” (TVCultura, 2020)¹⁷. O tabu da *ocupação* é majoritariamente reconhecido como fundamento no Batuque, fato esse que o distingue das demais religiões correlatas. A ignorância dos adeptos em relação à própria *ocupação* é central e o desrespeito a ela significa desrespeito ritual. O fiel digno sequer preocupa-se com tal tabu, pois a possesão é um assunto que não lhe concerne. É fundamento porque caracteriza o próprio Batuque e ajuda na sua identificação entre os pares. Se uma família de santo, por exemplo, deliberadamente decidir romper o segredo da *ocupação* e informar a seus filhos e irmãos que estes recebem Orixá, a comunidade batuqueira não mais reconheceria tal família como parte do culto. É ponto nevrálgico de identificação e singularidade do Batuque. Mas como pode um adepto não identificar a posseção do próprio corpo? — perguntaria um leigo interessado. Resta falar que é tal tabu um verdadeiro segredo da fé. Fato que, é preciso mencionar, também intriga muitos adeptos, porém o tempo o demonstra verdadeiro. É apresentação perene da potência do Orixá, governante do axé. É experiência dada, ôntica e não-explicativa. É a dissolução do mundano que inquire do sagrado que existe.

Espíritos estão também presentes no Batuque, mas de modo restrito e diferenciado de outras experiências como a Umbanda ou o Espiritismo. Homenageia-se os ancestrais falecidos, eguns, em festas conhecidas como *arissum* ou mesmo missa de eguns. Esses rituais são restritos a alguns adeptos com mais tempo de iniciação e a momentos específicos, como o falecimento de um iniciado. Como é a ancestralidade um pilar para as tradições de matriz africana, esses rituais são símbolos do respeito àqueles que transmitiram os seus saberes e se encaminham para o novo-nascimento.

A grande maioria das casas de culto no Rio Grande do Sul, pertencem à Linha-Cruzada. Sua característica principal é reunir, no mesmo templo, mas ocupando divisões espaciais separadas, e cultuadas em momentos também separados, entidades da Umbanda e do Batuque, acrescentando ainda a “parte dos exús” da própria Linha-Cruzada [Quimbanda], de possível inspiração na Macumba do Rio de Janeiro. [...] (Corrêa, 2016, pg.61, grifo do autor)

¹⁷Disponível em: [youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E](https://www.youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E). Acesso em: 02 de ago. de 2025

Como descrito pelo professor Norton Corrêa acima, a maioria dos terreiros de Batuque no RS também professam outras religiosidades, principalmente a Umbanda e a Quimbanda. A razão de ser tão comum tal coexistência foge do escopo deste livro, mas é recomendada a leitura da referida obra do prof. Norton. Nas casas que seguem essa religiosidades em conjunto, a figura do Pai ou Mãe de Santo representa o sacerdócio tanto para o Batuque quanto para a Umbanda e Quimbanda, mas em momentos distintos. Essa separação é comum e intuitiva à comunidade batuqueira. Contudo, é natural que a coexistência gere confusão para os leigos acerca de quando começa a Umbanda e quando termina o Batuque. Vale a oportunidade para ressaltar que são cultos com rituais e cosmovisões distintos. Apesar de ser uma evidência ainda não comprovada, é cada vez mais comum a existência de casas que cultuem Quimbanda dissociada da Umbanda, como também casas que cultuem exclusivamente o Batuque.

Além das experiências religiosas, o Batuque também é território e comunidade. A família de santo reúne-se no terreiro, local em que ocorrem as festividades e normalmente reside o sacerdote ou a sacerdotisa. No terreiro, são erigidos templos para Orixás que protejam o território e a família de santo, como as casinhas de Bará Lodé, Ogum Avagã e Oyá Timboá/Dirã. São também implementados diversos amuletos de proteção e limpeza espiritual, conhecidos como *calçamentos*. Em uma lógica circular, muitos dos resíduos (orgânicos) produzidos são ritualmente devolvidos à própria terra da casa de santo, são *plantados*. O terreiro não é apenas local de confraternização, é ambiente preparado cuidadosamente para a recepção e o auxílio.

A família religiosa integra o cerne da comunidade do terreiro e tem fortes vínculos de união. Não é incomum, por exemplo, a autoridade de uma Mãe ou Pai de Santo suplantar a de uma mãe ou pai *carnal*¹⁸. Na comunidade de matriz africana também estão integradas a vizinhança do terreiro, com seus diferentes credos, e a clientela, que procura os serviços da casa de santo para auxílio espiritual. Com a comunidade são compartilhados todos os alimentos produzidos após os abates tradicionais e permitido o acesso livre aos Orixás durante as festas para a recepção de votos de clareza, sabedoria e orientação espiritual. Por esses motivos apresentados, o Batuque, conjuntamente com as outras diásporas, não é apenas uma religião, mas também uma *tradição de matriz africana*.

1.3 Levantamentos

1.3.1 Início do século XX

Carlos Galvão Krebs foi um reconhecido folclorista da primeira metade do século 20. Junto com o professor Dante de Laytano, também folclorista, os dois foram pioneiros no estudo dos terreiros de Batuque no Rio Grande do Sul. Ambos produziram significativo documentário sobre as casas de santo da época: realizaram entrevistas, fotografias e pesquisas por anos a fio de Pais e

¹⁸termo comumente utilizado pelo batuqueiro para marcar a distinção da família religiosa da consanguínea

Mães de Santo da época. Seguindo o mau exemplo de Nina Rodrigues, reconhecido eugenista, Carlos Galvão Krebs reproduziu a interpretação de ser a possessão por Orixá (*ocupação*) — fundamento central e sagrado para os adeptos — uma psicopatologia, fato que desabona parcialmente o seu currículo. Contudo, as informações registradas foram pioneiras e devem ser lidas, com olhar atento, como fontes fidedignas. Dentre as renomadas sacerdotisas consultadas estão: Mãe Andrezza de Oxum, Mãe Apolinária de Iansã, Mãe Ester de Iemanjá e Mãe Moça de Oxum.

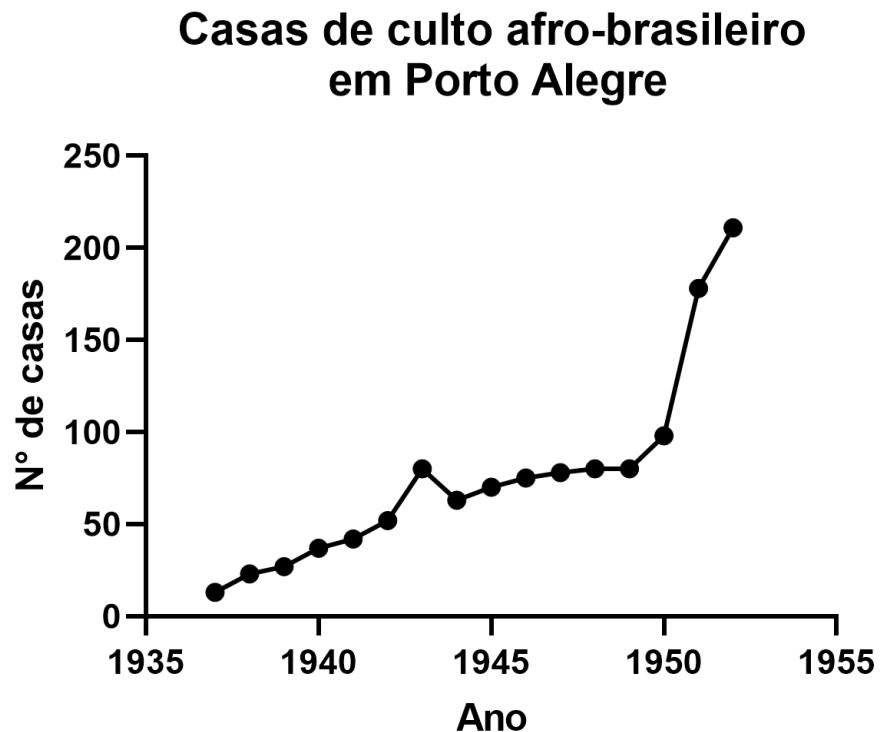


Figura 1.1: Número de casas de culto afro-brasileiro em Porto Alegre. Adaptado da tabela produzida pelo folclorista Carlos Galvão Krebs (Krebs, 1988).

Na obra “Estudos de Batuque” publicado pelo extinto Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, Krebs (1988) apresenta uma tabela com o número de casas de culto afro-brasileiro entre os anos 1937 e 1952 na cidade de Porto Alegre. Os dados da referida tabela foram adaptados para gerar a **Fig. 1.1**. Tal recenseamento foi realizado, aparentemente, por iniciativa própria, mas acabou negligenciado pelos órgãos competentes e abandonado após 1952. Em 1937, foram registradas 13 casas de culto afro-brasileiro; enquanto que em 1952, registraram-se 211. Ocorreu, então, um aumento de aproximadamente quinze vezes no período analisado. Os métodos e critérios utilizados por tal esforço de recenseamento restam desconhecidos, tornando inviável a ponderação sobre a precisão dos resultados. De toda maneira, foi um esforço pioneiro e importante para o registro histórico.

Na obra “A Igreja e os Orixás”, Laytano (s/d) informa que, de acordo com levantamentos do Departamento Estadual de Estatística, Porto Alegre possuía 42 “centros de religião africana” em 1942. Nos anos anteriores, eram 27, 30,

33 e 37. Já na década de 60, época provável da publicação da obra, o autor afirma que Porto Alegre contava com, pelo menos, 124 terreiros (Laytano, s/d, pg. 33).

Na tabela redigida por Krebs (1988) são informados 52 terreiros em Porto Alegre em 1942, dez a mais do que os 42 centros de religião africana relatados por Laytano (s/d). Além disso, Laytano aponta 124 terreiros na década de 60, número provavelmente impreciso por ser muito menor do que os 211 registrados por Krebs em 1952. Os levantamentos estatísticos da época talvez não sejam perfeitamente comparáveis, mas apresentam uma forte ascenção do número de terreiros já na primeira metade do século 20.

1.3.2 Contemporâneos

Após os esforços mencionados acima, houve um intervalo de aproximadamente meio século que representou um apagão de informações sobre casas de religião de matriz africana no Rio Grande do Sul. Citam-se a seguir algumas iniciativas realizadas pelo município de Porto Alegre. Além destas, recenseamentos do IBGE, que serão apresentados na sequência, apresentam dados que tangenciam a realidade de adeptos das tradições próximas à categoria “Umbanda e Candomblé” oficialmente utilizada.

Entre 2006 e 2008 o Gabinete de Políticas Públicas para o Povo Negro da Prefeitura de Porto Alegre realizou o “Censo de Casas de Religião Afro de Porto Alegre”. Apesar de não ser o primeiro esforço para mapear os terreiros da cidade, foi um importante levantamento que apontou a existência de **1290 terreiros** no ano de 2008 no município de Porto Alegre (Oro, 2012). Infelizmente, o gabinete responsável pelo censo foi extinto e os resultados nunca foram publicados na íntegra.

Já em 2011, por iniciativa da Secretaria de Promoção de Políticas de Igualdade Racial (SEPPIR), foi realizada a “Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros” que mapeou os terreiros da região metropolitana de Recife, Belém, Belo Horizonte e Porto Alegre. Nessa pesquisa também foi analizada a situação socioeconômica das casas de religião de matriz africana, como acesso a água e esgoto, segurança alimentar, escolaridade e outros. Foram levantadas **1342 casas** de comunidades tradicionais de terreiro na região metropolitana de Porto Alegre, sendo que **830** identificaram “Batuque” como sua denominação (Desenvolvimento Social e Combate à Fome. BRASIL, 2011). Essa pesquisa não tinha a pretensão de ser um levantamento censitário, ou seja, não pretendia analisar a totalidades das casas de santo. Por essa razão, encontrou apenas 830 casas identificadas com o Batuque em uma região ampla que abrange Porto Alegre, Viamão, Alvorada, Canoas, Cachoeirinha e outros municípios¹⁹.

Apesar do esforço de realização do recenseamento em 2008 pela Prefeitura de Porto Alegre ter sido interrompido, recentemente foi aprovada pelo município de Porto Alegre a Lei 13.701/2023, que cria o “Programa Censo de Inclusão das Religiões de Matriz Africana no Município de Porto Alegre”. Tal

¹⁹É possível acessar os terreiros registrados na pesquisa em https://www.mapeandoaxe.org.br/cd/paginas/terreiros_portoalegre.htm. Acesso em: 21 de ago. de 2025

lei tem por objetivo identificar a quantidade e o perfil socioeconômico das pessoas que praticam religiões de matriz africana e desenvolver políticas públicas direcionadas. A lei previu o primeiro recenseamento para o ano subsequente ao da sua publicação, fato que já está em atraso. Após, os recenseamentos deverão ocorrer em ciclos de 5 anos. É central que outros municípios, ou mesmo o estado do Rio Grande do Sul, estabeleçam legislações semelhantes e que as autoridades tradicionais de matriz africana pressionem os órgãos competentes para o cumprimento das previsões legais.

1.3.3 IBGE

O Censo Demográfico de 2022 confirmou um fato já conhecido: o Rio Grande do Sul é o estado mais branco do país. O estado conta com 78,4% de sua população residente autodeclarada branca e 21,2% autodeclarada negra²⁰. Para constar, os três estados com maior população negra foram, em ordem descrecente: Bahia (79,7%), Pará (79,6%) e Maranhão (79,0%).

Tabela 1.1: População com religião “Umbanda ou Candomblé”, Censo Demográfico 2022, IBGE.

UF	Umbanda ou Candomblé	Total ¹	(%)	(%) Homens ²	(%) Mulheres ²
RS	306.493	9.606.782	3,19	42,6	57,4
RJ	365.452	14.143.202	2,58	42,2	57,8
SP	576.339	39.164.502	1,47	42,6	57,4
BA	123.322	12.289.468	1,00	43,5	56,5
DF	20.995	2.466.163	0,85	42,2	57,8
Brasil	1.849.824	176.600.150	1,05	43,3	56,7

¹ População com 10 anos ou mais de idade em 2022.

² Percentual referente a população que identifica sua religião como “Umbanda e Candomblé”.

Referentemente à religião, o Rio Grande do Sul é o estado com maior parcela relativa da população que identifica sua religião como “Umbanda ou Candomblé” (**Tabela 1.1**). Tal religião conta com forte influência cultural negra. Além disso, é a categoria mais próxima ao Batuque e provável escolha dos adeptos durante o recenseamento. Infelizmente, as pesquisas realizadas pelo IBGE não são capazes de abordar especificamente o Batuque, fato que dificulta o reconhecimento dessa população e a formulação de políticas públicas.

As 306.493 pessoas de religião “Umbanda ou Candomblé” representam 3,19% da população do RS. Os outros quatro estados com maior parcela dessa categoria de religião são: RJ (2,58%), SP (1,47%), BA (1,00%) e DF (0,85%). Já em termos absolutos, a população de religião “Umbanda ou Candomblé” do estado do Rio Grande do Sul é a terceira maior do país, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro.

A população praticante de “Umbanda ou Candomblé” é majoritariamente feminina. Com pouca variação entre os cinco principais estados e a média

²⁰Considerando “negra” como o critério adotado pelo IBGE que agrupa a autodeclaração de cor ou raça “preta” e “parda”.

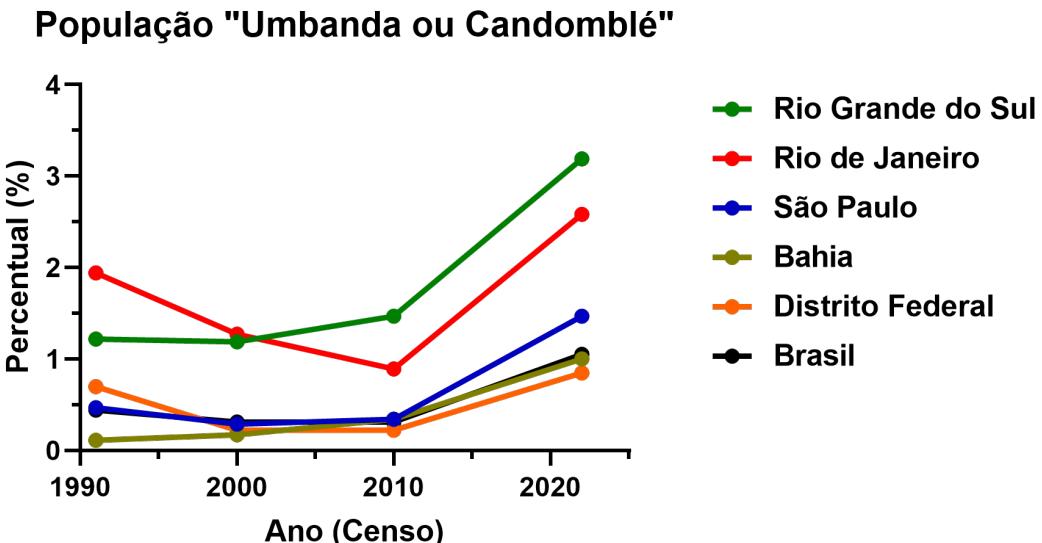


Figura 1.2: População adepta de “Umbanda ou Candomblé”, IBGE. Evolução do percentual populacional que identifica sua religião como “Umbanda ou Candomblé”. Censos de 1991, 2000, 2010 e 2022 realizados pelo IBGE. Verde, Rio Grande do Sul; Vermelho, Rio de Janeiro; Azul, São Paulo; Amarelo escuro, Bahia; Laranja, Distrito Federal; Preto, Brasil.

nacional, homens representam cerca de 43% e mulheres cerca de 57% dos praticantes. Fato que referenda a forte presença feminina em religiões de matriz africana.

Ao longo do tempo, o estado do RS também foi o que mais cresceu na população identificada como “Umbanda ou Candomblé” no período entre 1991 e 2022 (**Fig. 1.2**). Em 21 anos, o Rio Grande do Sul cresceu em 1,22 p.p.²¹, sendo que estados como Rio de Janeiro ou Bahia cresceram apenas 0,64 e 0,89 p.p. no mesmo período, respectivamente. A média brasileira de crescimento da parcela “Umbanda ou Candomblé” no período referido é de 0,61 p.p. No estado do RS, as dez cidades com maior população de praticantes de “Umbanda e Candomblé” estão apresentadas na **Tabela 1.2**. Estas dez cidades representam 65% da população de praticantes de “Umbanda e Candomblé” no estado. O fato dessas cidades também serem os principais centros urbanos do estado demonstra que praticantes de religiões como Umbanda, Quimbanda, Batuque e outras concentram-se, principalmente, nos perímetros urbanos. A cidade de Porto Alegre conta com a maior população absoluta de praticantes: 75.744.

Os municípios de Viamão (9,32%), Rio Grande (9,28%) e Alvorada (8,99%) são as cidades da lista com maior representação de sua população como praticante de “Umbanda ou Candomblé”. Em uma análise mais apurada, encontrou-se que Viamão, Cidreira, Rio Grande e Alvorada, respectivamente, são as quatro cidades com a maior porção de sua população praticante de “Umbanda ou Candomblé” de todo o Brasil. Como se não bastasse, 41 dentre as 50 cidades com maior percentual de praticantes são gaúchas. Ainda,

²¹Pontos percentuais.

Tabela 1.2: Dez cidades do RS com maior população com religião “Umbanda ou Candomblé”, Censo Demográfico 2022, IBGE.

Cidade (RS)	Pop. Total ¹	Umbanda ou Candomblé	(%)
Porto Alegre	1.191.682	75.744	6,36
Pelotas	288.622	20.207	7,00
Viamão	196.217	18.281	9,32
Canoas	305.506	16.744	5,48
Rio Grande	168.424	15.628	9,28
Alvorada	161.020	14.471	8,99
Gravataí	233.260	11.070	4,75
Santa Maria	241.467	10.249	4,24
Caxias do Sul	410.868	9.571	2,33
Bagé	103.394	7.526	7,28

¹ População com 10 anos ou mais de idade em 2022.

dentre as dez cidades com maior parcela de adeptos de “Umbanda ou Candomblé” do Brasil, apenas Mongaguá (SP) não pertence ao Rio Grande do Sul. Pelotas, Rio Grande e Porto Alegre são apontadas como o berço formador do Batuque, e seguem sendo ainda grandes centros de praticantes de “Umbanda e Candomblé”, como deferido pelos dados do IBGE.

Como se vê, a presença do negro no estado e sua influência religiosa gerou fenômenos constatados por diferentes pesquisas em diferentes épocas. Desde os levantamentos apontados pelo professor Krebs na primeira metade do século 20 até o Censo Demográfico de 2022, a tendência é de aumento da população vinculada às tradições de matriz africana. Os dados apontam consistentemente o Rio Grande do Sul como o grande centro de religião de matriz africana do país, mesmo sendo o estado mais branco e com marcado histórico racista. Sendo o Batuque o símbolo inequívoco de tradição de matriz africana no RS, é, provavelmente, o grande responsável por tais fenômenos.

Com todas informações disponíveis, é possível sugerir que o Batuque é a religião — ou tradição — de matriz africana²² de maior população do Brasil. Essa afirmativa não é perfeitamente segura por dois motivos: (i) o IBGE não realiza qualquer distinção que permita discriminar as populações de religiões de matriz africana e (ii) o Candomblé, grande símbolo da religiosidade de matriz africana no país, tem número considerável de praticantes não apenas na Bahia, mas também no Rio de Janeiro e São Paulo. De toda maneira, é premente que os órgãos competentes dos municípios gaúchos, do estado do Rio Grande do Sul e o IBGE desenvolvam pesquisas focadas e com distinção clara das religiosidades. Infelizmente, o gaúcho médio não-umbandista ou não-batuqueiro é incapaz de reconhecer o Batuque como religiosidade de matriz africana local. Também é incapaz de distinguir o Batuque da Umbanda e do Candomblé. Tais incapacidades são fruto, primeiro, de um histórico racista e, segundo, de um apagão de informações das entidades mencionadas. O caminho para dirimir estas fragilidades está apontado e necessita esforço e

²²Considerando-se como religião/tradição de matriz africana o Candomblé, Batuque, Tambores de Mina, Xangô de Pernambuco e Macumba carioca.

união da comunidade de terreiro para exercer pressão junto às autoridades.

1.4 Termos de origem Iorubá e outros idiomas

Tabela 1.3: Significados dos nomes de cada Orixá do Batuque, segundo Pai Marco de Xangô. Idioma de origem: iorubá.

Orixá	Grafia	Significado/Descrição
Orixá	Órisà	Divindade do culto religioso tradicional Iorubá
Bará	Bara	Epíteto de Exu, Orixá mensageiro e senhor dos caminhos.
Ogum	Ògún	Orixá da guerra e da tecnologia, do ferro e chefe do clã dos caçadores.
Iansã	Yânsán	Título da Orixá Ọya que significa “A mãe dos nove filhos”.
Oyá	Ọya	Orixá ligada aos ventos e tempestades. 3ª Esposa de Xangô.
Xangô	Sàngó	Orixá da justiça. Deus dos raios, relâmpagos e trovões.
Odé	Ọdè	Significa caçador - No Batuque, Orixá ligado à caça, associado às florestas, às estratégias e à fartura.
Otim	Otin	Orixá guerreira, ligada à caça. No Batuque também associada à abundância. É vista como companheira e escudeira de Odé. Carrega um cântaro com água na cabeça, simbolizando seu domínio sobre a água dos rios.
Obá	Ọbà	Orixá - 1ª Esposa de Xangô. Rege as águas revoltas. Orixá aguerrido e potente, associada à verdade e que representa força, coragem, justiça e resistência
Ossanha	Ọsányìn	Orixá ligado à medicina das folhas.
Xapanã	Sànpònná	Orixá das doenças e suas curas.
Oxum	Ọṣun	Contração de “Ọṣe n’ibù omì” (Oxé na profundezas das águas). Orixá ligada aos rios e ao amor materno. 2ª esposa de Xangô.
Iemanjá	Ìyámónja, Yemonja, Yemoja, Yemanja	Orixá das águas. Seu nome significa “Mãe cujos filhos são peixes”.
Oxalá	Òòṣànlá	O grande Orixá - Epíteto de Ọbatálà, um dos Orixás primordiais, criador dos homens.

Pai Marco Antônio de Xangô Aganju (Bàbá Marco) é professor de Iorubá e iniciado do Batuque. Nascido no ano de 1966, é folclorista de formação e hoje atua como assessor jurídico. Tendo ingressado no Batuque ainda durante a infância na casa de Pai João Carlos de Oxum Olobá, manteve-se no mesmo axé durante todo sua vida espiritual. Nessa casa, realizou todos seus preceitos religiosos como *omieró*, *bori* (1983), *assentamento* de Pai Xangô (2002) e

apronte (2011). Pertencente a Nação Jeje Ijexá, é neto de Mãe Diva de Iemanjá, bisneto de Pai Manoelzinho de Xapanã e trisneto de Pai Paulino de Oxalá Efan.

Com uma visão tradicionalista e analítica, Babbá Marco é reconhecido pela comunidade como uma das principais autoridades em relação ao idioma iorubá no Rio Grande do Sul. Movido pela vontade do conhecimento, tem contato com o idioma há mais de quinze anos e já realizou diversos cursos. Desde então, tem crescido sua intimidade com o iorubá. Como estudante contínuo, criou seu repertório após analisar todos os principais dicionários iorubá-inglês ou iorubá-português, estudar gramáticas e manter contato com falantes nativos da Nigéria. Na posição de adepto e sacerdote do Batuque, apresenta uma visão ímpar no uso do idioma: contextualiza o uso de acordo com os significados simbólicos dos rituais. Alguns termos e epítetos de Orixá são utilizados, como ensina Pai Marco, apenas em contextos religiosos.

O iorubá é uma língua complexa e distante do português, sendo marcada por suas elisões e fonéticas. Com seus mais de 50 milhões de falantes em países como a Nigéria, Benim, Togo e outros, é uma língua ativa e viva. Também é considerado o idioma mais influente na formação das diásporas de matriz africana no Brasil e o seu conhecimento básico é visto hoje como de importância ritual. A maioria do povo de matriz africana no Brasil desconhece o iorubá, mas dentro de sua fé mantém vivos os termos e os cânticos que dele se originam.

No livro, Babbá Marco aceitou assinar esta seção da Introdução onde apresenta alguns significados de palavras com importância ritual para o batuqueiro. As tabelas podem ser utilizadas pelo leitor como um guia da origem dos termos utilizados no Batuque. Tal aceite deixa o autor duplamente honrado: primeiramente por permitir apresentar um conteúdo que sozinho não seria capaz de realizar e, em segundo lugar, por reforçar a admiração que tem o autor em seu Pai de Santo, cultivada desde o dia em que se conheceram.

O livro não tem pretensão de descrever e ensinar o uso do idioma iorubá, porém alguns esclarecimentos são dignos de nota. Sendo uma língua tonal, o tom de cada sílaba muda o sentido da palavra. Por exemplo, as palavras *Ógùn*, *ogun*, *Ògún* e *ogún* significam, respectivamente, o nome de um rio, “guerra”, Orixá da guerra e “vinte” mas em todos esses casos seria pronunciado igualmente no português: /ogum/. Os acentos são indicativos dos tons a serem utilizados (baixo, médio e alto). O ponto embaixo de algumas vogais indica som aberto, semelhantemente ao uso do acento agudo no português, como nos casos **A**, **E** e **Q**. De maneira ilustrativa, a palavra “pé” do português seria escrita foneticamente /pẽ/ no iorubá (a tradução correta de pé é *esè*).

No alfabeto iorubá estão ausentes as consoantes **C**, **Ç**, **Q**, **V**, **X** e **Z**; mas há a inclusão da consoante **GB**, inexistente no alfabeto português. O português desconhece o fonema gerado pela consoante **GB**, um som que começa gutural e “explode” na boca unindo os sons das letras G e B²³. Outra consoante presente no iorubá é o **S** e possui o mesmo som de X do português. A palavra *àsè*

²³Um exemplo interessante de linguística se mostra na palavra *agbè*, que significa “cabaça”. No Candomblé, chama-se o instrumento feito de cabaça com miçangas de “abê”, já no Batuque o mesmo instrumento é chamado de “agê”. Abê e Agê originam-se potencialmente da mesma palavra *agbè*, como não existe o fonema gerado pela consoante **GB** no português, cada diáspora usou uma das duas possíveis adaptações. Esta é uma sugestão linguística do autor, necessita maior análise de profissionais da área.

pronuncia-se /axé/.

O fonema gerado pelas letras **QN** tem pronúncia de /an/. Por essa razão, as palavras *Yemonja* e *Sànpònná* foram adaptadas para Iemanjá e Xapanã. Além disso, a pronúncia de *Ipondá* é /ikpandá/²⁴ que acabou adaptado no Batuque como Pandá, Qualidade do Orixá Oxum. Por ser o iorubá um idioma vivo, está ele sujeito a mudanças e adaptações. Antigamente o Orixá Xangô era escrito como *Songó*, mas hoje se escreve *Sàngó*. Essas informações gerais foram retiradas das apostilas produzidas por Pai Marco de Xangô para ministrar seus cursos de iorubá.

A grafia e a descrição dos nomes dos Orixás do Batuque estão descritos na **Tabela 1.3**. As traduções e grafias de termos utilizados no livro são apresentados na **Tabela 1.4**, que possui termos utilizados no texto, mas inclui também outros de relevância para o Batuque. Esses termos adicionais foram gentilmente acrescentados por Pai Marco. Para finalizar, Pai Marco sugeriu, segundo seu conhecimento, o idioma de origem, grafia e descrição de alguns termos relevantes para o Batuque, mas que não se originam do iorubá (**Tabela 1.5**).

Tabela 1.4: Significados de termos relevantes ao Batuque, segundo Pai Marco de Xangô. Idioma de origem: iorubá.

Orixá	Grafia	Significado/Descrição
Abadô	Àgbàdo	Milho
Abicu, becu	Àbíkú	Criança a qual acredita-se que está destinada a morrer para que possa voltar à vida novamente.
Abidarê	Abídáre	Aquele que nasce para decidir
Acará	Àkàrà	Pão, bolo, bolo de feijão. No Batuque, significa “bola de fogo” (algodão embebido com dendê ou mel, em chamas acesas), a qual é utilizada para a confirmação da manifestação do Orixá em uma pessoa.
Adaque	Adáké	Aquele que fica quieto, pessoa silenciosa, calada. Epíteto do Orixá Èṣù.
Adeí	Adéhìn	Aquele que voltou
Adiokô	Ajíoko	Aquele que desperta a plantaçāo
Adiolá	Ajíòlà	Aquele que desperta para a prosperidade.
Aganjú	Agànjú	Orixá ligado às montanhas, à beleza, às artes, ao combate, à opressão e à justiça. 5º Aláàfin de Oyó.
Agelú	Àjèlù, Ìjèlù	Aquele que cria um caminho para os outros seguirem. Desbravador. Título do Orixá Èṣù. Localidade em Ekití, Nigéria.
Agodô	Àgòdó, Ògòdó	Aquele que senta no pilão.
Akiolá	Akíòlà	Aquele que encontra a prosperidade.
Alabedé, Olobedé	Alágbèdè, Ológbèdè	Senhor dos Ferreiros. Qualidade de Ògún.
Alaroiê	Aláròyé	Título do Orixá Èṣù. Significa O Grande comunicador
Alaxe	Aláṣẹ	Dono/Senhor do Axé

²⁴fonema de **P** no iorubá é algo semelhante a /kp/.

Apejó	Àpèjo	Assmbléia, reunião, congresso.
Arissum	Arísùn	Aquele que fica sem dormir; noite em vigília.
Axé	Àṣẹ	1. Poder Espiritual, que traz força dinâmica em estar no Universo. A palavra também é usada no final das orações e significa “que assim seja”. A expressão destina-se a ser uma chamada, em vez de um pedido.
Axere	Aṣeré	Brincalhão
Axorô	Àṣóró	Faca pontuda ou ponta da faca
Babá	Bàbá	Pai
Bamboxê	Bámboṣé	Ajuda-me a carregar o Oxê (Machado de Xangô, o qual possui dois gumes, simbolizando a imparcialidade da justiça)
Barualofina	Gbáarú	23º rei do império de Oió
	Aláàfin	
Barum	Gbáarú	23º rei do império de Oió
Bi	Bí	Nascer
Biomi	Bíomi	Nascido(a) da Água
Bocum	Bòkun	Carregar o mar
Bolá	Bólá	Encontra a riqueza
Borí	Bòrí	Cobrir a cabeça
Buruku	Búrúkú	Ruim, malvado, perverso
Cola Odê	Kòlá l'òde	Aquele que trás prosperidade da rua
Demum	Ìjémú, Ìjímú	Localidade na Nigéria
Dopan	Dupòn	Negro que leva nas costas
Ebí	Ìgbín	Caracol
Ebó	Èbò	Oferenda, sacrifício.
Egum	Eégún	Contração de egúngún. Espírito reencarnado de um ancestral.
Elebó	Elébò	Aquele que faz a oferenda
Eléfa	Eléfa	Aquele que atrai
Elégba	Èlégbà	Título do Orixá Èṣù o qual se refere ao seu bom caráter.
Elégbara	Èlégbára	Título do Orixá Èṣù o qual se refere ao seu poder.
Erú	Èrù	Carga, carregamento, carrego, fardo, peso.
Euê	Ewé	Folha, folhagem.
Euô	Èèwò	O que é proibido, proibiçao, tabu.
Exu	Èṣù	Orixá mensageiro
Foribalé	Foríbalè	Adorar, venerar, idolatrar, cultuar, prestar culto a, bairax a cabeça, curvar-se, tratar com reverência.
Fumiké,	Fúnmiké,	Dada a mim para cuidar, valorizar
Funiké	Fúniké	
Funmilaió	Fúnmiláyò	Me dá alegria; Dá alegria para mim.
Gué	Gé	Cortar
Ibeji	Ìbejì	Gêmeos, os quais são cultuados como Orixás vivos entre os iorubás.
Idê	Idé	Pulseira, bracelete. Metal, latao.
Ieiê Mi	Yèyé mi	Minha mãe
Ieiê Richê	Yèyé ríše	A mãe vê algo

Igbaé	íbà e	Saudação respeitosa a alguém mais velho ou superior
Igbomina	Ìgbómìnà	Região localizada na Nigéria
Ijexá	Ìjèṣà	Local no Estado de Oxum, Nigéria - Nação religiosa iorubá
Ilá	Ilà	Marca tribal na face. No Batuque, significa o grito realizado pelo Orixá ao chegar.
Inã	Iná	Fogo
Iyá	Ìyá	Mãe
Jacutá	Jàkúta	Aquele que lança, atira pedras. Um dos epítetos de Xangô.
Jeje	Jèjí	Estrangeiro - Denominação dada pelos iorubás para habitantes do antigo Império do Daomé.
Kaiodê	Káyòdé	Trás muita felicidade consigo.
Ladê	Ladé	Da coroa
Ladjá	Alàjâ	Pacificador(a)
Lanã	Lanà	Fazer um caminho
Lodê	Lòde	Da rua, do lado de fora
Luá	Olúwa	Dono, senhor
Luá Omi	Olúwa Omi	Senhor da água
Madiobé	Máajíòbẹ	Desperta a faca
Megê	Méje	Sete
Mi	Mi	Meu
Milaió	Miláyò	Alegria para mim
Mirê	Mire	Bençãos, boa sorte, bondade para mim
Miremi	Mirèmí	Espírito que me dá boa sorte
Nanã	Naná	Orixá feminino. Em algumas crenças é considerada a dona do barro primordial, do qual foi criado o corpo humano
Niké	Níké	Tem amor/cuidado
Obá	Obá	Rei, soberano
Obi	Óbí	Pais/progenitores
Obocum	Obòkun	No Batuque, Orixá aglutinado a uma das qualidades de Oxalá. Siginifica “Aquele que tirou uma porção do mar”
Ocí	Osí	Lado Esquerdo
Ocutá	Òkúta	Pedra
Olobá	Olóbá	Qualidade de Oxum. Cultuada em Ilobá na Nigéria.
Olocum	Olókun	Orixá dos mares e oceanos. Em algumas localidades é femino e outras, masculino.
Olokun	Olókun	Orixá dos mares e oceanos. Em algumas localidades é femino e outras, masculino.
Oloxá	Olósà	Orixá dos lagos.
Omi	Omi	Água
Omieró	Omi èrò	Água que apazigua/acalma
Onã	Ònà	Caminho, direção, curso, estrada.
Oni	Oní	Senhor/Dono

Onira	Onírà	Epíteto da Orixá Oya. Significa Senhora de Irà, localidade no estado de Kwara, Nigéria.
Ori	Orí	Cabeça
Orixá Ocô	Òrisà Oko	Orixá da Agricultura
Oromilaia	Órùnmìlà	Orixá ligado ao sistema divinatório
Oyó	Oyò	Cidade localizada no Estado de Oió, Nigéria. Antigo império fundado por Òránmíyàn, que durou séculos. Origem dos Orixás Dadá Ajaká, Xangô e Aganjú,
Pandá	Pöndá, Ipöndá	Aquela que cria abundâncias. Na Nigéria, <i>Ipondá</i> é utilizado como caminho de Oxum e também local de culto do Estado de Oxum.
Padê	Padé	Tipo de oferenda ao Orixá Exu. Significado: fechar, tapar, trancar, prender.
Taió	Tayo	Tornar-se proeminente
Talabi	Tàlàbí	Nascido(a) da pureza. Nome próprio utilizado em crianças do sexo feminino, as quais nasceram envoltas na membrana fetal. Quando são do sexo masculino, utiliza-se o nome Sálàkò.
Taladê	Tàlàde	Digno(a) da realeza
Toki	Tókì	Digno de ser louvado
Tolá	Tólá	Proeminente para o sucesso, para a prosperidade
Tolabi	Tólábí	Nascido da prosperidade
Undê	Ndé	Estar chegando
Yecari	Yékárí	A mãe é suficiente
Sobounde	Sogbo ndé	Sogbo está chegando
Xirê	Şiré	Brincar, divertir-se, disputar, jogar. Em alguns contextos, também significa festa.

Tabela 1.5: Significados de termos com idioma de origem diferente do iorubá que Pai Marco tem conhecimento.

Termo	Idioma / Etnia	Grafia	Significado/Descrição
Inquice	Bantu	Nkisi	Divindade
Sapatá	Fon	Sakpatá	Vodun ligado às doenças e suas curas
Sogbo	Fon	Sogbo	Vodun dos raios e trovões ligado à família de Hevioso
Timboá	Fon	Ating Bowá	
Nagô	Fon, Fongbè	Nago	Derivado do francês “Anagot” que significa piolhento. Apelido dado pelos Fon aos Iorubá.

1.5 Termos e jargões utilizados no Batuque

Para auxiliar a consulta do leitor leigo, abaixo está organizado um glossário de termos e jargões populares ao vocabulário batuqueiro. Ao longo do texto, estes termos são grifados em itálico para auxiliar a leitura.

- “**de Religião**”, “**de Nação**”: Utilizados pelos adeptos com o mesmo sentido de Batuque. “Eu sou de Religião”, isto é, a pessoa se identifica como adepta do Batuque. “Lá em casa tem Umbanda e Nação”, ou seja, o terreiro a que o adepto pertence cultua tanto a Umbanda quanto o Batuque.
- “**Pegar cabeça**”: Cada indivíduo possui o seu Orixá regente principal, que habita o Ori — cabeça — de cada um. Segundo certos sacerdotes, alguns Orixás de culto restrito não servem para iniciar adeptos. “Pegar cabeça” é muito utilizado no processo em que um filho de santo tem definido seu Orixá de Ori ou quando pergunta se são iniciadas pessoas para alguma divindade. “A Mãe tava jogando búzios e o Pai Ossanha e o Pai Xangô começaram a brigar para ver quem pegava minha cabeça”: adepto foi definir seu Orixá regente junto a sua Mãe de Santo e no processo do jogo de búzios os Orixás Ossanha e Xangô responderam como potenciais regentes. “Lodê não pega cabeça”: segundo a crença de quem fala, não se deve iniciar pessoas para Lodê (*Qualidade de Bará*).
- “**Quatro pés**”: Animais quadrúpedes utilizados para sacrifício. Cabrito/a, cabra/bode, carneiro/ovelha, leitão/leitoa.
- “**Ser feito por alguém**”: Indica o sacerdote ou sacerdotisa responsável pelas iniciações de quem fala. “Fui feito pela Mãe Maria”.
- **Ajuntó**: Dupla de Orixás que regem a cabeça e o corpo do adepto. Utilizado no sentido de união entre o *Orixá de Ori* e o *Orixá do corpo*, “Minha mãe Obá faz ajuntó com Bará”. Diz-se que há um “casamento” dos Orixás, “Meu Ogum casa com Iansã”. “Semana que vem enfim vou assentar meu ajuntó: Ossanha, Oxum”.
- **Apronte**: Último ritual iniciático do Batuque, momento que o iniciado torna-se um sacerdote e pode iniciar novos adeptos. Momento que recebe os *axés de faca e de búzios*. Quem passa pelo apronte é dito “pronto”. Além disso, utiliza-se *apronte* também para quem tem assentado o seu *ajuntó* (“Sou pronto de cabeça”) ou quem tem assentados todos Orixás (“Sou pronto de Bará a Oxalá”). Vale ressaltar que no texto o termo *apronte* é utilizado no sentido de ter *assentados* todos os Orixás necessários e ter recebido seus axés (faca e búzios), portanto, trata-se de um sacerdote.
- **Aribibó/Oribibó**: Para alguns ritual iniciático, para outros uma segurança de saúde. Comumente, consiste em marcar o adepto com o *axorô* de pombos. Quando ritual iniciático, é o primeiro contato do iniciado com o *axorô* e está associado a Ori ou Oxalá, patrono dentre os Orixás responsável pela sabedoria e benevolência. Quando segurança de saúde,

pretende acalmar os ânimos e impedir malefícios de alguma enfermidade, nesse caso, também chamado de "sanapismo". Em alguns casos, se pode utilizar outros tipos de aves além de pombos.

- **Assentamento:** Representação material de um Orixá. *Ocutá* e implementos simbólicos são consagrados ritualmente com uso de sacrifício para construir a nova morada sagrada do Orixá. "Eu assentei a Mãe Oxum ano passado".
- **Axé de búzios e axé de faca:** Últimos "axés" a serem recebidos por um iniciado de seu Pai ou Mãe de Santo. Nesse caso, "axés" no sentido de etapa iniciática. Como um padre que recebe sua ordenação. Axé de búzios permite que o novo sacerdote consulte os Orixás pelo jogo divinatório. Axé de faca permite ao novo sacerdote realizar a sacralização dos animais.
- **Axorô:** Sangue ritual dos animais sacralizados.
- **Bacia, Goa:** Família religiosa, ascendência mais próxima. "Qual a sua goa?", "Eu sou filha da Mãe Carmem, neta da Mãe Eloi, lá do Morro do Osso". *Bacia* pode ter conotação de ancestral mais ilustre: "Sou da bacia do Pai Cleon".
- **Balança:** Momento exclusivo da *festa de quatro pés*, em que apenas *prontos* de cabeça, que tem seu *Orixá de Ori assentado*, participam. De mãos dadas, dançam ritualmente para frente e para trás. Grande momento da festa e de chegada de muitos Orixás.
- **Batuque:** Aqui em letra maiúscula no sentido de identificação da religião/tradição de matriz africana.
- **Bori:** Principal rito iniciático do Batuque. Com sacrifício de aves, o novo iniciado é intronizado oficialmente na família de santo. Momento após o qual o adepto está apto a aprender a cozinhar, rezar e servir os Orixás.
- **Carnal ("mãe carnal"/ "pai carnal"):** Termo muito utilizado para separar a família consanguínea da família religiosa. No Batuque, é comum que um Pai ou Mãe de Santo exerça mais autoridade sobre um indivíduo do que seu próprio pai ou mãe. "Eu sou filho, carnal e de santo, da minha mãe". "A minha mãe carnal é a Otília, filha da Mãe Nora que também é minha Mãe de Santo. Sou irmão de santo da minha mãe carnal."
- **Egum:** Ancestral. Espírito de iniciados que já se foram, normalmente são cultuados apenas descendentes da família religiosa. Egum pode ser um guardião da sua família de santo. Alguns tem receio de "mexer" com egum. Rituais para eguns normalmente são fechados e restritos a *prontos*.
- **Feitura:** Conjunto de rituais que envolve um *assentamento* de Orixá. Rezas específicas, animais utilizados, comidas servidas, implementos adequados, *ocutá* correto e outros. Pais e MÃes de Santo são quem detêm o conhecimento suficiente para realizar a *feitura* de um Orixá.

- **Festa, xirê, batuque:** Festa tocada ao som dos tambores e regada a bebida e comida de Orixá (atã, carne assada, galinha com farofa, acarajé, amalá, cangica e outros). Festa, xirê ou batuque — aqui com letra minúscula — são sinônimos nesse caso. Os xirês são abertos ao público, que pode receber as bençães dos Orixás. Existem diferentes tipos de batuques, dos mais simples aos mais complexos, alguns desses tipos são: quinzena seca, quinzena doce, festa do peixe ou levantação, festa de quatro pés e outros. Cada tipo de festa terá maior ou menor quantidade de alimentos, serão mais rápidas ou mais demoradas.
- **Festa de quatro pés:** Tipo de festa mais “completa”. Se realiza um batuque de quatro pés para comemorar um novo *assentamento* de Orixá de algum filho ou quando são sacralizados *quatro pés* para algum Orixá que já está *assentado*. Durante esta festa, é realizada a *balança*. Também são servidas muitas comidas de santo, sendo o amalá o mais procurado.
- **filho/a de Orixá:** Quando um indivíduo é regido espiritualmente por algum Orixá. O Orixá regente habita o Ori, cabeça, do filho ou filha de santo.
- **Mãe/Pai de Santo:** Sacerdotisa/sacerdote do Batuque.
- **Nação:** Aqui no sentido de vertente tradicional do Batuque. Batuque é composto por diversas Nações: Jeje, Ijexá, Cabinda, Oyó e Nagô. Além de suas aglutinações: Jeje Nagô, Jeje Ijexá, Cabinda Oyó, Oyó Jeje. Por representar ramos tradicionais, utilizou-se no texto letra maiúscula para as Nações, em sinal de deferência.
- **Obrigação:** Termo utilizado no sentido de ritual iniciático realizado ou a ser realizado pelo adepto. “Qual a sua obrigação?”, “Eu já sou pronto”.
- **Ocupação:** Possessão de um adepto por Orixá. Tida como diferente de incorporação, termo mais comumente utilizada por umbandistas. Ocupação no Batuque ocorre instantaneamente, sem que o adepto possa sentir o Orixá tomando a posse de seu corpo.
- **Ocutá:** Pedra sagrada. Normalmente seixos de rio, o ocutá de cada Orixá tem formatos distintos. Exemplos: ocutá de Ossanha tem formato de pé, ocutá de Bará é pontiagudo, ocutá de Iansã tem formato de coração. Os ocutás possuem axé e são considerados criaturas vivas, por isso não podem estar lascados.
- **Omieró:** Banho de ervas sagradas utilizada para diversas finalidades. Pode ser utilizado para acalmar, espantar medos ou limpar energias negativas. Também é utilizado no sentido iniciático, omieró, mieró ou mieró coberto, normalmente o primeiro ritual iniciático do Batuque. Momento no qual o adepto tem sua cabeça lavada pelo seu novo Pai ou Mãe de Santo.
- **Orixá de Ori:** Orixá regente e de maior influência na vida da pessoa. Mesmo que Orixá de cabeça. Quanto utilizado sem distinção como em “Meu Orixá é Xangô”, é sobre o Orixá de Ori que se trata.

- **Orixá do corpo:** Orixá do corpo é o segundo Orixá mais presente na vida do adepto. Em geral é do sexo oposto ao do Orixá de Ori. “Eu sou de Xangô com Oxum”, Xangô na cabeça e Oxum no corpo. Pode ser utilizado como sinônimo de *ajuntó*.
- **Orixá dos pés/ Passagem:** Orixá dos pés é o responsável pelos caminhos do indivíduo, na maioria das vezes é o Orixá Bará. “Ela é da Oyá e do Xapanã com Lanã [Qualidade de Barál nos pés]”. Em algumas famílias, pode ser um Orixá diferente de Bará, nesses casos o termo mais comum a ser utilizado é *passagem*.
- **Orixá de Rua:** Orixás que servem como guardiões do terreno da casa de santo e família religiosa. Tratados dessa maneira porque suas “casinhas” ou templos sagrados se localizam fora da casa principal. São os Orixás de Rua mais comuns: Bará Lodê, Ogum Avagã, Oyá Timboá e Oyá Dirã.
- **Qualidade de Orixá:** Representação de caminhos ou aspectos da personalidade de algum Orixá. No Batuque é muito comum associar as Qualidades à idade do Orixá. Pandá, Oxum nova; Demum, Oxum mais velha; Docô, Oxum idosa. Nesse caso, possuem atributos comuns a Oxum (Orixá ligado à maternidade, à riqueza e ao carisma), mas com aspectos distintos.
- **Sobrenome de Orixá, Dijina:** Termo que identifica o Orixá de um determinado indivíduo. Bara Lodê Tolabi: Orixá Bará, Qualidade Lodê, Sobrenome Tolabi. Normalmente o Sobrenome ou Dijina é dado pelo sacerdote durante ou após o ritual de *assentamento*.
- **Tamboreiro:** Cargo responsável pelos cânticos sagrados. Pessoa que utiliza o tambor, ou ilu, para chamar e honrar os Orixás. Cargo que carece de notado conhecimento ritual por demandar atenção a cada etapa das festas realizadas.
- **Vulto (vulto de Orixá):** Escultura sagrada em madeira ou em ferro. Em algumas situações são utilizados no lugar do *ocutá* para realizar um *assentamento* de determinado Orixá.

Capítulo 2

Metodologia

Nota ao adepto sobre a metodologia

A descrição abaixo tem por objetivo demonstrar com transparência como os resultados apresentados no livro foram encontrados. Com isso, pesquisadores interessados em reproduzir algum dado podem encontrar abaixo informações pormenorizadas dos procedimentos realizados. Além disso, a compreensão das principais limitações metodológicas do trabalho ficam mais claras aqui para o leitor atento. Contudo, o adepto que não estiver interessado em alguns métodos específicos e não realizar a leitura deste capítulo não terá entendimento geral do trabalho comprometido. Poderá seguir no capítulo 3.

Para registrar os vínculos de ascendência do Batuque, alguns critérios foram tomados:

- O principal critério de inclusão no banco de dados foi o de **Apronte**, isto é, apenas sacerdotes e sacerdotisas com todo rito iniciático concluído.
- A **oralidade** e descrição das fontes é suficiente para a inclusão.

Assim, se tornou possível registrar e armazenar o dados obtidos para posterior análise e interpretação. Contudo, estes critérios também geram limitações de análise¹ que são inerentes ao processo de coleta de dados.

2.1 Dados coletados do IBGE

As tabelas e figura apresentadas na seção 1.3.3 da Introdução foram geradas após consulta do banco de dados do IBGE, o SIDRA. Ao que consta ao autor, esta maneira de interpretação dos dados é inédita. Por não serem o foco do estudo, os dados foram utilizados de modo introdutório e, portanto, foram dispostos na Introdução. De toda maneira, ficam aqui os métodos de coleta desses dados para incentivar a reproduzibilidade e acesso à informação pelas partes interessadas.

Todos os dados foram coletados do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), que opera como banco de dados dos recenseamentos oficiais

¹Esta questão é endereçada na seção 3.8 da Discussão.

realizados. O SIDRA é de domínio público e disponível para consulta online em: sidra.ibge.gov.br.

Os dados de cor ou raça da população residente foram retirados da “Tabela 9605 - População residente, por cor ou raça, nos Censos Demográficos”. Os parâmetros utilizados foram: Variável, “População residente (Pessoas)”; Cor ou raça, “Total”, “Branca”, “Preta” e “Parda”; Ano, “2022”; e Unidade Territorial, “Brasil” e “Unidade da Federação”².

As estatísticas de religião do Censo Demográfico de 2022 foram coletadas da “Tabela 6417 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por cor ou raça, segundo o sexo e a religião”³. Nesse caso, as informações sobre religião utilizadas são referentes apenas a pessoas com 10 anos ou mais de idade. Para gerar a **Tabela 1.1** e os dados de 2022 da **Fig. 1.2** foram utilizados os seguintes parâmetros de preenchimento na Tabela 6417: Variável, “Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pessoas)”; Cor ou raça, “Total”; Sexo, “Total”, “Homens” e “Mulheres”; Religião, “Total” e “Umbanda e Candomblé”; Ano, “2022”; e Unidade Territorial, “Brasil” e “Unidade da Federação”. Para gerar a **Tabela 1.2**, foram utilizados os mesmos parâmetros anteriores, exceto na categoria Unidade Territorial, que foi marcada apenas a opção “Município”.

As informações da população com religião “Umbanda ou Candomblé” por estado dos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010 foram coletadas da série temporária presente na “Tabela 137 - População residente, por religião”⁴. Para a coleta, utilizou-se os seguintes parâmetros: Variável, “População residente (Pessoas)”; Religião, “Total”, “Umbanda e Candomblé”, “Umbanda” e “Candomblé”; Ano, “2010”, “2000” e “1991”; e Unidade Territorial, “Brasil” e “Unidade da Federação”. Esses dados conjuntamente com os dados obtidos da Tabela 6417 do Censo Demográfico de 2002 foram utilizados para produzir a **Fig. 1.2**.

2.2 Coleta de Dados

Como mencionado anteriormente, a pesquisa aqui apresentada iniciou com o **Projeto Árvores Genealógicas do Batuque RS**, uma iniciativa de **Babá Phil de Xangô** e divulgada pela mídia fundada por ele, **Rede Batuque RS**. Assim, no início de 2019, o banco de dados contava com algumas anotações e registros realizados pessoalmente por Babá Phil.

Em um segundo momento, foi criado um formulário para contribuição espontânea de adeptos. Este formulário foi armazenado no *Google Forms* e preenchido espontaneamente pelos contribuintes. Além de ter sido divulgado pelos pesquisadores e redes sociais da Rede Batuque RS, também foi publicado um vídeo no Youtube apresentando o projeto e convidando os ouvintes à interação⁵. As perguntas contidas no formulário eram:

²Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9605>. Acesso em: 23 de ago. de 2025

³Fonte: IBGE, SIDRA. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6417>. Acesso em: 15 de ago. de 2025.

⁴Fonte: IBGE, SIDRA. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>. Acesso em: 19 de ago. de 2025.

⁵Disponível em: [youtube.com/watch?v=BuFlH4eKPa0](https://www.youtube.com/watch?v=BuFlH4eKPa0). Acesso em: 02 de ago. de 2025.

- Endereço de e-mail
- Primeiramente: qual o seu nome?
- Qual a sua nação?
- E o seu Orixá?
- Deixe aqui seu contato, whatsapp, facebook ou outro canal para que possamos contatá-lo para tirar eventuais dúvidas ou confirmar sua linhagem religiosa.
- Você é babalorixá ou yalorixá (possui axés de faca e búzios)?
- Qual o nome E o Orixá do seu babalorixá ou da sua yalorixá?
- Qual o nome E o Orixá E a nação de quem entregou os axés do seu Pai/Mãe de santo?
- Qual o nome E o Orixá E a nação de quem entregou os axés do seu Avô/Avó de santo?(caso não saiba, pule a pergunta)
- Qual o nome E o Orixá E a nação de quem entregou os axés do seu Bisavô/Bisavó de santo??(caso não saiba, pule a pergunta)
- Você tem irmãos prontos com axé de faca e de búzios?(Entregues por seu Pai/Mãe de santo)
- Se sim, qual o nome e o Orixá deles?
- Qual o nome E o Orixá do(s) irmãos prontos do seu babalorixá ou da sua yalorixá?(caso não saiba, pule a pergunta)
- Qual o nome E o Orixá do(s) irmãos prontos do seu avô ou da sua avó de santo?(caso não saiba, pule a pergunta)
- Qual o nome E o Orixá do(s) irmãos prontos do seu bisavô ou da sua bisavó de santo?(caso não saiba, pule a pergunta)
- Qual o nome E o Orixá do(s) irmãos prontos dos seu tataravô ou da sua tataravó de santo?(caso não saiba, pule a pergunta)
- Qual o nome E o Orixá do seu babalorixá ou da sua yalorixá?(quem lhe entregou os seus axés de faca e buzio)
- Existe algum familiar acima do seu tataravô/tataravó que você queira mencionar?
- Você possui filhos de santos prontos?
- Qual o nome E o orixá dos seus filhos prontos? (caso não tenha, pule a pergunta)
- Qual o nome E o Orixá dos seus netos prontos? Lembre de mencionar por qual filho o seu neto foi aprontado (caso não tenha, pule a pergunta)

- Qual o nome E o Orixá dos seus bisnetos prontos? Lembre de mencionar por qual neto o seu bisneto foi aprontado (caso não tenha, pule a pergunta)
- Qual o nome E o Orixá dos seus tataranetos prontos? Lembre de mencionar por qual bisneto o seu tataraneto foi aprontado (caso não tenha, pule a pergunta)
- Gostaria de agradecer a todos que dedicaram um pouquinho do seu tempo para nos ajudar com esse registro, tenham a certeza de que não será em vão e seus dados serão inclusos na árvore genealógica que será publicada. Quem tiver algum dado adicional, como sobrinhos de santo ou primos de santo, que queira passar, pode usar o espaço abaixo para colocar ou envie esse questionário aos seus familiares para que possamos complementar sua árvore ancestral. Nossa muito obrigado a todos e um excelente axé!

Infelizmente o *link* original do formulário foi corrompido após alguns anos, mas a coleta de dados segue ativa e o adepto pode contribuir, maiores informações estão disponíveis na seção [2.4](#) a seguir. Nesse formulário original foram registradas 144 respostas de fontes que ajudaram a armazenar diversos sacerdotes e sacerdotisas no banco de dados.

Outra forma de coleta de dados — a principal — foi a entrevista direta com Pais ou Mães de Santo realizada pelos pesquisadores. Tais consultas ou entrevistas foram realizadas também de maneira presencial, mas principalmente por ligações ou por aplicativos de mensagens (WhatsApp, Messenger, comentários do Facebook). A grande maioria dos registros foi realizada dessa forma.

2.3 Análises

As análises totais e de cada árvore foram geradas com a codificação de todos os adeptos inseridos no banco de dados. Tal codificação foi realizada nas planilhas do Excel, da Microsoft. O cômputo das análises foi realizado na linguagem de programação *Python*, utilizando os pacotes pandas, numpy, copy e time. As imagens das análises totais e parciais de cada árvore foram produzidas no software GraphPad Prism (v. 8.0.1).

2.3.1 Sexo dos Adepts

O recorte de gênero é considerado importante para as religiões de matriz africana por ser comum a presença de mulheres em posições de comando e, por vezes, por possuirem estruturas matriarcais (Corrêa, 2016; Lira, 2015). Contudo, esta avaliação não foi possível de ser realizada por dois principais motivos: (i) os adeptos armazenados normalmente são adicionados por terceiros (descendentes) e (ii) a grande maioria dos adeptos do banco de dados já é falecida.

Assim, avaliou-se apenas o sexo dos adeptos (masculino/feminino/não definido). A maneira de determinação do sexo de cada adepto foi através da

leitura do nome social e, por vezes, análise do acervo de fotos disponível. Nos casos que geraram dúvida no analisador, o sexo foi tipificado genericamente como “não definido” para evitar maiores imprecisões. Os pesquisadores reconhecem que esta abordagem de identificação não é a ideal, pois desconsidera a auto-identificação de gênero das pessoas analisadas e, assim, é uma das principais limitações do trabalho. Contudo, a avaliação do sexo dos adeptos permitiu encontrar resultados que eram inéditos no contexto de religiões de matriz africana.

2.3.2 Orixás

Ao que se sabe, toda religião de matriz africana — Batuque, Candomblé, Xangô, Tambor de Mina e outras — possui rituais restritos a adeptos de um determinado sexo: masculino ou feminino. Isto está, por vezes, associado à natureza e sexo de determinado Orixá. Para tanto, nesse estudo, foram considerados os seguintes sexos para cada Orixá do panteão do Batuque:

Tabela 2.1: Sexo de cada Orixá do panteão do Batuque do RS.

Orixá	Sexo
Bará	Masculino
Ogum	Masculino
Oyá - Iansã	Feminino
Xangô	Masculino
Odé	Masculino
Otim	Feminino
Obá	Feminino
Ossanha	Masculino
Xapanã	Masculino
Oxum	Feminino
Iemanjá	Feminino
Oxalá	Masculino

As fontes por vezes registravam algum adepto como filho de Oyá e outras como de Iansã. Por se tratar do mesmo Orixá — mesmo que sejam potencialmente passagens diferentes em cada família ou Nação — as análises foram sempre agregadas e referidas como “Oyá - Iansã”.

A sequência ritual **não é um objeto de análise** deste trabalho. Por essa razão a sequência genérica — Bará, Ogum, Oyá-Iansã, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá — foi utilizada para a apresentação dos resultados. Ela não representa necessariamente a sequência ritual de todas Nações ou mesmo de algumas famílias, pois existem algumas diferenças. Todavia, na seção 3.6 serão abordadas as diferentes sequências rituais do Batuque que os pesquisadores têm notícia.

No Batuque, o culto de Ibeji está majoritariamente associado a Xangô e a Oxum. Por essa razão, Ibeji não consta na sequência utilizada para a apresentação dos resultados.

Qualidades e Sobrenomes

Com frequência, as fontes informaram além do nome e Orixá dos adeptos. Muitas vezes registraram a Qualidade e/ou o Sobrenome de Orixá do adepto. As descrições dos termos “Qualidade” e “Sobrenome” de Orixá estão presentes na seção 1.5. As famílias de santo definem quais são Qualidades ou Sobrenomes com grande variabilidade. Por exemplo, em *Oxum Pandá Miuá* ou *Oxum Miuá Taladê* se observa a sequência Orixá-Qualidade-Sobrenome. Contudo, o termo *Miuá* serve como uma Qualidade no primeiro exemplo, mas como Sobrenome no segundo.

Como as fontes informaram Qualidade ou Sobrenome de maneira espontânea, elas não orientaram do que se tratava cada termo segundo sua família religiosa. Assim, a catalogação dos termos como Qualidades ou Sobrenomes foi realizada de acordo com o conhecimento prévio do autor e está sujeita a imprecisões.

Orixás de Rua

Para realizar as análises de Orixás de Rua do banco de dados foram consideradas as seguintes Qualidades: Bará Lodê, Ogum Avagã, Oyá/Iansã Timboá e Oyá/Iansã Dirã. Ver descrição do termo *Orixá de Rua* na seção 1.5. Os rituais associados aos Orixás de Rua possuem um viés de sexo dos adeptos forte em determinadas famílias religiosas. Exemplo: apenas adeptos do sexo masculino manipulam rituais associados a Bará Lodê enquanto que apenas adeptos do sexo feminino interagem com consagrações a Oyá Dirã e/ou Timboá. Como nem todas famílias parecem ter tais restrições, conduziu-se as análises de recorte de sexo de filhos de Orixás de Rua.

2.4 Como Contribuir

Para acessar o formulário - CLIQUE AQUI⁶

A pesquisa pretende ser constantemente atualizada para o incremento do banco de dados. Dessa forma, o leitor-adepto que estiver interessado em contribuir com seu conhecimento pode fazê-lo através do preenchimento de um formulário armazenado no *Google Docs*. Este formulário será administrado pelo autor e toda informação cedida será utilizada única e exclusivamente para fins de pesquisa. Dados considerados sensíveis não serão compartilhados sem o prévio consentimento ou resguardo do anonimato da fonte.

O formulário referido possui perguntas qualitativas adicionais que pretendem enriquecer ainda mais a pesquisa e melhor representar a complexidade do Batuque. O acesso ao formulário pode ser realizado pelo *link* acima ou pela leitura do código QR (**Fig. 2.1**).



Figura 2.1: QR de acesso ao formulário de contribuição para a pesquisa.

⁶Link completo: docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScBagyuYYQAOOpPnioBGxWN2mWepjb5P_BwhlnsCyMNNxhMvLw/viewform?usp=header

FINANCIÉ A PESQUISA

A pesquisa que gerou esse livro foi realizada de maneira independente e sem vínculos institucionais para o custeio do projeto e dos pesquisadores. Mesmo a obra estando disponível de maneira gratuita, é possível contribuir financeiramente com o autor caso acredite que o projeto seja relevante.

Chave pix: **arvoresbatuquers@gmail.com**



Pix

Informe o valor quando for pagar



Sobre o QR Code

Nome

FLAVIO GABRIEL CARAZZA KESSLER

Chave Pix

arvoresbatuquers@gmail.com

Figura 2.2: Financie a pesquisa. Código QR para realizar doações espontâneas diretamente para o autor.

Capítulo 3

Árvores

De acordo com a metodologia empregada, foi possível encontrar resultados inéditos do Batuque com mais de 3.000 sacerdotes e sacerdotisas do banco de dados. A seguir tais resultados são descritos e, quando possível, devidamente contextualizados. Além disso, ao longo do capítulo são propostas discussões que o autor acredita serem demonstrativas da complexidade do Batuque, como a sequência ritual dos Orixás e o culto a Orixás fora do panteão canônico. São também apresentados os dados individuais de cada árvore encontrada. A pesquisa que este livro apresenta segue em desenvolvimento e o adepto pode contribuir lendo a seção [2.4](#).

3.1 Análises Totais

Tabela 3.1: Informações gerais de cada árvore do banco de dados.

Árvore	Qntd. Adeptos	Geração mais recente
Cabinda	582	9
Ijexá Cujoba	215	10
Ijexá Janjão de Xangô	4	3
Ijexá Joaquina de Oxum	16	6
Ijexá Paulino de Oxalá	487	10
Ijexá Jeje Lurdes de Oxum	53	5
Jeje Custódio	620	10
Jeje Ijexá Ondina de Xapanã	41	4
Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá	31	4
Jeje Nagô Titina de Oyá	117	7
Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã	199	6
Oyó Andrezza de Oxum	7	4
Oyó Donga de Oxum	170	10
Oyó Jeje Ijexá Luísa de Odé	26	6
Oyó Nagô Emília de Oyá	152	6
Árvores Raras	35	
Árvores Pequenas	284	

No momento da publicação da obra, o banco de dados da pesquisa contém 3.042 adeptos inclusos, sendo estes sacerdotes que já passaram pelo ritual do *Apronte*. Devido à limitação de algumas informações, não foi possível realizar todas as análises conduzidas nesse universo de 3042 pessoas. Por exemplo, para muitos adeptos não se tem a informação da Qualidade do seu Orixá de Ori. Na **Tabela 3.1** consta as informações do número de adeptos presentes e a última geração identificada em cada árvore. Oito árvores apresentaram mais de 100 adeptos armazenados, são elas em ordem decrescente: Jeje Custódio, Cabinda, Ijexá Paulino de Oxalá, Ijexá Cujoba, Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã, Oyó Donga de Oxum, Oyó Nagô Emilia de Oyá e Jeje Nagô Titina de Oyá. Na **Tabela 3.2** apresenta-se o precursor mais antigo de cada árvore. Os

Tabela 3.2: Precursors de cada árvore do Batuque do RS

Árvore	Precursor(a)
Cabinda	Pai Waldemar Antônio dos Santos de Xangô Kamuká Barualofina
Ijexá Cujoba	Pai Cujoba de Xangô
Ijexá Janjão de Xangô	Pai Janjão de Xangô
Ijexá Joaquina de Oxum	Mãe Joaquina de Oxum Docô
Ijexá Paulino de Oxalá	Pai Paulino de Oxalá Efan
Ijexá Jeje Lurdes de Oxum	Mãe Lurdes de Oxum Docô
Jeje Custódio	Pai Custódio Joaquim de Almeida (Príncipe) de Xapanã Sapatá Erupê
Jeje Ijexá Ondina de Xapanã	Mãe Ondina da Conceição de Xapanã
Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá	Mãe Isolina de Xangô Inã
Jeje Nagô Titina de Oyá	Mãe Titina de Oyá Ladjá
Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã	Mãe Ermínia de Oxum Bolomi
Oyó Andrezza de Oxum	Mãe Andrezza Ferreira da Silva de Oxum Pandá
Oyó Donga de Oxum	Mãe Donga (Ermínia Manoela de Araújo) de Oxum
Oyó Jeje Ijexá Luísa de Odé	Mãe Luísa de Odé
Oyó Nagô Emilia de Oyá	Mãe Emilia Fontes de Araújo (Princesa) de Oyá Ladja

precursors de cada árvore muito provavelmente não viveram em um mesmo período histórico, sendo que nem todos podem ser entendidos como “fundadores” do Batuque. O objetivo é apresentar a Mãe ou o Pai de Santo que estão na raiz de cada árvore do banco de dados. Nas 15 árvores apresentadas, observa-se a presença de 10 matriarcas e de 5 patriarcas. Este é um resultado que corrobora o protagonismo feminino no início do séc. XIX, também presente em outras religiões de matriz africana (Bernardo, 2005).

3.2 Recorte de Sexo

Como demonstrado na **Fig. 3.1a**, o sexo feminino foi maioria entre os adeptos presentes no banco de dados, representando 55%, enquanto masculino

foi de 41% e 4% sem definição de sexo. No censo de 2022 realizado pelo IBGE, dentre as pessoas que identificaram sua religião como “Umbanda ou Candomblé”¹ no RS, 57,4% delas são mulheres e 42,6% são homens (**Tabela 1.1**). Apesar de os métodos de pesquisa não serem perfeitamente comparáveis, observa-se que a fatia de homens e mulheres nas estatísticas das árvores e do IBGE são bastante próximas. Percentual Mulher-Homem árvores: 55%-41%. Percentual Mulher-Homem IBGE, censo 2022: 57%-43%.

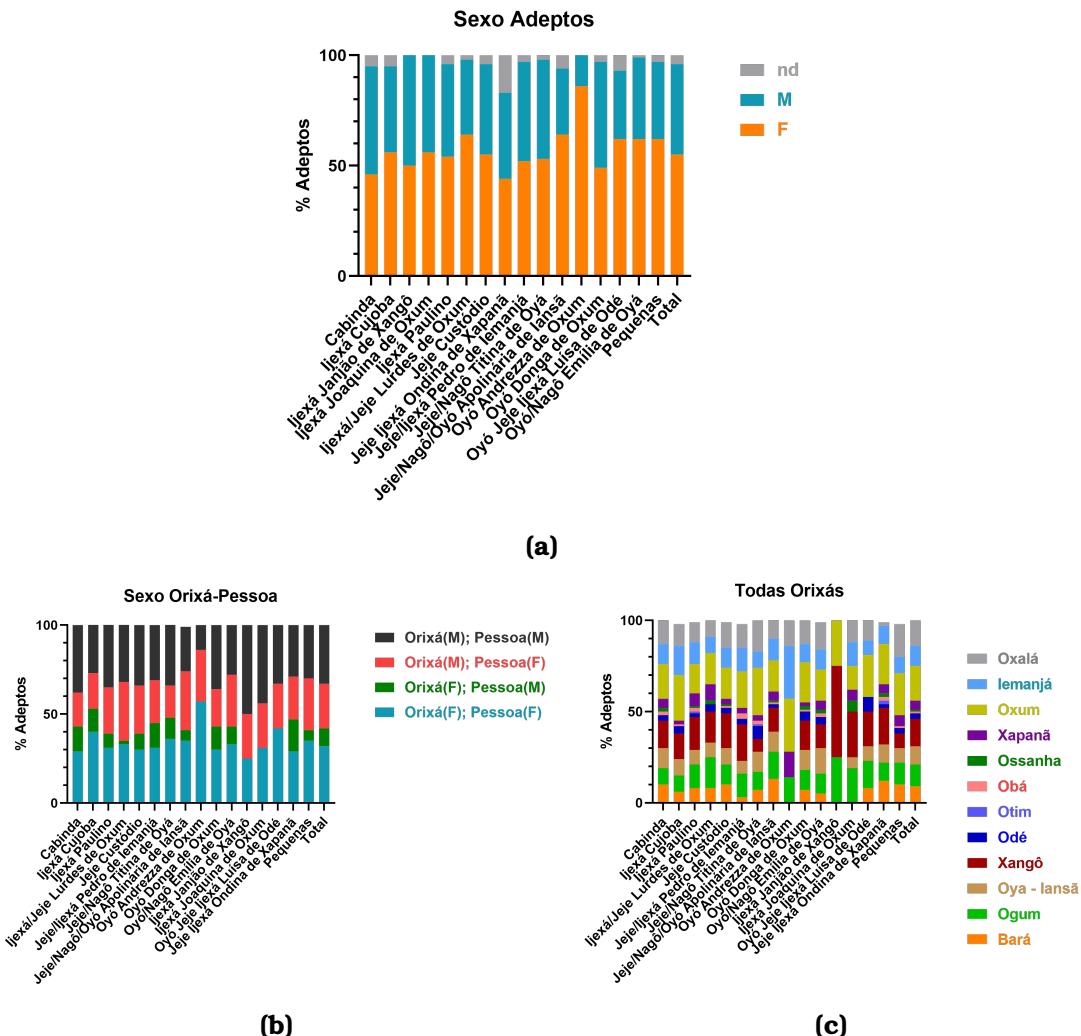


Figura 3.1: Estatísticas agregadas de todo o banco de dados. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori, cores representam cada Orixá do panteão do Batuque.

O percentual de adeptos de cada sexo variou ao longo de cada árvore, porém apenas na árvore da Cabinda houve um percentual masculino (49%) maior que o feminino (46%, **Fig. 3.6a**). A razão de tal reversão nesta árvore

¹Categoria mais próxima do Batuque e provável escolha do adepto durante o recenseamento.

foge aos pesquisadores e merece melhor atenção de pesquisas futuras. Já na árvore Janjão de Xangô, o percentual foi igual (50%, **Fig. 3.8a**)². Nas demais árvores, o percentual de adeptos do sexo feminino foi maior que o percentual de adeptos do sexo masculino.

A fatia de adeptos do sexo masculino filhos de Orixá do sexo feminino foi a menor (10%, Orixá(F)-Pessoa(M)) no universo de análise quando comparado com as outras combinações: 25% para Orixá(M)-Pessoa(F), 32% Orixá(F)-Pessoa(F), 33% Orixá(F)-Pessoa(F) (**Fig. 3.1b**). O mesmo padrão foi observado em todas as árvores, sendo que em quatro delas não se encontrou nenhum adepto do sexo masculino filho de Orixá do sexo feminino. De acordo com o banco de dados, é estatisticamente mais provável uma adepta seja filha de Orixá do sexo masculino do que um adepto seja filho de Orixá do sexo feminino. De toda maneira, aparentemente, o mais provável é que adepto e Orixá de Ori sejam do mesmo sexo.

Esta questão dificilmente será contemplada por completo; contudo, o autor sugere duas hipóteses possíveis para este fenômeno. Primeira, a cosmogonia Iorubá considera os Orixás como entes da natureza, em outras palavras, cada Orixá representa uma faceta do Axé (àṣẹ), que tudo permeia. Na visão do autor, Xangô, por exemplo, não é apenas um *ocutá* sacralizado; não é apenas um cavalo de santo ocupado; não é apenas o próprio fogo; não é apenas a própria justiça. Mas são sim, todos estes atributos, facetas do **àṣẹ** que compõem Xangô. Fogo é Xangô porque vibra no àṣẹ de Xangô. O mesmo ocorre com todos os Orixás. Sendo assim, o àṣẹ de cada Orixá pode também “vibrar” potencialmente/majoritariamente dentro de um campo sexual: feminino/masculino. Ao que se sabe, não existe nenhuma proibição total e irrestrita de iniciação de adeptos de sexo diferente de seu Orixá de Ori nas diferentes religiões de matriz africana. Portanto, a potencialidade do àṣẹ associado com o sexo, pode servir como um favorecimento natural, mas nunca como restrição irrevogável. Uma mulher será provavelmente de um Orixá feminino, mas não necessariamente. O mesmo com os homens. Contudo, porque tão raramente se observam adeptos do sexo masculino filhos de Orixás femininos?

Para tanto, elenca-se uma segunda hipótese. O batuqueiro nunca foi dissociado de seu entorno social. A cultura e os valores da sua época influenciam a sua experiência religiosa. Assim, está também o adepto sujeito a estrutura heteronormativa e homofóbica. O Prof. Norton registrou em seu livro a seguinte menção:

“Homem filho da Iansã quase tudo é pro lado de lá, virado. (homossexuais)” (Corrêa, 2016, pg. 240, interlocutor desconhecido)

A experiência religiosa do autor também corrobora que existe a reticência de certos sacerdotes em *dar cabeça* de filhos homens para Orixás femininos. Contudo, tal reticência parece ter perdido relevância nos últimos anos. Infelizmente não existem dados do número de adeptos homossexuais e transsexuais

²Esta árvore possui apenas quatro adeptos registrados, razão provável da estatística encontrada.

disponíveis. Entretanto, é público e notório o elevado número de adeptos não-heteros ou cismotivados³. As religiões de matriz africanas normalmente são associadas como grande acolhedoras e abertas a diversidade (Silveira, 2020) por não haver qualquer proibição ritual nesse sentido.

Orixás femininos (Oyá, Otim, Obá, Oxum e Iemanjá) parecem ter uma grande tendência em *pegar cabeça* (Ver termo na Seção 1.5) de adeptos do sexo feminino. Dentre os filhos de Orixás femininos, 73% são também do sexo feminino. São adeptos do sexo feminino: 69% dentre os filhos de Oxum, 71% dentre os filhos de Iemanjá, 83% dentre os filhos de Otim, 83% dentre os filhos de Oyá e 86% dentre os filhos de Obá. O mesmo não se repete com todos Orixás masculinos (Bará, Ogum, Xangô, Odé, Ossanha, Xapanã e Oxalá). Dentre os filhos de Xapanã, 53% são do sexo feminino. Dentre os filhos de Odé, 48% são do sexo feminino e 48% do sexo masculino. Dentre os filhos de Bará, 46% são do sexo feminino e 49% do sexo masculino (**Fig. 3.2a**).

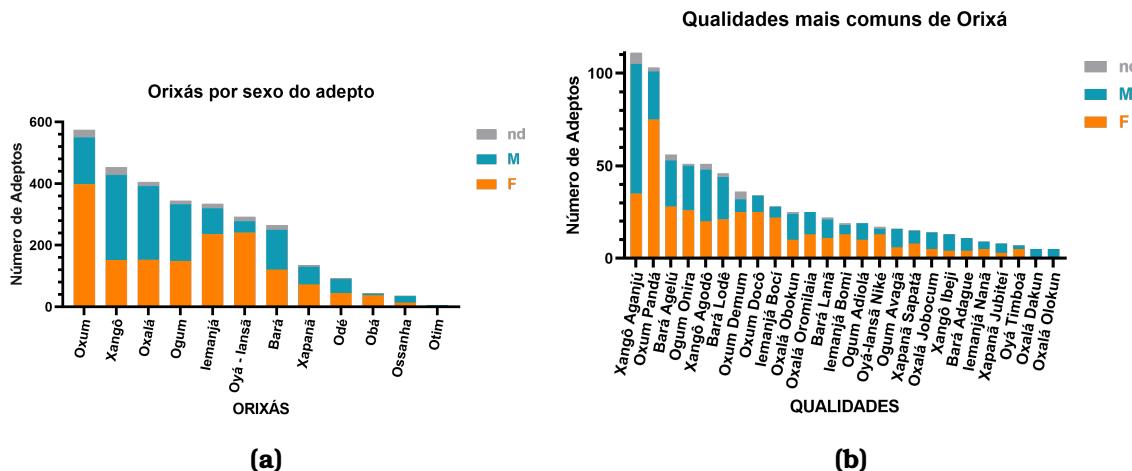


Figura 3.2: Número de adeptos por Orixá e Qualidade. (a) Orixás mais comuns com distinção do sexo do adepto. (b) Qualidades de Orixás mais comuns citadas na pesquisa. Cores representam o sexo do adepto: azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido.

Segundo o conhecimento dos pesquisadores, estes dados são inéditos para qualquer religião que cultue os Orixás. O motivo de Orixás femininos possuírem tão acentuada “preferência” por filhos do sexo feminino passa pelas hipóteses acima sugeridas, mas deve ser melhor discutido entre Pais e Mães de Santo, além de teólogos e pesquisadores.

3.3 Orixás

A **Fig. 3.1c** apresenta os Orixás de Ori mais comuns em cada árvore do banco de dados. Apesar de o percentual de Orixás de Ori variar em cada árvore, os três Orixás mais raros em todas árvores com mais de 100 adeptos

³É uma iniciativa da pesquisa procurar analisar recorte de sexualidade do Batuque. Para contribuir, leia a seção 2.4.

são Obá, Ossanha e Otim. Ainda nessas árvores, o Orixá Oxum foi o mais comum, salvo duas exceções, nas quais apareceu como o segundo mais frequente. Tais exceções foram as árvores Ijexá Paulino e Jeje Custódio, nas quais Xangô foi o Orixá de Ori com maior ocorrência.

O Orixá Iemanjá foi o segundo mais comum na árvore Ijexá Cujoba, única árvore que este Orixá está entre os três mais comuns. Nesta árvore, todos adeptos são descendentes do patriarca Pai Henrique de Iemanjá, possível influência. Semelhantemente, as duas únicas árvores que apresentaram o Orixá Oyá-Iansã dentre os três mais comuns são justamente Jeje Nagô Titina de Oyá e Oyó Nagô Emilia de Oyá (**Fig. 3.1c**). Isto reforça a hipótese de que o Orixá de Ori dos fundadores, patriarcas ou matriarcas, podem influenciar no culto deste Orixá da árvore.

O número de adeptos por Orixá de Ori apresenta de maneira decrescente os Orixás mais comuns do banco de dados (**Fig. 3.2a**). No conjunto do banco de dados, encontrou-se os *Orixás de Ori* mais comuns. São eles, em ordem decrescente: Oxum (19,2%), Xangô (15,2%), Oxalá (13,6%), Ogum (11,5%), Iemanjá (11,2%), Oyá/Iansã (9,8%), Bará (8,9%), Xapanã (4,5%), Odé (3,1%), Obá (1,5%), Ossanha (1,2%), Otim (0,2%) (**Fig. 3.2a**).

Apesar de Oxum ser o Orixá de Ori mais comum, a Qualidade de Orixá mais encontrada dentre as descrições foi Xangô Aganju com 111 ocorrências, seguido por Oxum Pandá com 103 ocorrências. A **Fig. 3.2b** apresenta as vinte e cinco Qualidades mais comuns no banco de dados, com distinção de sexo dos adeptos. A listagem de todas as ocorrências de Qualidades e Sobrenomes (Dijinas) de Orixá que estão presentes no banco de dados encontra-se na **Tabela 3.3**.

Tabela 3.3: Qualidades e Sobrenomes de Orixá informados nas árvores do Batuque do RS

Orixá	Qualidades	Sobrenomes (Dijinas)
Bará	Adague, Agelú, Lanã, Lodê	Abidarê, Afurã, Bi, Bi Ajanadá, Bi Ni, Biomí, Buruku, Cola Odê, Dagomi, Darê, Elupandê, Exu Bi, Fandemí, Funiké, Itolabi, Taladê, Tolabi
Ogum	Adiolá, Avagã, Eléfa, Megê, Olobodê, Onira/Onire	Adeí, Adiokô, Akiolá, Avagã Iraí, Badeí, Bii, Bomaté, Bomi, Cassajó, Dalua, Deí, Dele Emi, Dobí, Idê, Iledâ, Lobiri, Madiobé, Meí, Milaió, Niké, Olobodé, Oniratâ, Tendeí, Tombixe
Oyá/Iansã	Bomi, Boniké, Dirã, Funiké, Niké, Timboá, Tolá	Bemí, Bolá, Boniké, Dê, Deí, Dilain, Haydee, Igbaé, Ladê, Ladjá, Tomiuá
Xangô	Aganjú, Aganjú Ibeji, Agodô, Bamboxê, Jicutá, Kamuká, Sogbo, Taiô, Tokí	Beomi, Bamboxê, Barualofina, Barun Tubadê, Deí, Dopan, Edumba-deí, Ibeji, Inã, Iomí, Luá, Luá Omi, Oí, Olobomi, Omí, Orofomi, Paradunká, Sabalujá, Sobaludjo, Sobounde, Sogbo, Toki, Tuki, Undê, Ydei, Yedu
Odé	Dê	Arojo, Beremi, Digaló, Timborô
Otim		

Ossanha	Bi, Gué, Tapajorisu
Obá	Oni, Talobí
Xapanã	Barum, Belujá, Erupê, Igba é, Obirobô, Taió, Tenhur Jubiteí, Obi, Sapatá
Oxum	Demum, Docô, Agdami, Agdan, Apará, Bolá, Bolomi, Bomi, Bri- Ibeji, Mirê, Iham, Duo, Funiké, Ibeji, Ieiê Mi, Ieiê Richê, Miuá/Miwá, Lakê, Lindê, Mi, Mirê, Miuá/Miwá, Olobomi, Olobá, Pandá, Oloxá, Omioro, Talabi, Tuké Yecari
Iemanjá	Boci, Bomi, Miremi, Ocí, Omilaia, Omimarê, Omiremí, Omo- Nanã, Omi curi, Taiomi
Oxalá	Bocum, Da- Alufã, Beremí, Demeuí, Domaia, Domarati, Efan, cum, Jobocum, Elefan, Falaquê, Fumiké, Mocoqué/Mokexe, Obocum, Olo- Moke, Obí Oro, Omi, Onifã, Talabi cum, Oromilaia

3.4 Pega ou Não Pega Cabeça?

As diferentes famílias religiosas por vezes possuem restrições acerca da iniciação de adeptos para determinados Orixás por motivos distintos. Essas proibições são justificadas pelos sacerdotes por se estenderem a toda sua ascendência religiosa (árvore) ou até sua vertente do Batuque, Nação. Existe grande variedade acerca dessas informações e procurou-se analisar frente aos dados presentes no banco. A seguir estão algumas justificativas que o autor já teve contato sobre a não iniciação (*dar cabeça*) de alguns Orixás:

- **Obá para homens:** Orixá Obá é muitas vezes indicado por ser representante da autossuficiência feminina. Alguns sacerdotes inclusive referem-se a Ela como a Orixá feminista. Obá é tida como uma Orixá potente e guerreira que venceu todos os homens que teve oportunidade de confrontar. Contudo, foi vencida pela força do amor que encontrou em Xangô. Nesse contexto, alguns sacerdotes restringem sua iniciação apenas a mulheres.
- **Oxalá Oromilaia:** No Batuque, o culto a Òrúnmilà está associado a Oxalá. Oromilaia normalmente é identificado por ser uma Qualidade de Oxalá: muito idoso e responsável pelo jogo de búzios. Justamente por ser associado à clarividência e comunicação entre os Orixás e sacerdotes, algumas casas de santo evitam — ou proibem — a iniciação de filhos a Oxalá Oromilaia.
- **Otim:** Otim é a Orixá do panteão “canônico”⁴ do Batuque que menos possui filhos. É apontada por ser a Orixá caçadora e companheira inseparável de Odé. Alguns sacerdotes descrevem que Otim na verdade não

⁴Por panteão canônico o autor refere-se a: Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá.

seria um Orixá, mas sim uma visão de Odé para viver sozinho nas matas. Assim, sendo apenas uma miragem, estes babalorixás/ialorixás não iniciariam seus filhos para Otim. Além disso, existe a crença em algumas famílias que iniciados a Otim falecem muito cedo, por isso evita-se *dar cabeça* a este Orixá.

- **Orixás de Rua (Bará Lodê, Ogum Avagã, Oyá Timboá/Dirã):** Esses Orixás são associados à proteção da área em que o terreiro está situado. Por essa razão, são comuns a toda família de santo e não individuais. Com a impossibilidade de haver a presença de mais de um assentamento desses Orixás na terreira, sacerdotes que creem nessa justificativa não realizam iniciação de filhos para Eles.
- **Bará Lodê para mulheres:** Bará Lodê, senhor da rua⁵, é patrono da sexualidade masculina. Possui o falo como uma de suas representações simbólicas e rito com forte marcação de sexo. Em muitas casas, mulheres são proibidas de aproximarem-se de Bará Lodê ou presenciarem rituais associados a Ele. Por essa razão, alguns sacerdotes não conduzem iniciação de mulheres para Bará Lodê, mas homens sim.
- **Ogum Avagã para mulheres:** Ogum Avagã possui seu ritual muito próximo a Bará Lodê. Orixá responsável também pela segurança de toda família de santo e reconhecido por ser muito enérgico. Por razão semelhante a apontada acima (Bará Lodê), alguns sacerdotes também restringem a iniciação a mulheres.
- **Oyá-Iansã Timboá/Dirã para homens:** Oyá-Iansã Dirã — ou Timboá — é também um Orixá muito enérgico e associado à proteção da família religiosa. Geralmente Oyá Dirã ou Timboá são associadas como patronas dos ancestrais, eguns, e responsáveis pela transição *postmortem* daqueles que se foram. Por extensão à Bará Lodê, mas de maneira oposta, são Orixás com marcação feminina forte e, em algumas famílias, repudiam a presença de homens em seu culto.
- **Ibeji:** Algumas famílias limitam a iniciação de Ibezis apenas para nascidos gêmeos. Nessas famílias, automaticamente se inicia um dos gêmeos a Oxum Ibeji e outro a Xangô Ibeji. Em outras famílias, Ibezis podem *pegar cabeça* mesmo de não-gêmeos.

É importante ressaltar que existe divergência de compreensão em cada um desses tópicos a depender da família de santo. Tal variabilidade representa a complexidade ritual encontrada no Batuque. Para alguns, Otim é apenas uma visão de Odé. Para outros, um Orixá próprio e dissociado de Odé; merece, portanto, seu assentamento individualizado e iniciação de filhos. Além disso, também ocorre a compreensão de que Orixás como Obá, Oyá Dirã e Oyá Timboá são sim femininos, mas não repudiam a presença de homens. O mesmo ocorre com Bará Lodê, Ogum Avagã e assim sucessivamente.

⁵Vide seção 1.4.

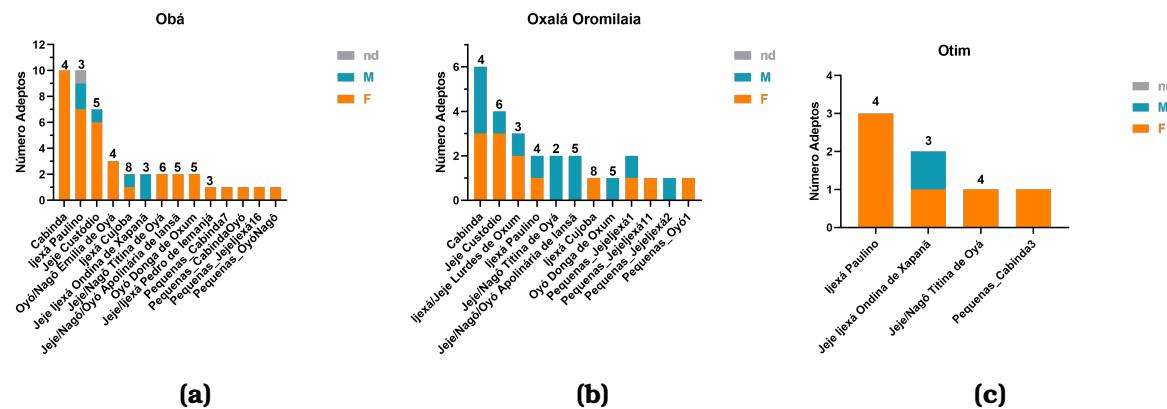


Figura 3.3: Número de adeptos filhos de Orixás Obá, Oxalá Oromilaia e Otim. **(a)** Quantidade de filhos do Orixá Obá por árvore. **(b)** Quantidade de filhos de Oxalá Oromilaia por árvore. **(c)** Quantidade de filhos de Otim por árvore. Números acima das barras representam a geração da ocorrência de um adepto filho dos referidos Orixás. Cores representam o sexo do adepto: azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido.

3.4.1 Obá, Oromilaia e Otim

Nas árvores, encontrou-se a ocorrências de 45 filhos do Orixá Obá, sendo que 38 delas são de adeptos do sexo feminino e 6 delas do sexo masculino (**Fig. 3.3a**). As árvores que apresentaram adeptos do sexo masculino filhos do Orixá Obá são: Ijexá Cujoba, Ijexá Paulino de Oxalá, Jeje Custódio e Jeje Ijexá Ondina de Xapanã. As árvores Cabinda e Ijexá Paulino apresentaram a maior quantidade de filhos do Orixá Obá armazenada (10). Mestre João Galinha de Obá foi filho de santo de Pai Zeca Pinheiro de Xapanã e neto de santo de Pai Manoelzinho de Xapanã, e foi, segundo o conhecimento dos pesquisadores, o iniciado homem para o Orixá Obá mais antigo.

Entre os 26 filhos de Oxalá Oromilaia encontrados, 13 (50%) são do sexo feminino e 13 (50%) são do sexo masculino (**Fig. 3.3b**). No caso da árvore Jeje Nagô Titina de Oyá, encontrou-se já na segunda geração um sacerdote deste Orixá, Pai Rogério de Oxalá Oromilaia. Além desta árvore, também encontrou-se ocorrências nas seguintes: Cabinda, Jeje Custódio, Ijexá Jeje Lurdes de Oxum, Ijexá Paulino, Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã, Ijexá Cujobá, Oyó Donga de Oxum, Pequenas_Jejeljexá1, Pequenas_JejeIjexá11, Pequenas_Jejeljexá2, Pequenas_Oyó1. Em entrevista direta com Pai Hendrix de Oxalá Oromilaia, reconhecido sacerdote e teólogo do Batuque que prefaciou este livro, foi informado que a sua árvore, Ijexá Cujoba, não iniciaria adeptos para este Orixá segundo seu conhecimento. Contudo, são abertas concessões para iniciados que provém de outras famílias religiosas, como foi seu caso⁶. De fato, ele seria a única ocorrência como filho de Oxalá Oromilaia em uma árvore de 215 adeptos.

Encontrou-se apenas 6 ocorrências de filhos do Orixá mais raro (Otim) em um universo de aproximadamente 3.000 registros, sendo que 5 delas foram adeptos do sexo feminino e 1 do sexo masculino (**Fig. 3.3c**). Os filhos

⁶Pai Hendrix informa que foi iniciado por sua avó carnal antes de concluir seus axés com seu Pai de Santo.

do Orixá Otim estão presentes nas árvores: Ijexá Paulino de Oxalá, Jeje Nagô Titina de Oyá, Jeje Ijexá Ondina de Xapanã e Pequenas Cabinda³.

A árvore Ijexá Paulino parece ser especialmente enriquecida no culto do Orixá Otim, uma vez que a metade das ocorrências presente no banco de dados são dessa árvore. Além disso, nessa árvore existe a presença de uma filha de Otim e de um filho de Obá que são netos de santo de Pai Manoelzinho de Xapanã, um dos patriarcas da Árvore. Ainda nessa árvore, estão armazenadas a Mãe Antonieta de Bará Lodê (Cola Odê) e Mãe Dorvalina de Ogum Avagâ⁷, ambas filhas de santo de Pai Manoelzinho de Xapanã.

Filhos do Orixá Obá, independentemente de seu sexo, são raros no banco de dados. Eles representam apenas 1,5% da população amostral. Além disso, como apresentado na seção 3.2, Orixás femininos aparentemente possuem um tendência reduzida de reinar a cabeça de adeptos do sexo masculino. Assim, mesmo sem qualquer justificativa externa, homens filhos de Obá seriam — e são — raros. Apenas esse fato, por mera observação e reprodução de sacerdotes mais novos, pode gerar a interpretação de que não se deve iniciar homens a Obá, pois não se vê. Algo muito semelhante pode — frisa-se *pode* — ocorrer com o Orixá Otim, o mais raro do banco de dados. Como são muito raros, evita-se fazer novos filhos. A iniciação de um Orixá requer pleno conhecimento de um sacerdote acerca dos atributos deste Orixá. Como é seu *assentamento*, comidas votivas para diferentes contextos, Qualidades do Orixá, Sobrenome do Orixá, dentre outros. Enfim, saber de uma complexidade de características que nem todos Pais e Mães de Santo podem ter tido a oportunidade de conhecer por serem tais Orixás tão incomuns. Seria a lógica básica do “nunca vi, então não existe”. Trazendo essa discussão, o autor não pretende estabelecer uma verdade, apenas sugerir um ponto que poucas vezes viu ser levantado. O conhecimento disponível em cada família de santo é sagrado e os verdadeiros zeladores dele são os sacerdotes.

3.4.2 Orixás de Rua

Para endereçar a presença de filhos de Orixás de Rua em cada árvore, produziu-se a **Fig. 3.4**, que apresenta tais ocorrências separado por sexo do adepto. Dentre os Orixás de Rua, o mais comum é se encontrar filhos de Bará Lodê seguido respectivamente por Ogum Avagâ, Oyá Timboá e Oyá Dirâ (**Fig. 3.4a**). É importante ressaltar que todas essas ocorrências foram informadas espontaneamente pelas fontes. É perfeitamente possível que existam outros adeptos filhos de Orixás de Rua, mas que estão apenas identificados como filhos de Bará, Ogum ou Oyá (sem a identificação da Qualidade).

Encontrou-se a ocorrência de filhos de Bará Lodê em nove árvores, sendo que em apenas duas dessas os filhos eram apenas do sexo masculino. Tal ocorrência esteve presente a partir da terceira geração das árvores analisadas (**Fig. 3.4b**). Das 46 ocorrências de filhos de Bará Lodê, 21 são de adeptos do sexo feminino. Dentre as árvores que se encontrou alguma ocorrência de filhos de Bará Lodê, estão: Jeje Custódio, Cabinda, Ijexá Paulino, Pequenas,

⁷O autor teve o privilégio de entrevistar Mãe Dorvalina com suas décadas de experiência e idade já bem avançada. Este fato honra o autor que agradece ao Pai Xapanã Jubiteí, patriarca da árvore e seu ascendente espiritual.

Jeje Nagô Titina de Oyá, Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã, Ijexá Jeje Lurdes de Oxum, Jeje Ijexá Ondina de Xapanã e Oyó Donga de Oxum.

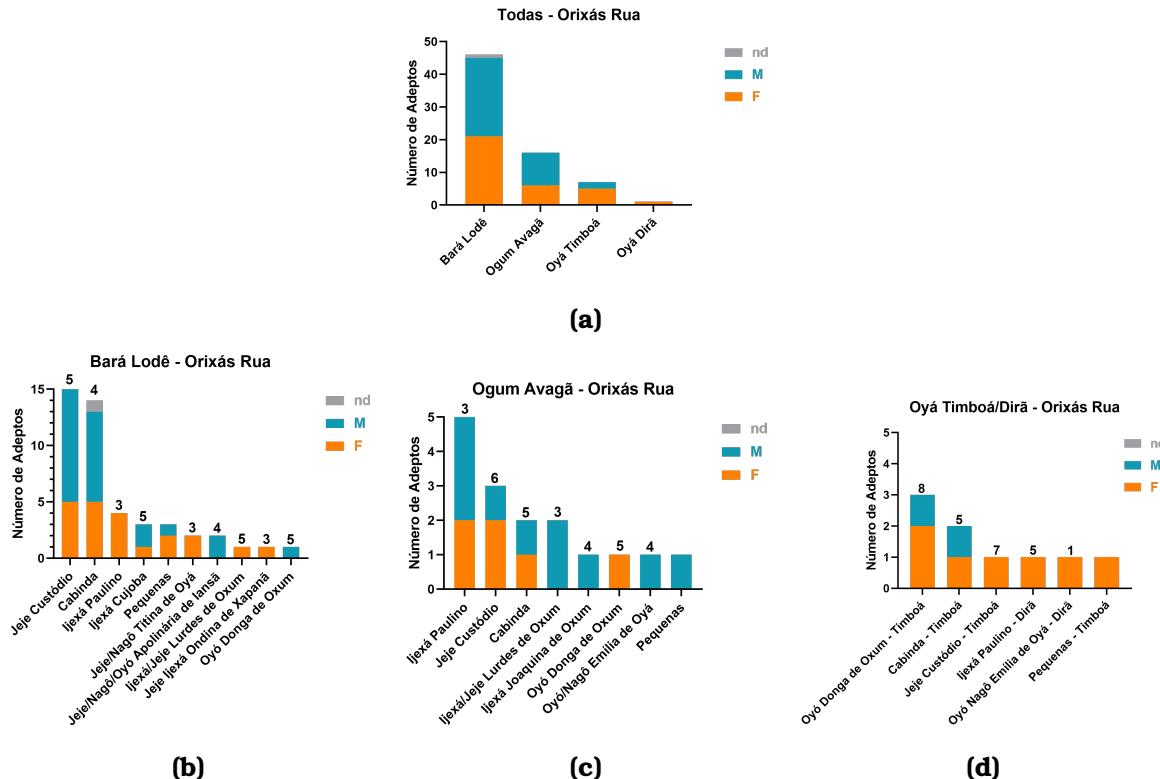


Figura 3.4: Número de adeptos filhos de Orixás de Rua. (a) Quantidade total de filhos Orixás de Rua (Bará Lodê, Ogum Avagã, Oyá Timboá e Oyá Dirã) por árvore. (b) Quantidade de filhos de Bará Lodê por árvore. (c) Quantidade de filhos de Ogum Avagã por árvore. (d) Quantidade de filhos de Oyá Timboá ou Oyá Dirã por árvore. Números acima das barras representam a geração da primeira ocorrência de um adepto filho do Orixá de Rua. Cores representam o sexo do adepto: azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido.

Houve a ocorrência de filhos de Ogum Avagã em sete árvores, sendo que em três delas os adeptos eram apenas do sexo masculino (**Fig. 3.4c**). Dos 24 adeptos encontrados, 6 deles são do sexo feminino. Além disso, a terceira geração foi a mais recente dentre os episódios de filhos de Ogum Avagã no banco de dados. As árvores com filhos de Ogum Avagã são: Ijexá Paulino, Jeje Custódio, Cabinda, Ijexá Jeje Lurdes de Oxum, Ijexá Joaquina de Oxum, Oyó Donga de Oxum, Oyó Nagô Emília de Oyá e Pequenas.

O culto a Oyá-Iansã Dirã ou Oyá-Iansã Timboá é variável e esta pesquisa ainda não é capaz de apresentar dados sobre suas particularidades⁸. Algumas famílias dizem cultuar Oyá Dirã, enquanto outras Timboá. Segundo o conhecimento dos pesquisadores, ainda não é possível determinar se algum desses Orixás é vinculado a alguma Nação ou árvore específicas. Contudo, as duas Oyás apresentam a mesma característica de serem cultuadas na rua e como protetoras da família de santo. Por essa razão, a análise apresentada na **Fig. 3.4d** foi realizada para as duas Iansãs de maneira conjunta.

⁸O formulário disponível na seção 2.4 pretende angariar informações sobre esse tema, por favor contribua.

Nas cinco árvores que se encontrou filhos de Oyá Timboá ou Oyá Dirã, em três delas houve a ocorrência de apenas adeptos do sexo feminino (**Fig. 3.4d**). Dentro os 9 adeptos que estão no banco de dados, dois são do sexo masculino. As árvores nas quais se encontrou alguma ocorrência são: Oyó Donga de Oxum (Timboá), Cabinda (Timboá), Jeje Custódio (Timboá), Ijexá Paulino (Dirã), Oyó Nagô Emília de Oyá (Dirã), e Pequenas (Timboá). Referentemente à geração mais recente encontrada, vemos um resultado interessante: **Mãe Emilia de Oyá (Princesa)** da árvore Oyó Nagô Emilia de Oyá é apontada como filha de Oyá Dirã, sendo, então, o único indício de um precursor das árvores filho de um *Orixá de Rua*. Esta informação é retirada de uma menção do livro de Corrêa (2016, pg. 52). O responsável por tal informação seria Pai Donga de Iemanjá, filho direto e tamboreiro oficial de Mãe Emilia:

[...] Eu sou de oiô, filho (de-santo) da falecida Mãe Emilia de Oiá Dirã, que era mina (antiga, africana) legítima e foi quem trouxe o oiô para Porto Alegre [...]

3.4.3 Ibejis

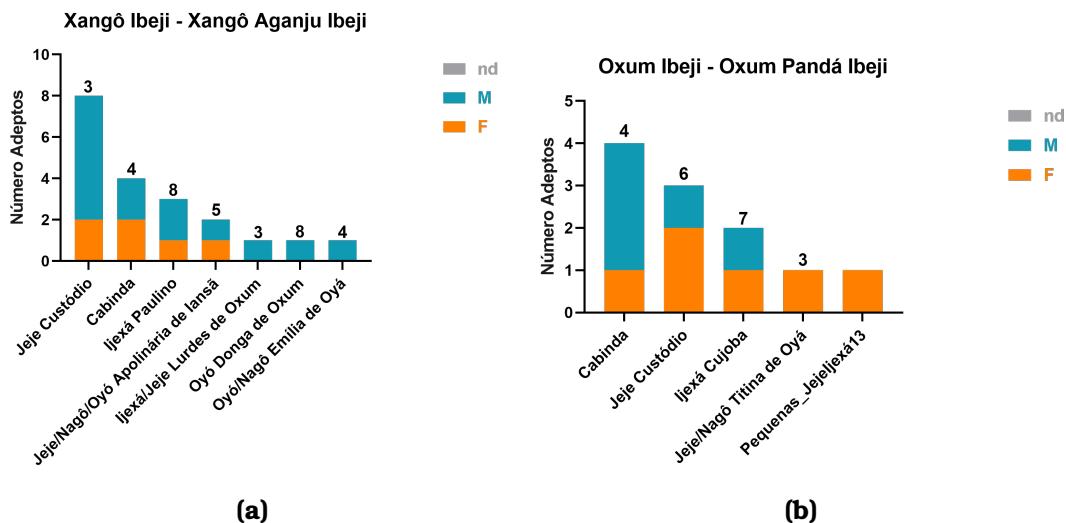


Figura 3.5: Número de adeptos filhos de Ibejis. (a) Filhos de Xangô Ibeji ou Xangô Aganju Ibeji. (b) Filhos de Oxum Ibeji ou Oxum Pandá Ibeji. Números acima das barras representam a geração da primeira ocorrência de um adepto filho de Ibeji. Cores representam o sexo do adepto: azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido.

Referentemente ao culto a Ibejis, encontrou-se 20 adeptos de Xangô Ibeji e 11 de Oxum Ibeji. Por vezes, Ibeji é considerado como uma Qualidade de Orixá (Xangô Ibeji/ Oxum Ibeji) e outras como um Sobrenome especial de Orixá (Xangô Aganjú Ibeji/ Oxum Pandá Ibeji), porém os dados aqui apresentados aglutinaram os dois casos. A **Fig. 3.5** ilustra todas ocorrências encontradas no banco. Para Xangô Ibeji (ou Aganju Ibeji), 14 adeptos são do sexo masculino e 6 do sexo feminino. As árvores que apresentaram filhos de Xangô Ibeji foram: Jeje Custódio, Cabinda, Ijexá Paulino, Jeje/Nagô/Oyó Apolinária

de Iansã, Ijexá Jeje Lurdes de Oxum, Oyó Donga de Oxum, Oyó Nagô Emilia de Oyá (**Fig. 3.5a**). A árvore Jeje Custódio merece especial menção, uma vez que apresenta Mãe Chininha de Xangô Aganju Ibeji matriarca da árvore de terceira geração, Mãe de santo de baluartes como Pai João de Exu (Bará) Bi. Além disso, essa mesma árvore conta com o baluarte Astronogildo Barcelos, conhecido como Pai Pirica de Xangô, que foi inclusive nascido gêmeo. No livro Tamboreiros de Nação, o professor Reginaldo Gil Braga informa que Pai Pirica e o irmão (conhecido como Chico) “foram *segurados na bacia da mãe* Soberana com poucos meses de idade por serem *becús, espíritos fujões*”. O professor transcreve ainda a fala de Pai Pirica:

Naquela época não era como hoje que a pessoa vai se *aprontar* e eles sentam uma pedreira [referência aos *ocutás*, pedras onde são fixados ritualmente os orixás]. Não, eles sentaram os Bêdji, que nós somos filhos de Bêdji, depois, que os Bêdji não criam ninguém, que nos entregaram. Me entregou pra Aganjú e o meu irmão pra Oxum Pandá. Mas já tínhamos os Bêdji *sentos*, que nós éramos gêmeos puros e Bêdji puro — que são dois guris. (Braga, 2013, pg. 64)

A descrição realizada por Pai Pirica possui traços interessantes, pois refere-se a Ibejis como “dois guris” (dois meninos). Além disso, Pai Pirica também descreve que ele e o irmão foram *dados* a Xangô Aganju e Oxum Pandá, respectivamente, corroborando a associação do culto de Ibeji a estes Orixás no Batuque. Contudo, resta a dúvida se o Sobrenome do Orixá de Pai Pirica era realmente Ibeji, como descrito por algumas fontes. Infelizmente, não se tem maiores informações sobre a gemelaridade — número de filhos maior ou igual a dois — dos demais sacerdotes filhos de Ibejis no banco de dados. Contudo, sabe-se que muitas famílias iniciam filhos a Ibejis mesmo para não-gêmeos.

No caso de Oxum Ibeji (ou Pandá Ibeji), dos 11 adeptos registrados, seis são do sexo feminino e cinco do sexo masculino. Na árvore Jeje Nagô Titina de Oyá encontrou-se uma filha de Oxum Ibeji já na terceira geração, a baluarte Mãe Marta de Oxum Pandá Ibeji, filha do Pai Salvaine de Oxum Pandá. Além desta árvore, encontrou-se ocorrências nas seguintes: Cabinda, Jeje Custódio, Ijexá Cujobá e Pequenas JejeIjexas 13 (**Fig. 3.5b**).

3.5 Árvores Individualizadas

3.5.1 Cabinda

Na árvore Cabinda foram armazenados 582 adeptos organizados em nove gerações. O precursor dessa árvore é apontado unanimemente por seus descendentes e fontes como o fundador da Nação: Pai Waldemar Antônio dos Santos de Xangô Kamuká Barualofina. Segundo Pai Denis de Odé (Pai de Santo da Nação Cabinda e historiador), Pai Waldemar teria nascido em 24 de agosto de 1883 e falecido em 15 setembro de 1935. Tal informação foi obtida por comunicação direta após Pai Denis ter encontrado o atestado de óbito de Pai Waldemar.

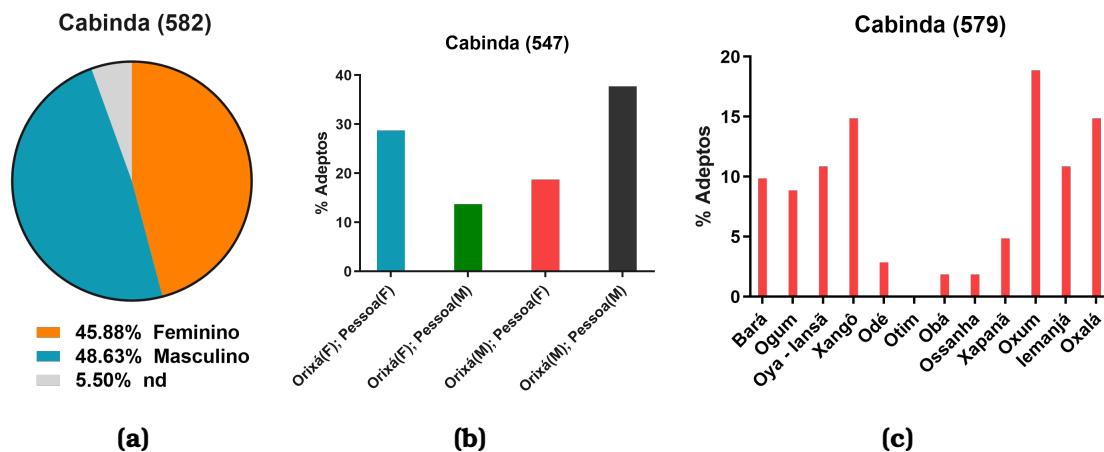


Figura 3.6: Estatísticas da Árvore Cabinda. **(a)** Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. **(b)** Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. **(c)** Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Encontrou-se na árvore 267 adeptos do sexo feminino, 283 adeptos do sexo masculino e 32 com sexo não definido. Em contraponto com a padrão geral do banco de dados, a árvore Cabinda apresentou um percentual ligeiramente maior de adeptos do sexo masculino do que do sexo feminino (**Fig. 3.6a**). Para confirmar a maior presença de adeptos do sexo masculino seria recomendado futuras pesquisas que incrementassem o número de indivíduos da árvore. Demais estatísticas da árvore estão presentes na **Fig. 3.6**.

Dentre sacerdotes de renome dessa árvore estão: Pai Henrique de Oxum, Pai Romário de Oxalá, Pai Cleon de Oxalá, Pai Adão de Bará, Pai Hélio de Xangô, Pai Zé de Ogum, Pai Raul de Xangô e outros. A Nação Cabinda possui renomados tamboreiros da história recente do Batuque: Pai Antônio Carlos de Xangô, Pai Didi de Xangô, Pai Chamim de Xangô, Pai Jorge Belerum de Oxalá, dentro outros. Infelizmente, nem todos tamboreiros citados estão inclusos no banco de dados.⁹

3.5.2 Ijexá Cujobá de Xangô

Na árvore Ijexá Cujobá de Xangô foram armazenados 215 adeptos organizados em dez gerações. O precursor dessa árvore é apontado pela maioria como Pai Cujobá de Xangô. Existem poucas informações acerca de Pai Cujobá, mas em geral o conhecimento popular o aponta como um escravizado liberto de origem africana. Segundo as fontes, Pai Cujoba teria feito (Ver termo na Seção

⁹O objetivo de mencionar nominalmente alguns ícones da árvore e Nação é auxiliar o leitor-adepto a situar a sua família dentro de algum ramo da árvore. O autor declara que a ausência de algum sacerdote nas citações não representa qualquer desprestígio deste. Reitera-se o respeito genuíno por parte do autor, equipe de pesquisa e membros revisores de todo e qualquer sacerdote presente no banco de dados.

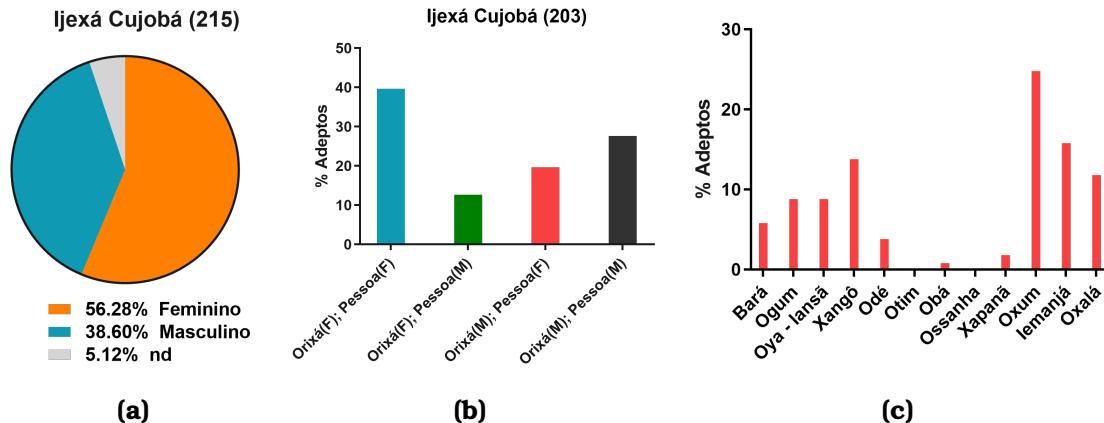


Figura 3.7: Estatísticas da Árvore Ijexá - Cujobá. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

1.5) Mãe Celestrina de Oxum Docô, a qual teria *feito* Pai Hugo de Iemanjá. Todos descendentes da árvore possuem Pai Hugo de Iemanjá como ascendente, bem como Mãe Celestrina. Informações que ligam Mãe Celestrina a Pai Cujobá são difusas e possuem poucas evidências históricas, campo aberto para a pesquisa aprofundada de historiadores.

Após realizar entrevista com Pai Ayrton Paixão de Xangô, o professor Norton Corrêa escreve sobre Pai Cujobá:

[...] O pai-de-santo Ayrton do Xangô complementa que o primeiro chefe do jexá teria sido o velho Cudjobá (nome do Xangô deste e pelo qual era conhecido), filho do Xangô com a Obá, de quem ele, Ayrton, é bisneto-de-santo. Entre outros chefes já falecidos, filhos do primeiro, cita a Celestrina da Oxum Docô. Segundo ele, o Cudjobá tinha “lanhos de chicote” (ou marcas tribais?) e morava na rua Taquari, perto da igreja São Francisco. Netos-de-santo deste eram a Januária da Oxum Docô e o Hugo da Iemanjá, do qual ele vem a ser filho-de-santo. (Corrêa, 2016, pg. 53)

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na (Fig. 3.7). Encontrou-se na árvore 121 adeptos do sexo feminino, 83 adeptos do sexo masculino e 11 com sexo não definido (Fig. 3.7a). Esta árvore foi a única entre aquelas que possuem mais de 100 adeptos que apresentou o Orixá Iemanjá dentre os três Orixás mais comuns da árvore (Fig. 3.7c).

Dentre sacerdotes de renome dessa árvore estão: Mãe Miguela de Bará Agelu, Pai Jorge Verardi de Xangô Agodô, Pai Ayrton Paixão de Xangô, Pai Pedro de Oxum Docô.

3.5.3 Ijexá Janjão de Xangô

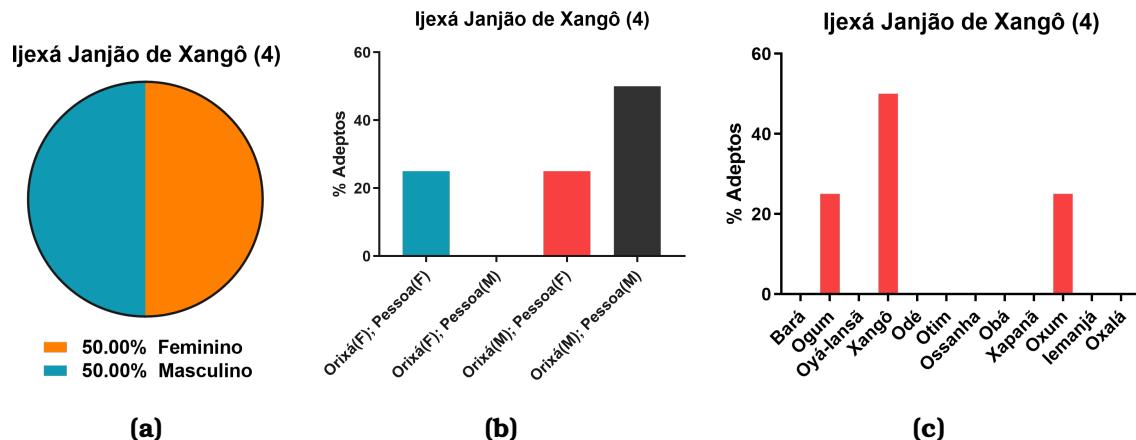


Figura 3.8: Estatísticas da Árvore Ijexá - Janjão de Xangô. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Ijexá Janjão de Xangô foram armazenados quatro adeptos organizados em três gerações. O precursor dessa árvore é apontado como Pai Janjão de Xangô. Apesar de haver poucos adeptos nessa árvore, ela é tida pelas evidências como uma origem independente de Ijexá. Praticamente toda informação disponível acerca de Pai Janjão de Xangô e seu filho de santo Pai Alfredo (Sarara) de Xangô provém do respeitável site **Xangô Sol**, redigido pelo Pai de Santo e pesquisador autônomo Pai Tita de Xangô:

Alfredo Elpídio de Lima - Alfredo Sarará, filho de Xangô, Babalorixá de grande importância para o Batuque do Rio Grande do Sul. Era filho de santo de Janjão de Xangô da Nação Ijexá. De acordo com Mãe Jurema de Xangô, Janjão era um negro muito feiticeiro, ela o conheceu numa festa de batuque na casa de Mãe Etelvina de Bará. Mãe Etelvina foi outra grande grande Yalorixá da antiguidade dentro da nação Ijexá. Pai Alfredo de Xangô morava na Leopoldo Bier, em Porto Alegre, era casado com a Yalorixá da Nação Jêje Glória Isolina barbosa, mais conhecida como Ya Tolá de Yemanjá e teve com ela os filhos: Pedro de Yemanjá, Miguelina de Xangô, tinha o apelido de “quito”, Alfredinho, tamboreiro, Miguel de Xangô, tinha o apelido de “Cara Furada”, e a mais nova era Ironita de Oxum. (José Eduardo Cezimbra, 2025)¹⁰

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na (Fig. 3.8). Até o momento, não se sabe ao certo se existem descendentes diretos dessa árvore,

¹⁰Disponível em: <https://xangosol.com.br/batuque>. Acesso em: 13 de jul. de 2025

porém fontes da árvore de Pai Pedro de Iemanjá informam que Pai Pedro incrementou o culto Jeje que recebeu de sua avó carnal com o Ijexá de seu pai carnal (Pai Alfredo de Xangô), estabelecendo, então, toda sua descendência como Jeje Ijexá.

3.5.4 Ijexá Joaquina de Oxum

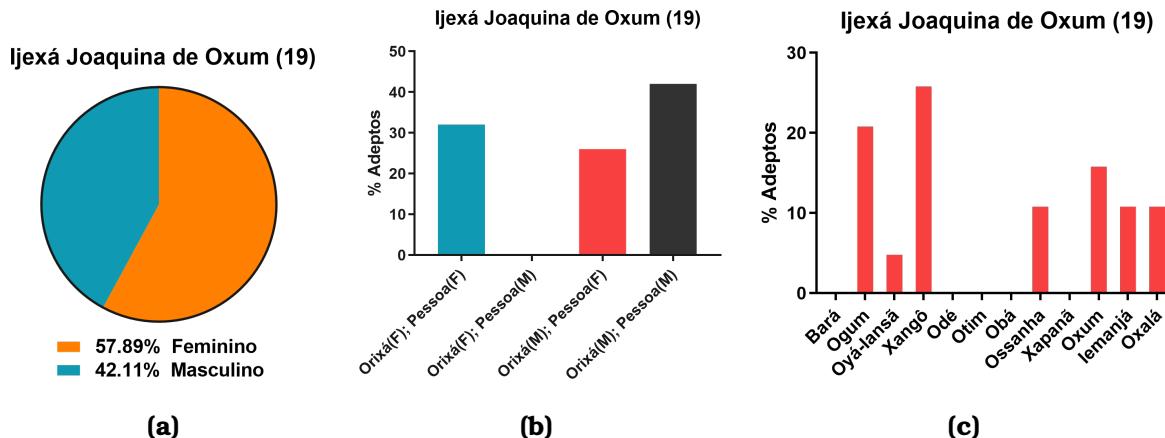


Figura 3.9: Estatísticas da Árvore Ijexá - Joaquina de Oxum. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Ijexá Joaquina de Oxum foram armazenados 16 adeptos organizados em seis gerações. A precursora dessa árvore é tida por ser Mãe Joaquina de Oxum Docô.    uma família restrita e com poucas informa  es disponíveis. Acerca de Mãe Joaquina, o site **Xangô Sol** ((José Eduardo Cezimbra, 2025)) parece corroborar o relato:

Mãe Joaquina Antônio Jacinto, conhecida como vov   Juquina, morava na rua Avaí, bairro cidade baixa, porto Alegre, onde se localiza a sociedade religiosa beneficente Africana 1° de Janeiro. Na  o Ijexá cultuava com o orixá máximo Obokun (rei da Na  o Ijexá). A responsabilidade por Obokun lhe foi entregue por Mãe Esperança, quando essa ficou viúva. As festas para Obokun aconteciam no Natal e encerravam em 31 de dezembro¹¹

Pai Rodrigo de Oxalá, fonte e descendente da ´rvore, também relatou sobre o Orixá Oxalá Obocum, sendo Ele o patrono da Na  o Ijexá. Contudo, o Orixá teria estado primeiramente com Mãe Joaquina e não entregue por Mãe Esperança como indica a cita  o acima. A fonte comenta ainda que o *assentamento* do Orixá teria sido encontrado por uma lavadeira após a enchente de

¹¹Dispon  vel em: <https://xangosol.com.br/batuque>. Acesso em: 13 de jul. de 2025

1941. Ao ser encontrado, ficou sob os cuidados de Mãe Estela de Iemanjá (ascendência não encontrada, mas era de Ijexá). Com a morte de Mãe Estela, Pai João Batista de Xangô — mestre nos toques aos Orixás, com conhecimento de Ijexá e Oyó — ficou responsável por Obocum. Após falecimento de Pai João Batista, o Orixá ficou guardado até passar para Mãe Neneca de Xangô (Oyó). Desde então o paradeiro de Obocum é incerto, mas deve estar entre os descendentes de Mãe Neneca, na Nação Oyó. Pai Rodrigo conta, ainda, que outros Orixás acompanhavam Oxalá Obocum, eram eles: Oxalá Alaxe, Oxalá Oxerede, Orixá Ocô, Ogum Erege e Exu (Bará) Abanadá. Oxalá Oxerede ainda está sob tutela de Pai Rodrigo.

A foto identificada por descendentes desta árvore (Vide **Xangô Sol**) como ser de Mãe Joaquina de Oxum Docô é a mesma imagem que adeptos da árvore Ijexá Cujoba identificam como Mãe Celestrina de Oxum Docô. As duas são do mesmo Orixá e com origem semelhante. Apesar dos nomes distintos, pode se tratar da mesma pessoa? Se assim fosse, a árvore aqui identificada como Ijexá Joaquina de Oxum seria um ramo da árvore Ijexá Cujobá de Xangô. Devido a importância de informações contidas nas árvores mencionadas, o autor decidiu mantê-las separadas enquanto não houver confirmações. Será necessário investigações históricas e escuta de um maior número de descendentes.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na (**Fig. 3.9**). Encontrou-se na árvore 9 adeptos do sexo feminino e 7 adeptos do sexo masculino (**Fig. 3.9a**). Dentre sacerdotes de renome dessa árvore estão: Pai Manduca de Xangô e o mestre tamboreiro João Batista de Xangô.

3.5.5 Ijexá Paulino de Oxalá

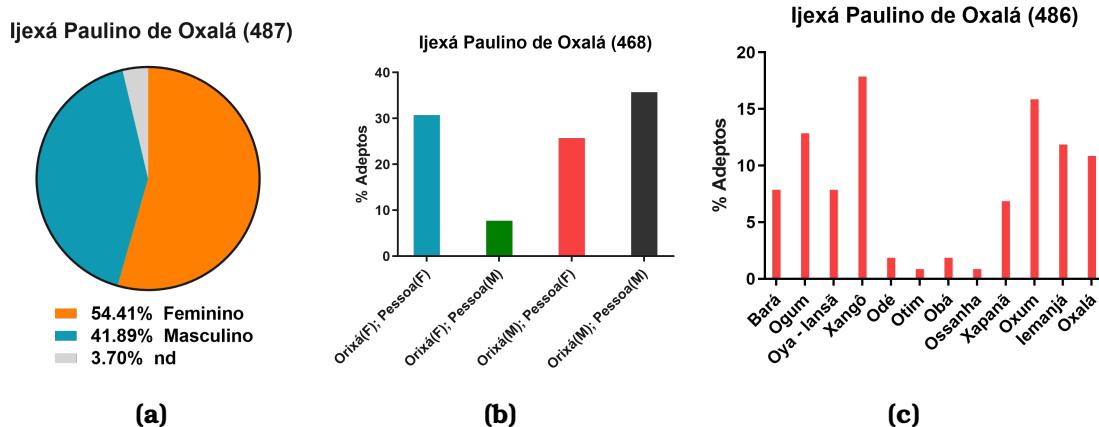


Figura 3.10: Estatísticas da Árvore Ijexá Paulino de Oxalá. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Ijexá Paulino de Oxalá foram armazenados 487 adeptos organi-

zados em dez gerações. O precursor dessa árvore é apontado unanimemente como Pai Paulino de Oxalá Efan. Informações mais detalhadas novamente estão disponíveis no site **Xangô Sol**. Pai Tita, responsável pelo site; o autor; e o pesquisador Babá Phil fazem parte desta árvore.

[...] Sem dúvida, a Nação Ijexá foi a que mais se destacou na cidade de Porto Alegre. Sou descendente da raiz de Pai Paulino de Oxalá Efan, Babalorixá, que teve todas suas obrigações feitas pelas mãos de duas negras, ex-escravas, oriundas da região de Ilexá na Nigéria. Uma recebeu o nome no Brasil de Margarida, era filha de Oxalá, e sua irmã chamava-se de Inácia. Enquanto viveram participaram de todas as obrigações na casa de Pai Paulino. Mãe Jurema de Xangô [**Mãe Jurema foi filha de santo de Pai Paulino**], é quem me passa as informações sobre quem fez a iniciação de Pai Paulino, e não lembra com certeza qual o Orixá de Mãe Inácia. Pai Paulino, oriundo de Pelotas, morou na Avenida Berlim 418, em Porto Alegre, onde iniciou muitos filhos de santo que se tornaram sacerdotes e sacerdotisas da religião africana em Porto Alegre e outras localidades no Estado do Rio Grande do Sul. Foi um sacerdote muito rígido, não era assim tão fácil receber axés de suas mãos, o filho de santo tinha que mostrar merecimento. Mesmo com vários anos de iniciação ele só liberava para trabalhar na religião depois de ter certeza que aquela pessoa estava realmente hábil para executar os rituais. Os filhos de santo dele que tiveram maior destaque foram Manoel Antônio Matias, conhecido como Manézinho de Xapanã, Idalino Moreira conhecido como Pai Idalino de Ogum, Pedro Fagundes, tamboreiro; Maria Antônia Ferreira de Assis, conhecida no meio religioso como Mãe Antônia de Bará; Jurema de Xangô; Julia de Xapanã; Ruquina de Oxalá; Joana de Xapanã; Barbosa de Ogum; Gasparina de Oxum, entre muitos outros. (José Eduardo Cezimbra, 2025, grifo do autor)¹²

Apesar da raiz ser Ijexá, hoje a maioria dos descendentes identifica-se como Jeje Ijexá ou Ijexá Jeje. Tal identificação se deve à inclusão de alguns rituais na Nação Jeje pelos adeptos. Contudo, os motivos de tal inclusão é variada e depende do ramo da árvore. De toda maneira, em geral há concordância dentre os descendentes que a matriz da árvore segue sendo a Nação Ijexá. A grande maioria dos descendentes dessa árvore provém de Pai Manoelzinho (Manoel Antônio Matias) de Xapanã Jubiteí Tenhur ou Pai Idalino Moreira de Ogum Onirê Lobiri, dois ícones do Batuque em seu tempo.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.10**. Encontrou-se na árvore 265 adeptos do sexo feminino, 204 adeptos do sexo masculino e 18 com sexo não definido (**Fig. 3.10a**). Os Orixás mais comuns dessa árvore foram: Xangô, Oxum e Ogum, em ordem decrescente (**Fig. 3.10c**). Todo o banco de dados possui seis adeptos do Orixá Otim, sendo que metade (três) foi informada nessa árvore. Dentre estes, está a ilustre Mãe Nair de Otim, bisneta de Pai Paulino de Oxalá.

¹²Disponível em: <https://xangosol.com.br/batuque>. Acesso em: 14 de jul. de 2025

Dentre sacerdotes de renome dessa árvore estão: Mãe Ester de Iemanjá e sua filha Mãe Santinha de Ogum, Pai Zeca Pinheiro de Xapanã, Mãe Sueli de Xangô, Mãe Olmira de Xangô, Mãe Cenira de Xapanã. Esta árvore também é muito rica em mestres - e mestras - tamboreiros, tais como: Pai Tureba de Ogum, Pai Tesoura de Ogum, Mãe Jurema de Xangô, Pai Chaninho de Bará Lanã, Pai Ademar de Ogum, Pai Hostílio de Oxalá e Pai Jairo de Bará.

3.5.6 Ijexá Jeje Lurdes de Oxum

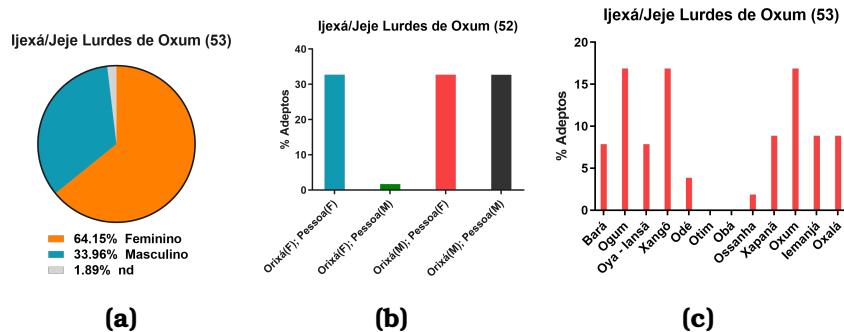


Figura 3.11: Estatísticas da Árvore Ijexá Jeje Lurdes de Oxum. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

A fundadora desta árvore é apontada como Mãe Lurdes de Oxum Docô, que seguia a Nação Ijexá Jeje e era moradora do bairro Jardim Botânico, Porto Alegre. Esta árvore foi informada por apenas uma fonte e o autor não foi capaz de encontrar a informação de quem fez Mãe Lurdes. É suspeita do autor que esta árvore provavelmente seja integrada em alguma outra árvore assim que os dados forem atualizados e expandidos. Informações adicionais de descendentes serão bem-vindas¹³. Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na Fig. 3.11. Encontrou-se na árvore 34 adeptos do sexo feminino, 18 adeptos do sexo masculino e 1 com sexo não definido (Fig. 3.11a).

3.5.7 Jeje Príncipe Custódio

Na árvore Jeje Príncipe Custódio foram armazenados 625 adeptos organizados em dez gerações. O precursor dessa árvore é apontado unanimemente como Pai (Príncipe) Custódio Joaquim de Almeida de Xapanã Sapatá Erupê. Príncipe Custódio foi uma figura histórica e folclórica ao mesmo tempo, dentre os fundadores das árvores apresentadas nessa obra é de quem mais se tem material publicado. Contudo, os relatos são por vezes contrastantes: se era

¹³Para saber como contribuir com a pesquisa ler seção 2.4 da Metodologia. Essa pesquisa segue em andamento e pretende ao longo do tempo atualizar e expandir o banco de dados.

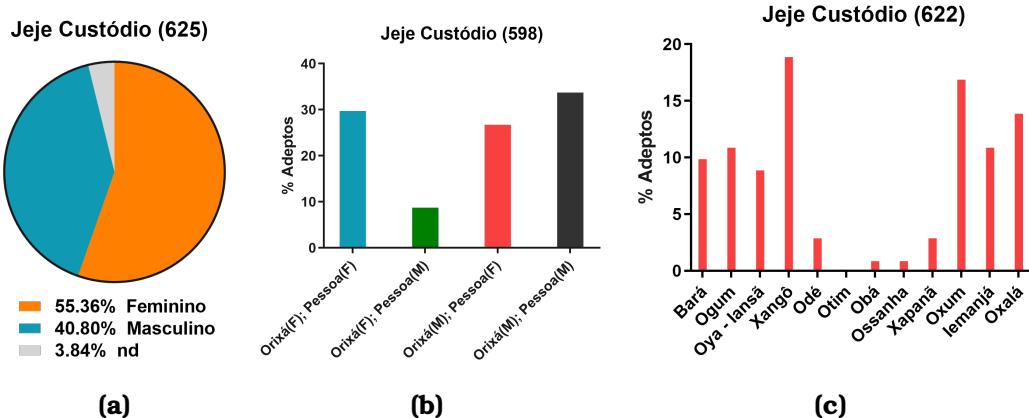


Figura 3.12: Estatísticas da Árvore Jeje Príncipe Custódio. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

brasileiro ou africano; se realmente iniciou ou não filhos de santo; se realmente influenciou governantes históricos do Rio Grande do Sul como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. De toda maneira, foi um homem negro a frente do seu tempo e influenciou o Batuque, se não historicamente, no mínimo folcloricamente. Desde já recomenda-se a leitura das fontes (Silva, 1999), (Scherer, 2021) e (Oliveira; Scherer, 2025) e visualização dos vídeos “Custódio, o príncipe de Porto Alegre”¹⁴ e o “Príncipe Negro Joaquim Custódio de Almeida”¹⁵, ambos disponíveis no YouTube.

A árvore aponta Mãe Soberana de Iemanjá como filha de Pai Custódio, mas poucas informações estão disponíveis sobre ela. Alguns relatos consideram Mãe Chininha de Xangô Aganjú como filha direta de Pai Custódio.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na Fig. 3.12. Encontrou-se na árvore 346 adeptos do sexo feminino, 255 adeptos do sexo masculino e 1 com sexo não definido (Fig. 3.12a). Os Orixás mais comuns dessa árvore foram: Xangô, Oxum e Oxalá, em ordem decrescente (Fig. 3.12c).

Dentre sacerdotes de renome dessa árvore estão: Pai Pirica de Xangô, Pai João de Bará (Exu Bi), Pai Zé da Saia, Pai Nelson de Xangô, Pai Ailton de Oxum Pandá Ieiê Richê, Pai Vinícius de Oxalá Domaia. Esta árvore possui diversos tamboreiros e tamboreira de prestígio, como: Pai Pirica de Xangô e Mãe Eva (Evinha) de Xangô. Ao que se sabe, Pai Alfredo Ecó de Xangô pertence a outra Nação, porém é reconhecido por ter grande conhecimento sobre o toque da Nação Jeje. A Nação Jeje é conhecida por conter rezas mais aceleradas, dança característica em pares, tambores tocados com aguidavis — baquetas percussivas — além de alegar-se que diversas rezas têm origem Jeje (Ewê/Fon). Contudo, nem todos descendentes percutem seus tambores

¹⁴Disponível em: [youtube.com/watch?v=vlaZu0Jc0t8](https://www.youtube.com/watch?v=vlaZu0Jc0t8). Acesso em: 14 de jul. de 2025

¹⁵Disponível em: [youtube.com/watch?v=DIer08E_bTE](https://www.youtube.com/watch?v=DIer08E_bTE). Acesso em: 14 de jul. de 2025

com auxílio das varetas, utilizam o método manual comum ao restante das árvores e Nações.

3.5.8 Jeje Ijexá Ondina de Xapanã

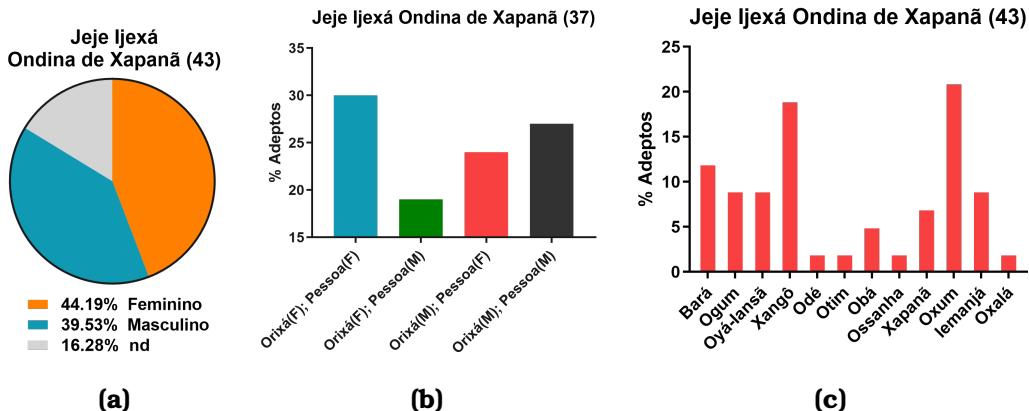


Figura 3.13: Estatísticas da Árvore Jeje Ijexá Ondina de Xapanã. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Jeje Ijexá Ondina de Xapanã foram armazenados 43 adeptos organizados em quatro gerações. A precursora dessa árvore é apontada como Mãe Ondina de Xapanã. Até o momento, não encontrou-se informações acerca de quem *fez* Mãe Ondina¹⁶, mas acredita-se que esta árvore possa ser integrada a alguma dentre as demais com pesquisas adicionais. O *terreiro* de mãe Ondina é tido como um dos mais antigos ainda em operação, possuindo uma placa em sua entrada informando 1939 como o ano de sua fundação. Há informações ainda que o estatuto da casa de santo data de 1920. A sucessão da casa se deu com Mãe Taia de Xapanã, filha *carnal* e de santo de Mãe Ondina, e atualmente está sob o comando de Pai Marco Antônio (Tonho) de Obá. Pai Marco recomendou ao autor a leitura do texto abaixo:

Fernando Palmeiro da Fontoura - Ondina da Conceição, cujo nome de religião era “Ondina de Xapanã” nasceu em Porto Alegre em 19 de novembro de 1900, no Bairro Sarandi [...] Mãe Ondina de Xapanã foi e é uma das figuras mais respeitáveis e grandiosas da Religião Africana, segundo confirma e relata sua filha Taia, que a sucedeu no ilê [terreiro, casa de santo] do Passo das Pedras. Ondina da Conceição chegou a ter, entre filhos de santo e outros que foram por ela orientados, 3.800 pessoas devidamente cadastradas, em Porto

¹⁶Para saber como contribuir com a pesquisa ler seção 2.4 da Metodologia. Essa pesquisa segue em andamento e pretende ao longo do tempo atualizar e expandir o banco de dados.

Alegre e no interior do estado. Seu avô materno foi o herói da Guerra do Paraguai Bastião Batista e o avô paterno o gaúcho João Antônio Mathias. Mãe Ondina trajava-se sempre com a roupa comprida e branca no estilo das baianas. Quando da oferenda ao seu Orixá, chamava com a sineta o boi que seria entregue ao sacrifício e ele dirigia-se espontânea e pacificamente em sua direção até a porta de entrada do ilê e de lá era, então, encaminhado até o quarto de santo, onde era sacrificado de forma rápida e tranquila e entregue a Xapanã. Alta, forte, terna e caridosa, chegava a abrigar em casa, por inúmeras vezes, mais de vinte pessoas, sem contar seus familiares. Dotada de grande poder mediúnico, veio a falecer em **14 de maio de 1978**.

Lembro-me bem que, naquela data, resolvi, de inepiro [inopino], dirigir-me a sua casa, portando uma rosa, pois tratava-se do Dia das Mães. Era seu amigo e advogado do Templo. Encontrei-a deitada, com um “bori”. Sendo um dia muito quente, mandou que buscassem cerveja para oferecer-me. A seguir disse-me: “Tudo o que quiseres pedir, faze-o por escrito para eu entregar para a “Velha do Balé”... Fiquei com ela aproximadamente uma hora e meia e a tardinha retornei. Posteriormente, fiquei chocado ao saber que naquele Dia das Mães, no qual também aniversariava seu Xapanã, e, ao bater cabeça no peji [quarto de santo], saudando seu Orixá, falecera. Fui a última pessoa a estar com ela, além de seus familiares. Sua filha carnal Taia e os parentes depositaram a rosa que eu levara ao seu lado, no esquife. [...] Deixou um profundo vácuo e saudades em todos aqueles que a conheceram de perto. Os desígnios foram cumpridos, pois, como foi visto, morreu no Dia das Mães, que coincidia com o aniversário do seu Xapanã e ao homenagear os Orixás no peji, todos esses fatos vêm a demonstrar, salvo melhor juízo, tratar-se de uma autêntica sacerdotiza da Religião Africana. Seu Xapanã, naquela tardinha de 14 de maio de 1978, com certeza ao lado de outros Orixás, a abraçaram afetuosamente no momento em que seu luminoso espírito libertava-se da matéria, conduzindo-a “aos verdes campos guiando-a mansamente às águas tranquilas” entregando-a aos braços de Olorum... (Rodrigues, 2025, grifo do autor)¹⁷

O texto redigido por Fernando Fontoura encontra algum lastro histórico: consta no atestado de óbito de Mãe Ondina que ela realmente faleceu em **14 de maio de 1978** aos 77 anos de idade, sendo, portanto, nascida no ano de 1901. O atestado ainda indica que Ondina da Conceição faleceu de acidente vascular cerebral, arteriosclerose, às 20h no Hospital Cristo Redentor em Porto Alegre, RS, e que a residência de Mãe Ondina ficava no Beco da Servidão nº8, bairro Passo das Pedras. Mãe Ondina era filha *carnal* de Bastião Batista da Costa e de Adelina Maria da Conceição e deixou duas filhas *carnais*: Alice (com 52 anos em 1978) e Vanda (com 42 anos em 1978)¹⁸. Ao que se sabe, Vanda da

¹⁷Disponível em: <https://www.facebook.com/marcoarodrigues.rodrigues..> Acesso em: 14 de jul. de 2025

¹⁸Fonte: Atestado de óbito de Ondina da Conceição. Registro Civil de Porto Alegre, livro C2,

Conceição é o nome social de Mãe Taia de Xapanã.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.13**. Esta árvore possui um adepto do sexo masculino do Orixá Obá e outro do Orixá Otim.

3.5.9 Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá

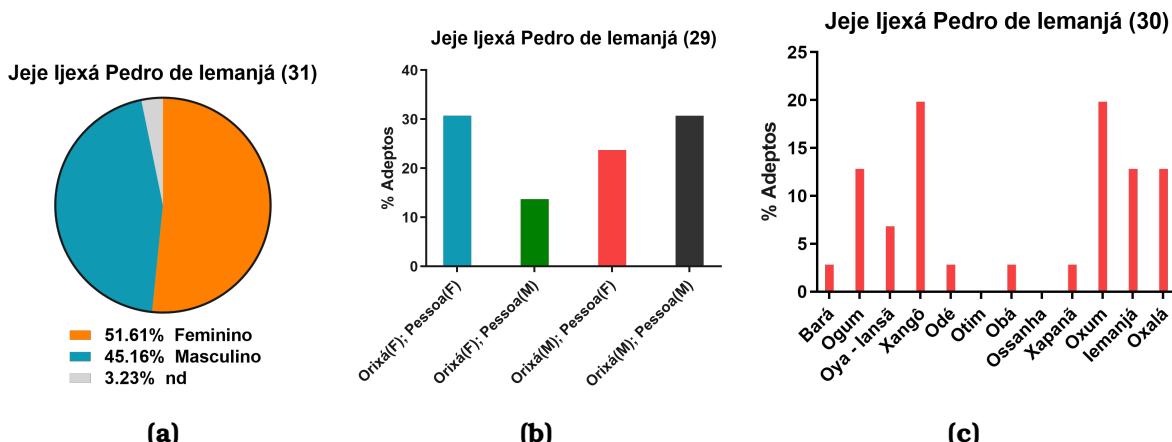


Figura 3.14: Estatísticas da Árvore Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá foram armazenados 31 adeptos organizados em quatro gerações. A precursora dessa árvore é apontada como Mãe Isolina de Xangô Inã, avó *carnal* de Pai Pedro de Iemanjá. Consta que Mãe Isolina de Xangô era da Nação Jeje, apenas, bem como sua filha *carnal* — e provavelmente de santo — Glória Isolina Barbosa, conhecida por Iyá Tolá de Iemanjá, como cita Pai Tita de Xangô (José Eduardo Cezimbra, 2025).

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.14**. Encontrou-se na árvore 16 adeptos do sexo feminino, 14 adeptos do sexo masculino e 1 com sexo não definido. Como mencionado anteriormente, Pai Pedro uniu o apresendizado que obteve de sua avó e mãe de santo (Jeje) com o de seu pai *carnal* Pai Alfredo de Xangô (Ijexá), considerando-se, doravante, Jeje Ijexá. Por essa razão, a árvore aqui citada foi nomeada como “Jeje Ijexá Pedro de Iemanjá” por ser Pai Pedro de Iemanjá o grande ícone dela e patriarca de todos descendentes que se tem notícia atualmente. Além disso, com tal nomeação fica facilitada a pesquisa de adeptos interessados.

óbito nº 909 folha 131. Family Search:

www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-99GZ-3S1D

3.5.10 Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã

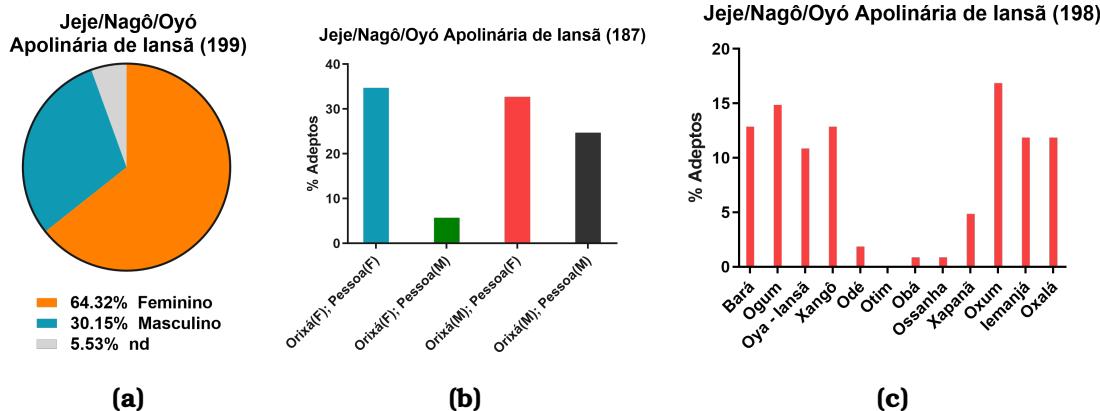


Figura 3.15: Estatísticas da Árvore Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã. **(a)** Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. **(b)** Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. **(c)** Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Jeje/Nagô/Oyó Apolinária de Iansã foram armazenados 199 adeptos organizados em seis gerações. Mãe Ermínia de Oxum Bolomi é apontada como precursora dessa árvore. As informações acerca de Mãe Ermínia (por vezes menciona-se Erminda) são limitadas, conta-se que ela tenha morado e/ou nascido no estado de Santa Catarina. Mãe Apolinária de Iansã consta, até o momento, na árvore como única filha de santo descrita de Mãe Ermínia; sendo, portanto, ascendente e matriarca de todos adeptos dessa árvore.

Mãe Apolinária foi uma Mãe de Santo de renome em sua época, recebeu e atraiu atenção pública de diversas regiões, inclusive internacional. Permitiu acesso irrestrito a seus rituais para pesquisadores como o folclorista Carlos Galvão Krebs (Krebs, 1988) e o psicanalista Ernesto La Porta (Porta, 1979). Atualmente, o município de Porto Alegre conta com uma avenida que homenageia Mãe Apolinária (Av. Mãe Apolinária Matias Batista - Morro Santana, Porto Alegre, RS, CEP 91450-510) e consta as seguintes informações sobre o logradouro:

Apolinária Matias Batista, Mãe. (Avenida, Bairro Protásio Alves.)

– *Religiosa e filantropa.* Nasceu na cidade de Tubarão-SC, dia 10 de março de 1910. Estudou na Bahia e, mais tarde, radicou-se em Porto Alegre. Casou e teve três filhos e, além desses, mantinha sob sua guarda 40 crianças. Na religião afro-brasileira, trabalhou com as linhas branca, africana e de oiô. Sua casa de religião alcançou fama internacional. Faleceu no dia 5 de junho de 1958. Lei nº 4.211, de 9 de dezembro de 1976. (Fontes(org.), 2007, pg. 19)

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.15**. Encontrou-se na árvore 128 adeptos do sexo feminino, 60 adeptos do sexo masculino e 11 com sexo não definido (**Fig. 3.15a**). Esta árvore foi a única dentre as que possui mais de 100 adeptos que apresentou o Orixá Bará dentre os três Orixás mais comuns da árvore (**Fig. 3.15c**).

Segundo os relatos de descendentes e fontes, os adeptos da árvore identificam-se por vezes como Jeje Nagô, Nagô Oyó ou até Jeje Nagô Oyó. Por tais descrições contrastantes acerca da Nação(ões) desta árvore, não foi possível traçar quais delas era cultuada por Mãe Erminia e Mãe Apolinária. Contudo, a base parece ser Oyó. Assim sendo, o autor optou chamar a árvore como “Jeje/Nagô/Oyó” com o objetivo de ser o mais inclusivo possível. Dentre os sacerdotes de renome dessa árvore estão: Mãe Cidoninha de Oxum, Pai Neimar de Oxum, Mãe Francisca de Oxum e Mãe Maria Antônia de Oxalá.

3.5.11 Jeje Nagô Titina de Oyá

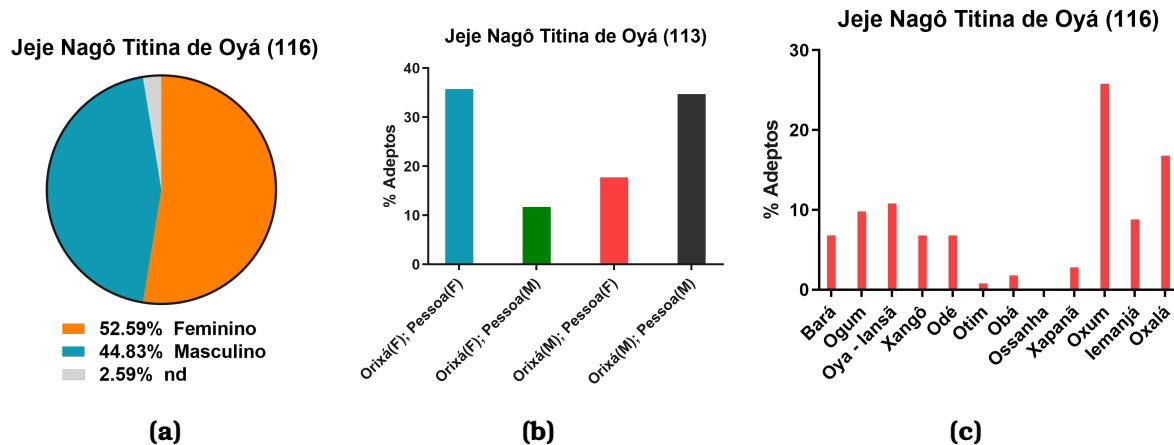


Figura 3.16: Estatísticas da Árvore Jeje Nagô Titina de Oyá. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Jeje Nagô Titina de Oyá foram armazenados 116 adeptos organizados em sete gerações. A precursora dessa árvore é apontada como Mãe Titina de Oyá Ladjá. Como em outros casos, se têm poucas informações acerca de Mãe Titina e, até então, não encontrou-se sequer seu nome social completo. Uma fonte relatou que Mãe Titina de Oyá se considerava filha de Pai Custódio (Príncipe), mas tal relato foi considerado dúvida e hesitante. Novas pesquisas serão necessárias para a melhor descrição de Mãe Titina.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.16**. Encontrou-se na árvore 128 adeptos do sexo feminino, 60 adeptos do sexo masculino e 11 com sexo não definido (**Fig. 3.16a**). Oxum, Oxalá e Oyá, respectivamente,

foram os Orixás mais comuns da árvore (**Fig. 3.16c**). Na árvore, estão registrados apenas Pai Rogério de Oxalá Oromilaia e Pai Salvaine de Oxum Pandá Mi como filhos de Mãe Titina. Assim, eles são patriarcas da descendência subsequente. Dentre sacerdotes de renome dessa árvore estão: Mãe Clair de Oxum (município de Bagé), Mãe Marta de Oxum e Pai Jorge Luis Monteiro (Bokuda) de Oxalá Obocum.

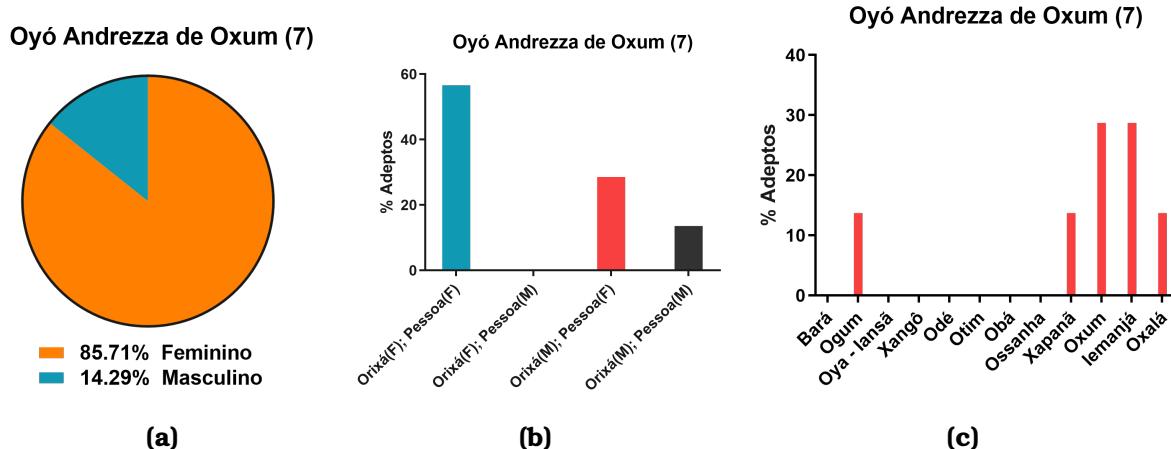


Figura 3.17: Estatísticas da Árvore Oyó Andrezza de Oxum. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

3.5.12 Oyó Andrezza de Oxum

Na árvore Oyó Andrezza de Oxum estão armazenados 7 adeptos organizados em quatro gerações. A precursora dessa árvore é apontada como Mãe Andrezza de Oxum. Andrezza Ferreira da Silva também foi objeto de pesquisa do folclorista Carlos Galvão Krebs. Na obra “História de Batuques e Batuqueiros: Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre” são apresentadas informações valiosas acerca de Mãe Andrezza oriundas do acervo familiar de Carlos Galvão Krebs (Gomes; Scherer; Oliveira, 2021).

Foram publicadas matérias sobre Mãe Andrezza em jornais locais da época, como o Diário da Noite (RJ)¹⁹. Mãe Andrezza também serviu como fonte de africanistas externos ao Rio Grande do Sul, como Roger Bastide (Bastide, 1950) e o estadunidense Melville Herskovits (Herskovits, 1943).

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.17**. Com a exceção de um adepto, todos são do sexo feminino (**Fig. 3.17a**). Na árvore, está registrado apenas Mãe Missinda de Xapanã como filha de Mãe Andrezza.

¹⁹Fonte: Diário da Noite (RJ). Ano 1951, Edição 05160 . Fundação Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital: memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=221961_03&pasta=ano%20195&pesq=Andrezza&pagfis=13903

Ao que se sabe, tal árvore ainda apresenta descendentes diretos de Mãe Andreza²⁰.

3.5.13 Oyó Donga de Oxum

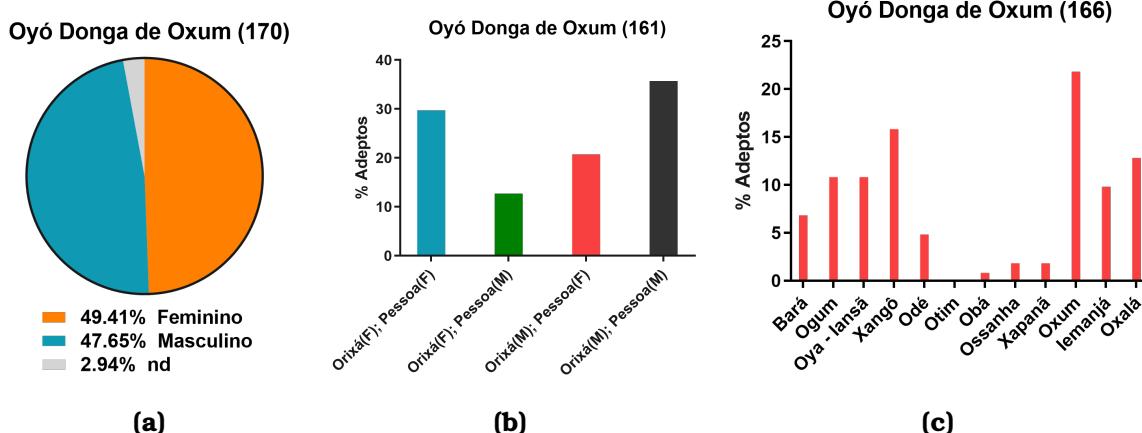


Figura 3.18: Estatísticas da Árvore Oyó Donga de Oxum. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Na árvore Oyó Donga de Oxum estão armazenados 170 adeptos organizados em dez gerações. A precursora dessa árvore é apontada como Mãe Donga de Oxum. Segundo o site **Xangô Sol**, Mãe Donga chamava-se Ermínia Manoela de Araújo (José Eduardo Cezimbra, 2025). Segundo as informações colhidas com as fontes, Pai Antônio da Cruz Ferrari — conhecido como Pai Antoninho — de Oxum Pandá Olobomi foi o único filho de santo de Mãe Donga que se tem notícia, sendo, portanto, patriarca de toda descendência.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.18**. Encontrou-se na árvore 84 adeptos do sexo feminino, 81 adeptos do sexo masculino e 5 com sexo não definido (**Fig. 3.18a**). Seguindo a média total do banco de dados, os três Orixás mais comuns dessa árvore foram, em ordem decrescente: Oxum, Xangô e Oxalá (**Fig. 3.18c**). Dentre os ícones da descendência, estão: Mãe Moça de Oxum, Pai Máximo de Odé, Mãe Eulinda de Oyá Bemi, Mãe Vera de Ossanha e Mãe Ieda de Ogum.

3.5.14 Oyó Jeje Ijexá Luísa de Odé

Na árvore Oyó Jeje Ijexá Luísa de Odé estão armazenados 26 adeptos organizados em seis gerações. A precursora dessa árvore é apontada como Mãe

²⁰A principal fonte da descendência desta árvore foi Mestre Cica de Oyó.

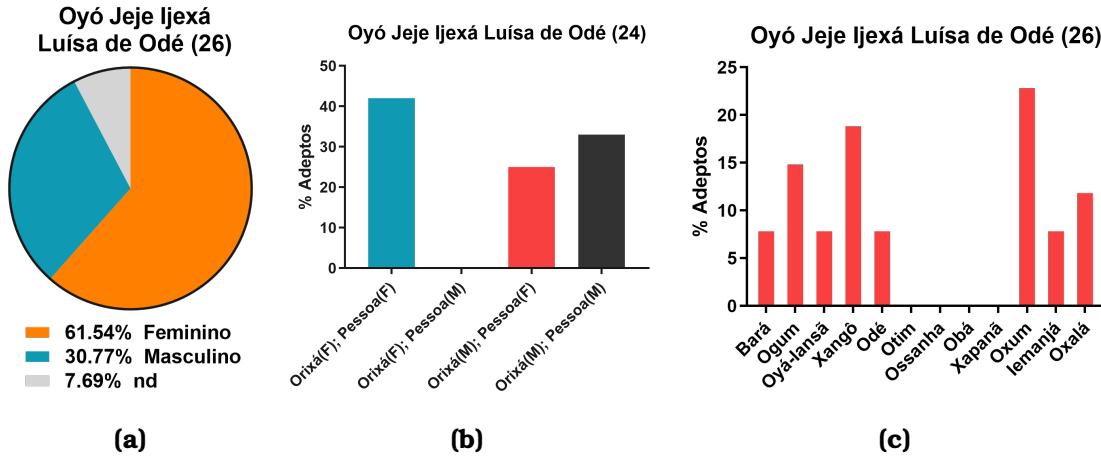


Figura 3.19: Estatísticas da Árvore Oyó Jeje Ijexá Luísa de Odé. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Luísa de Odé. Esta árvore foi informada por apenas duas fontes. O autor não foi capaz de encontrar a informação de quem *aprontou* Mãe Luísa ou mesmo maiores informações como nome completo, data de nascimento, data de falecimento ou endereço de domicílio. O autor acredita que esta árvore possa ser integrada em alguma outra árvore assim que os dados forem expandidos. Informações adicionais de descendentes serão bem-vindas²¹.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.19**. Encontrou-se na árvore 16 adeptos do sexo feminino, 8 adeptos do sexo masculino e 2 com sexo não definido (**Fig. 3.19a**).

3.5.15 Oyó Nagô Emília de Oyá

Na árvore Oyó Nagô Emilia de Oyá estão armazenados 150 adeptos organizados em seis gerações. Mãe Emilia Affonso de Araújo — Princesa Emilia — de Oyá Ladjá é apontada como a precursora. Como é demonstrado por Jovani Scherer e Vinícius de Oliveira, o sobrenome de Mãe Emilia em princípio seria Affonso, que possui uma sonoridade próxima do sobrenome normalmente citado pela descendência: Fontes (Oliveira; Scherer, 2025).

Esta árvore é bastante própria e possui diversas particularidades, por exemplo sequência ritual dos Orixás e o culto a alguns Orixás não mencionados pelas demais árvores ou Nações. Alguns descendentes dessa árvore a identificam como **Oyó Igbomina**. Adepts dessa árvore que residem em Porto Alegre denominam-se unanimemente como pertencentes à Nação Oyó, enquanto que adeptos da mesma árvore residentes de municípios como Rio

²¹Para saber como contribuir com a pesquisa ler seção 2.4 da Metodologia. Essa pesquisa segue em andamento e pretende ao longo do tempo atualizar e expandir o banco de dados.

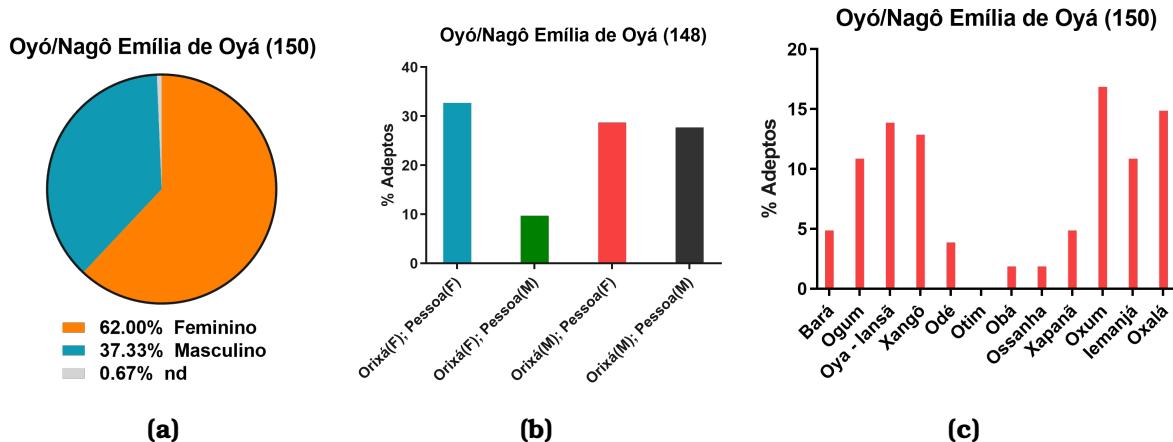


Figura 3.20: Estatísticas da Árvore Oyó Emilia de Oyá. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

Grande ou Pelotas podem se identificar como pertencentes à Nação Nagô. Por essa razão, o nome da árvore registrado pelo autor foi “Oyó Nagô Emilia de Oyá”.

Estatísticas gerais da árvore estão apresentadas na **Fig. 3.20**. Encontrou-se na árvore 93 adeptos do sexo feminino, 56 adeptos do sexo masculino e 1 com sexo não definido (**Fig. 3.20a**). Os três Orixás mais comuns dessa árvore foram, em ordem decrescente: Oxum, Oxalá e Oyá (**Fig. 3.20c**). Dentre os ícones da descendência, estão: Mãe Matilde de Ogum, Mãe Araci de Odé, Pai Ivo de Ogum, Mãe Tinância de Oxalá, Mãe Eneida de Xangô, dentre outros.

3.5.16 Árvores Raras

Três árvores foram categorizadas como raras, são elas: Nagô Pelotas, Nagô Porto Alegre e Moçambique. As precursoras de cada uma delas são, respectivamente, Mãe Maria Calheiros de Odé, Mãe Inês de Oyá e Mãe Querêncio de Bará. Pouca ou nenhuma informação, além das apresentadas nas figuras, se tem sobre os adeptos presentes nessas árvores. Além disso, apenas uma fonte (descendente direto) informou tais árvores. Informações adicionais das árvores e/ou nações serão bem-vindas para o desenvolvimento da pesquisa²².

Estas três árvores foram caracterizadas pelos pesquisadores como raras por motivos distintos:

1. **Nagô Pelotas:** Os pesquisadores não encontraram quem teria feito Mãe Maria Calheiros de Odé, ou mesmo se ela estaria dentre os fundadores do Batuque em Pelotas. Vale ressaltar que, por vezes, a identificação

²²Para saber como contribuir com a pesquisa ler seção 2.4 da Metodologia. Essa pesquisa segue em andamento e pretende ao longo do tempo atualizar e expandir o banco de dados.

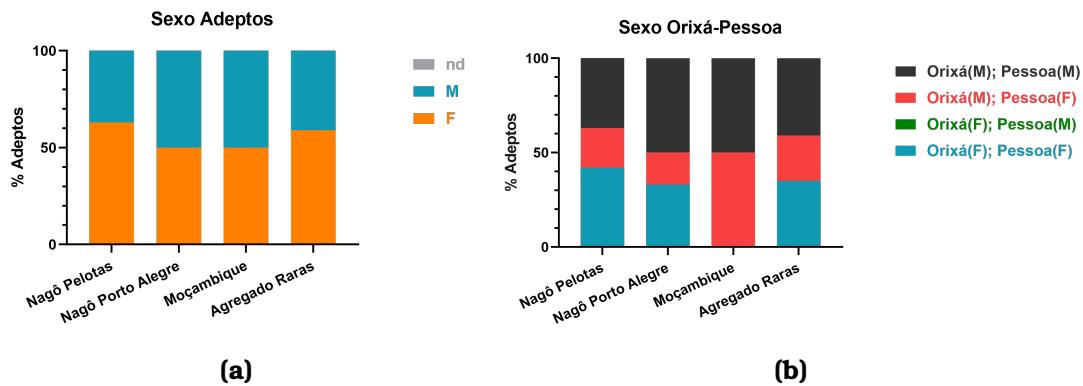


Figura 3.21: Estatísticas das árvores consideradas raras no Batuque do Rio Grande do Sul. (a) Distribuição por sexo dos adeptos de cada árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto de cada árvore. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino.

da Nação “Nagô” neste município pode referir-se à mesma árvore identificada na pesquisa como “Oyó Nagô Emília de Oyá”. Contudo, novas pesquisas serão necessárias para sanar tal dúvida.

2. **Nagô Porto Alegre:** As informações desta árvore foram transmitidas por um descendente direto e herdeiro. Os rituais desta árvore/Nação são bastante reservados e informações pormenorizadas não estão disponíveis. Todavia, segundo as informações obtidas, trata-se de uma Nação distinta das demais mencionadas anteriormente.

3. **Moçambique:** A Nação Moçambique já foi citada por adeptos antigos do Batuque por ser uma Nação antiga, porém extinta. Consta aqui que tal Nação, apesar de restrita, segue ativa dentre descendentes reservados. Como na árvore “Nagô Porto Alegre”, não se conhecem rituais específicos da Nação, mas também é identificada pelos descendentes como uma Nação do Batuque que é distinta das demais, isto é: Jeje, Ijexá, Oyó, Cabinda, Nagô e aglutinações.

Outros relatos corroboram a existência da Nação Moçambique. Pai João de Xapanã (Jeje) informou, segundo Corrêa (2016, pg. 56), que seu Pai de Santo, Osébio, tocava para casas de Moçambique:

[...] Osébio “tocava (tambor) também pro lado de maçambique e oiá. Não é oió, é oiá, mesmo. É muito difícil tirar para o lado de maçambique, porque não tem tamboreiros que saibam para este lado. São linhas mais apuradas (...) na questão das oferendas. Se trabalha muito com raízes — a comida (sagrada) é feita com raízes e se dá só para as iaôs. Para o público a comida é uma e para os iaôs é outra. Oiá e maçambique são mais sérios, com mais fundamentos, e são semelhantes. Não tem gente para tirar e dançar, hoje. Em oiá se bate palmas e o tambor é (batido) com pauzinhos. E o maçambique

se dança com as mãos apresentando (mostra: espalmadas para a frente, braços avançando e recuando)”

Aqui chama-se atenção para a utilização do termo “iaós”, que não era — ou é — utilizado pelos demais batuqueiros, como comenta prof. Norton. O uso do termo “maçambique” deve ser compreendido como o mesmo que a referida Nação Moçambique. Contudo, intrigava também a menção da Nação “oiá”, ainda desconhecida em outros relatos.

Ainda sobre a Nação Moçambique, existem outros relatos como, por exemplo, o de Pai Antônio Carlos (Nação Cabinda e mestre tamboreiro):

Aqui no sul nós tinha Oyó, Cabinda, Jeje, Ijexá, Grefê e Moçambique. Essas seis Nações veio pra cá. [...]²³

Pai Antônio Carlos também cita Mãe Lília de Ogum como pertencente à Nação Moçambique²⁴, Mãe de Santo que a pesquisa carece de maiores informações. A outra Nação mencionada por Pai Antônio Carlos, Grefê, também necessita de maiores investigações, pois segundo o conhecimento do autor não se tem outros indícios — ainda — de sua existência.

As estatísticas aqui apresentadas são referentes ao sexo dos adeptos (**Fig. 3.21a**) e relação de sexo do Orixá e adeptos (**Fig. 3.21b**). Também apresenta-se dados agregados das três árvores (**Fig. 3.21**).

3.5.17 Árvores Pequenas

Com o desenvolvimento da pesquisa, as fontes transmitiram suas ascendências. Contudo, não foi possível incluir todas estas nas árvores descritas anteriormente por ausência de elos de ligação²⁵. Estão registrados 278 adeptos nas “árvores pequenas”, de variadas Nações. Como tais informações são consideradas valiosas pelos pesquisadores, estarão aqui igualmente representadas.

Estatísticas gerais das árvores estão apresentadas na **Fig. 3.22**. Encontrou-se nas árvores 171 adeptos do sexo feminino, 97 adeptos do sexo masculino e 10 com sexo não definido (**Fig. 3.22a**). Para representar tais árvores pequenas foram geradas diversas imagens, que foram separadas de acordo com as Nações informadas. Tais imagens representam ascendências das Nações Cabinda (**Fig. 3.23**), Ijexá (**Fig. 3.24**), Jeje Ijexá (**Fig. 3.25**), Jeje Nagô (**Fig. 3.26**), Oyó (**Fig. 3.27**) ou árvores em que a Nação não foi informada (**Fig. 3.28**).

²³Entrevista de Pai Antônio Carlos de Xangô, tamboreiro, postada pelo perfil Reino de Bará & Iansã no Youtube em 17/04/2021. Minuto 9:30. Disponível em: [youtube.com/watch?v=EeNq008dXIE](https://www.youtube.com/watch?v=EeNq008dXIE). Acesso em: 24 de jul. de 2025

²⁴Entrevista de Pai Antônio Carlos de Xangô, tamboreiro, dada ao programa Vivi na TV, apresentado por Mãe Viviane de Iansã e Pai Mário de Oxalá. Disponível em: [youtube.com/watch?v=Q0rhSxD48DQ](https://www.youtube.com/watch?v=Q0rhSxD48DQ). Acesso em: 24 de jul. de 2025

²⁵Para saber como contribuir com a pesquisa ler seção **2.4** da Metodologia. Essa pesquisa segue em andamento e pretende ao longo do tempo atualizar e expandir o banco de dados.

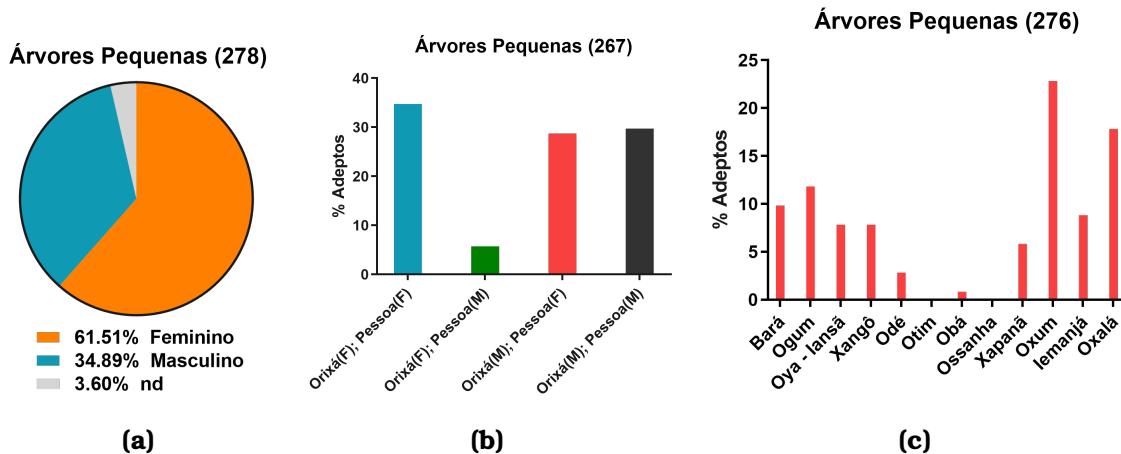


Figura 3.22: Estatísticas de linhagens pertencentes às árvores definidas anteriormente, mas que a pesquisa não encontrou elos de ligação. (a) Distribuição por sexo dos adeptos da árvore. Azul para sexo masculino; laranja para sexo feminino; e cinza para nd, não definido. (b) Relação de sexo entre Orixá e adepto. Azul para Orixá e adepto ambos do sexo feminino; verde para Orixá do sexo feminino e adepto do sexo masculino; vermelho para Orixá do sexo masculino e adepto do sexo feminino; e preto para Orixá e adepto ambos do sexo masculino. (c) Percentual de adeptos por Orixá de Ori. Número entre parênteses ao lado do título de cada gráfico representa a quantidade de indivíduos utilizada para gerar cada estatística.

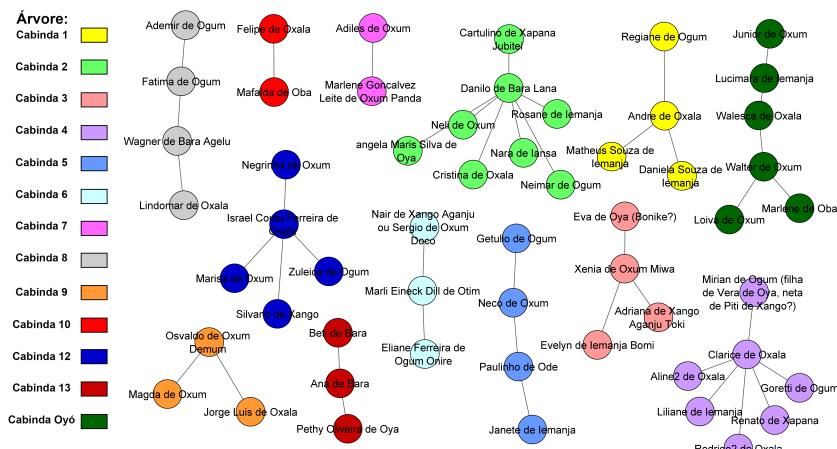


Figura 3.23: Linhagens pertencentes à Nação Cabinda que a pesquisa não encontrou elos de ligação.

3.6 Sequência Ritual

Em 1943 o antropólogo africanista Melville J. Herskovits publica o primeiro artigo sobre o Batuque após realizar visita a Porto Alegre, principalmente na casa de Mãe Andrezza Ferreira da Silva (Mãe Andrezza de Oxum, Nação Oyó). Tal artigo foi publicado em inglês mas teve seu título traduzido para “Os pontos mais meridionais dos africanismos do novo mundo” (Herskovits, 1943). Neste artigo, Herskovits relata a sequência ritual de sua informante — que muito provavelmente foi Mãe Andrezza — como a seguinte:

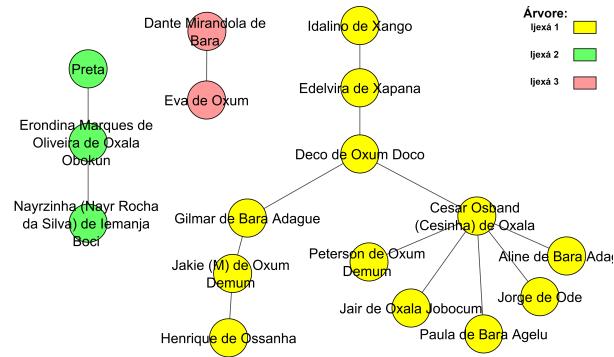


Figura 3.24: Linhagens pertencentes à Nação Ijexá que a pesquisa não encontrou elos de ligação.

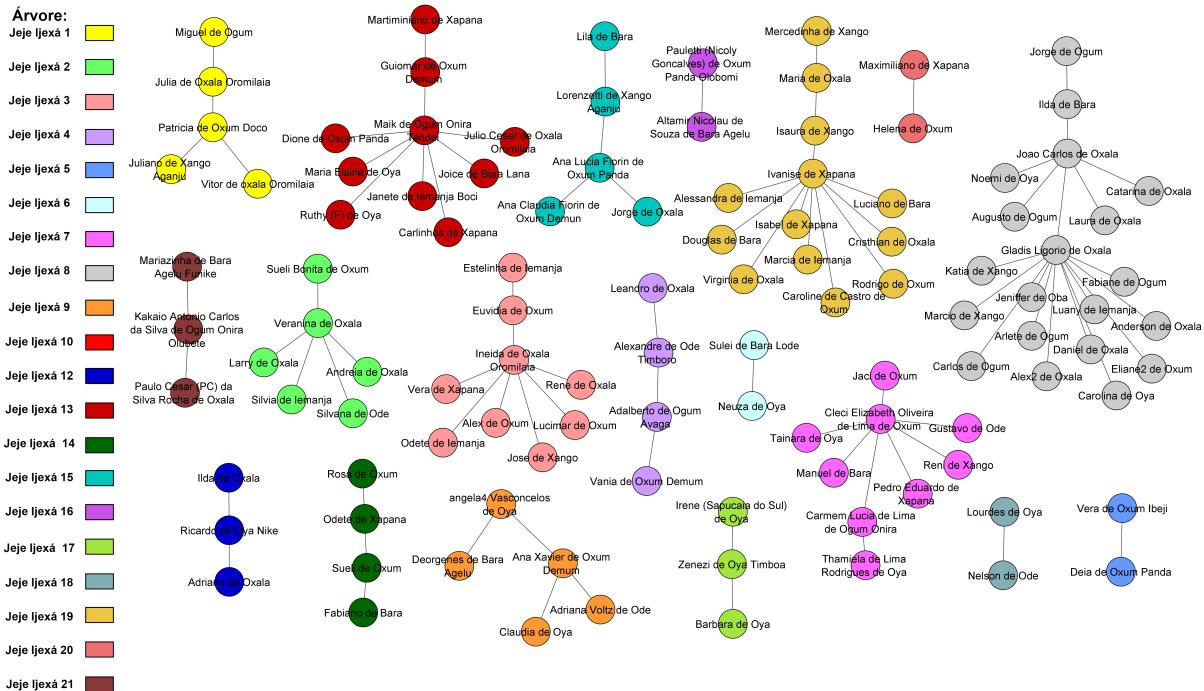


Figura 3.25: Linhagens pertencentes à Nação Jeje Ijexá que a pesquisa não encontrou elos de ligação.

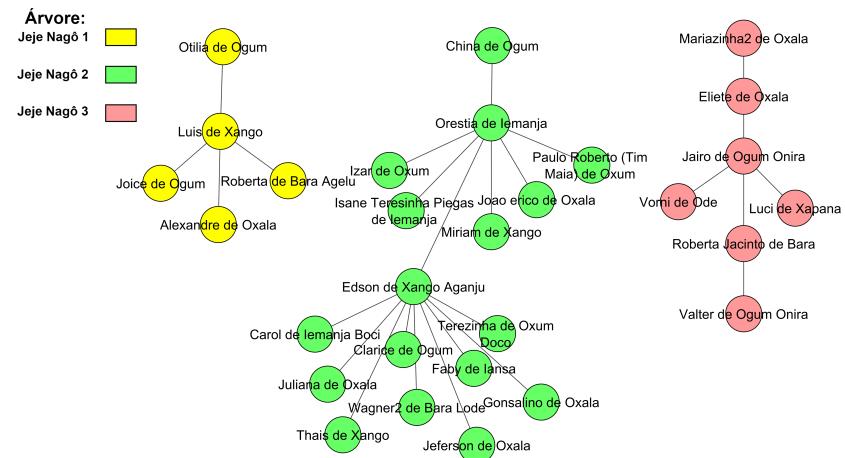


Figura 3.26: Linhagens pertencentes à Nação Jeje Nagô que a pesquisa não encontrou elos de ligação.

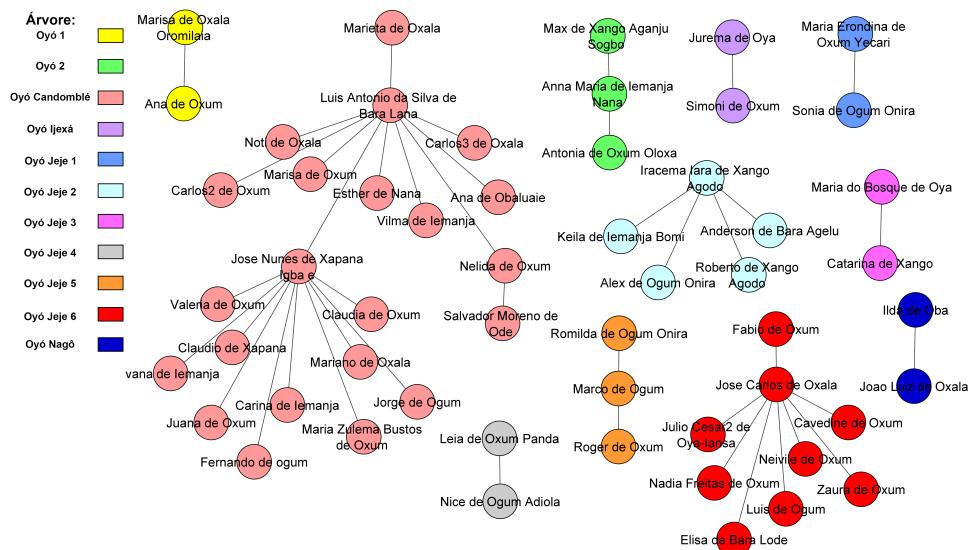


Figura 3.27: Linhagens pertencentes à Nação Oyô, com ou sem outras Nações, que a pesquisa não encontrou elos de ligação.

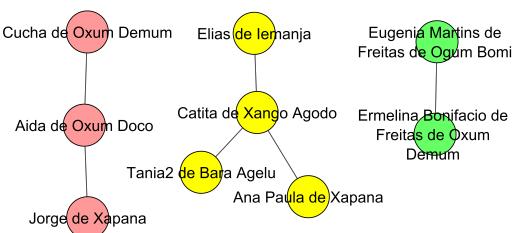


Figura 3.28: Linhagens sem Nação e elos de ligação identificados pela pesquisa.

Exu (Leba, Elebara) [Bará]
 Ogum (Ogum olira [Onira], Ogum meji, Ogum medye [Megê])
 Oyá (Iansã)
 Aganju (Xangô mais moço)
 Ogodô (Xangô mais velho)
 Xangô Dadá
 Odé
 Ossanha
 Xapanã (Omolu)
 Obá
 Oxum Pandá
 Ibeji
 Oxum Docô
 Iemanjá
 Oxalá
 Orunmila [Oromilaia]²⁶ (Herskovits, 1943)

Esta sequência ritual seria atribuída ao Oyó cultuado por Mão Andrezza de Oxum. Considerando algumas adaptações, pode-se dizer que segue a sequência genérica Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Odé (Otim), Ossanha, Xapanã, Obá, Ibeji, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Tal sequência ainda é encontrada em algumas casas de santo hoje em dia.

Mestre Borel, referência como mestre tamboreiro e ancião do Batuque, se considerava Oyó Ijexá e apresentou em seu livro a seguinte sequência: **Bará, Ogum, Iansã, Aganju, Xangô, Odé, Ossanha, Xapanã, Obá, Oxum, Iemanjá, Oxalá**²⁷ (Ferreira, W. C., 1997). Percebe-se que a sequência ritual utilizada pelo Mestre Borel tem a mesma estrutura de Mão Andrezza, que possuiram vínculos de ascendência²⁸. Além disso, ambos mencionam Aganju separado de Xangô, o que indica que, nesta árvore, trata-se de Orixás distintos.

De forma semelhante, a sequência ritual adotada por Pai Ayrton Paixão de Xangô Aganju Paradiunká (filho de Pai Hugo de Iemanjá, neto de mãe Celestrina de Oxum) era:

Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Odé, Ossanha, Xapanã, Obá, Otim, Ibeji, Oxum, Iemanjá e Oxalá²⁹

Pai Ayrton é normalmente identificado por ser da Nação Ijexá, ou mesmo

²⁶A tradução e grifo foram realizados pelo autor e contextualizados com a grafia dos Orixás utilizada no livro. Em ocasiões que a grafia do artigo citado fica ambígua, preferiu-se transcrever tal qual a fonte e por a tradução provável entre colchetes.

²⁷Esta é a sequência ritual apresentada por três vezes em seu livro: pgs. 41, 43 e descrição de rezas pgs. 89-181. Contudo, na pg. 56 é apresentado Ossanha após Xapanã. Como foi apenas em uma ocorrência, suspeita-se que a sequência original cultuada pelo Mestre foi a descrita acima.

²⁸Mão Andrezza teria iniciado Mestre Borel, apesar de não ter concluído todas obrigações.

²⁹Em visita à casa de Pai [Professor] Valdoir de Odé, filho de Pai Ayrton, me foi apresentado um documento em que o próprio Pai Ayrton transcreveu as rezas segundo seus conhecimentos. Na capa consta como autor “Pará-Diún-Ká”, Sobrenome do Orixá de Pai Ayrton, e o título “Livro dos Axés”. Na folha de rosto consta a Nação “Gege Gexá” e a data da escrita como 01/11/1974. Professor Valdoir foi mestre capoeira e generosamente me recebeu em seu apartamento no bairro Rubem Berta, fica meu sincero agradecimento em compartilhar alguns de seus conhecimentos.

Jeje Ijexá, e apresenta em sua sequência ritual semelhanças com a utilizada por Pai Borel e Mãe Andrezza, como a presença das rezas do Orixá Obá, após Xapanã.

No livro “O Batuque do Rio Grande do Sul”, (Corrêa, 2016, pg. 53) cita uma entrevista com Pai Donga de Iemanjá, que apesar de ser de Oyó (Igbo-mina) conhecia as demais Nações por ser tamboreiro. Pai Donga afirma ao professor sobre a sequência ritual do Ijexá:

"vai também do Bará ao Oxalá: Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Odé, Ó-tim, Ossain, Obá, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. A rainha do jexá é a Oxum. A turma do Montserrat (bairro), da Bacia, da Colônia Africana, tudo ali era de jexá"

Para Pai Vinícius de Oxalá da Nação Jeje Ijexá (ou Nagô Jeje como descrito por ele) a sequência ritual apresentada em seu livro “O Afro-Brasileiro e Umbanda na Visão de Vinícius de Oxalá” foi:

Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá (Passos, 1999)

Pai Vinícius foi iniciado na Nação Nagô por Mãe Júlia de Odé e aprontado no Jeje por Pai Nelson de Xangô (filho de Pai João de Bará e neto de Mãe Chininha de Xangô Ibeji). Ainda no Jeje Ijexá, de outra origem, se observa outra sequência ritual:

Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Obá, Odé, Otim, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá

Esta sequência é adotada por Mãe Santinha de Ogum Milaió³⁰ (filha de Mãe Ester de Iemanjá, neta de Pai Manoelzinho de Xapanã) e também por Pai Marco de Xangô³¹ (filho de Pai João Carlos de Oxum, neto de Mãe Diva de Iemanjá e bisneto de Pai Manoelzinho de Xapanã), sendo ambos da mesma *bacia*. Pai Marco explica que, segundo seu entendimento, o motivo de tal sequência se dá por Obá não separar-se de Xangô. Além disso, mantém-se os Orixás associados às matas (Odé, Otim, Ossanha) juntos. No caso de Mãe Santinha, toca-se a Ibeji dentro das rezas de Xangô.

No site Xangô Sol apresenta-se a sequência atribuída ao Ijexá: **Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Ibejis, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá** (José Eduardo Cezimbra, 2025). O site é redigido por Pai Tita de Xangô (filho Pai Tuia de Bará, neto Mãe Olmira de Xangô e bisneto de Pai Manoelzinho de Xapanã), Nação Ijexá Jeje. Esta sequência ritual é também muito comum no Batuque. Embora Pai Tita, Mãe Santinha e Pai Marco pertençam à mesma *bacia*, mas possuam sequências diferentes, divergências como essas são comuns no Batuque.

A sequência ritual presente no site Xangô Sol é a mesma utilizada sistematicamente por Pai Paulo Tadeu de Xangô em seu livro “Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás”, que tinha por objetivo registrar fundamentos da Nação Cabinda. Para confirmar, a sequência apresentada foi: **Bará, Ogum, Iansã, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá** (Ferreira, P. T. B., 2007).

³⁰A fonte desta informação foi Pai Belo [Júnior] de Xapanã, tamboreiro de Mãe Santinha, neto carnal e filho de santo.

³¹Pai de santo do autor e escritor da seção 1.4 sobre os termos em Iorubá.

Apesar de restarem poucas casas autodenominadas apenas Jeje, essas famílias possuem uma sequência de rezas também distinta. Como Pai Pirica de Xangô descreveu ao professor Reginaldo Gil Braga, nas famílias que são apenas da Nação Jeje — Jeje puro, como comenta Pai Pirica — inicialmente são tocadas rezas no ritmo jeje e depois a sequência nagô. Neste caso, Pai Pirica menciona “nagô” no sentido das rezas comuns no Batuque, que alguns chamam de rezas do Ijexá. Na casa de Pai Pirica a sequência das rezas dos Orixás no ritmo Jeje era a seguinte: **Bará, Ogum, Oxalá, Iansã, Oxum, Iemanjá, Xangô, Odé, Ossanha, Obá e Xapanã**. Após, encerra-se a sequência Jeje tocando novamente para **Xangô ou Oxalá** (Braga, 2013).

A Nação ou árvore com sua sequência ritual mais peculiar é a Oyó de Mãe Emilia de Oyá. Pai Donga de Iemanjá, que foi tamboreiro da própria Mãe Emilia e também casado com Mãe Eneida de Xangô Olobomi (Coutinho, 2023, pg. 150), informou ao professor Norton em entrevista:

[...] O velho tamboreiro Donga de iemanjá, já falecido, indicou que no lado de oió, entre outras diferenças, a ordem dos cânticos (que reflete a dos orixás) é característica: **Bará; Ogum; Xapanã; Odé; Os-sain; Orun-milá; Bocum (ambos oxalás); Xangô; (Aganjú, Godô, Bêdji - jovem, velho, crianças); Iemanjá; Obá; Ó-tim; Nânã; Oxum (Pandá, Dimum, Aguedâ - da jovem para mais velha); Iansã (ou Oiá); Oxalá.** “Toca-se primeiro para os homens; as mulheres vêm depois. A Iansã vem perto do Oxalá porque ela é a rainha do oió. [...]” (Corrêa, 2016, pgs. 51-52, grifo do autor)

Apesar de todas variedades descritas — além de outras que podem ser de desconhecimento do autor — um fenômeno parece constante: *início em Bará e término em Oxalá*³². Além disso, com exceção da árvore de Mãe Emilia de Oyá (Nação Oyó) e algumas famílias da Nação Jeje, as sequências Bará-Ogum-Oyá-Xangô e Oxum-Iemanjá-Oxalá sempre estão presentes no início e no fim das ordens, respectivamente. A pesquisa ainda não possui dados que ajudem nesta discussão, no entanto, pretende-se abordar esse tema em futuras atualizações. Para que isso possa ocorrer, é de suma importância a contribuição do leitor-adepto com informações que, reforça-se, podem ser fornecidas através do formulário disponível na seção 2.4.

3.7 Outros Orixás no Batuque

De início, é necessário ressaltar que a etnia Iorubá não foi a única a influenciar a formação do Batuque, apesar de ser a preponderante. O Batuque possui nitidamente influências Ewe/Fon — inclusive Jeje³³ é uma Nação do Batuque — e possivelmente algumas heranças dos Bantu. No caso estes últimos, a

³²Este é ponto importante de discussão de futuras pesquisas: por que algumas famílias do Jeje podem encerrar sua sequência com Xangô, mesmo que seja possível terminá-la com Oxalá?

³³Jeje origina-se da palavra Iorubá *jèjí*, ou *àjèjí*, que significa estrangeiro (Ver seção 1.4). Tal denominação era utilizada para identificar os Ewe/Fon habitantes do antigo Império do Daomé.

influência é débil e necessita análise aprofundada em obras focadas. Resta aqui mencionar o nome da Nação Cabinda e o uso corrente do termo Dijina como Sobrenome de Orixá, dois termos provavelmente de origem Bantu. Com isso, o uso do termo “Orixá” no contexto batuqueiro pode agregar divindades que na sua origem são Orixás iorubanos, Voduns daomeanos (Ewe/Fon) ou, talvez, Inquices congo-angolanos (Bantu). A título de esclarecimento, o termo “Orixá” utilizado no livro está sempre empregado dentro do contexto batuqueiro, quando não é explicitamente apontado.

Como descrito anteriormente, o panteão “canônico” do Batuque contém 12 Orixás: Bará, Ogum, Oyá, Xangô, Odé, Otim, Obá, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. A descrição de cada um desses Orixás foi realizada por Pai Marco de Xangô na seção 1.4 (**Tabela 1.3**). Ainda assim, como é comum ao Batuque, toda regra tem suas exceções e as diferentes famílias e Nações religiosas cultuam alguns Orixás externos aos da lista canônica. Segue uma listagem de exemplos conhecidos:

- **Aganju:** Algumas famílias da Nação Oyó identificam Aganju como um Orixá dissociado de Xangô e com culto próprio. Na árvore Oyó Nagô Emilia de Oyá estão registradas duas ocorrências de filhos de Aganju.
- **Dadá:** Normalmente identificado como Sobrenome ou Qualidade do Orixá Xangô, algumas famílias da Nação Oyó o consideram dissociado de tal Orixá.
- **Ibeji:** No Batuque, o culto a Ibeji está muito associado a Xangô e a Oxum como uma Qualidade desses Orixás (Xangô Ibeji e Oxum Ibeji). Por essa razão, a maioria das famílias percebem Ibeji como um irmão do sexo masculino (Xangô) e uma irmã do sexo feminino (Oxum). Nas sequências de rezas do Batuque, todas famílias de santo possuem diversos cânticos dedicados apenas aos Ibejis. Contudo, algumas famílias — em geral da Nação Jeje — reconhecem Ibejis como dois Orixás gêmeos masculinos e não associados a Xangô ou Oxum (Braga, 2013, pg. 64, informação de Pai Pirica de Xangô).
- **Leba, Legba:** Orixá no Batuque presente nas Nações Jeje, Cabinda e Oyó. Aponta-se que o culto a Leba na Cabinda tenha origem como um presente de algum sacerdote da Nação Jeje. Tal Orixá possui assentamento e culto próprio e se tem notícias de iniciados a Ele, como Mâe Neusa de Leba e Pai Paulo de Leba (Coutinho, 2023, pg. 175 e 224, respectivamente). No Oyó, Pai André de Ogum (Bàbá Ifaodunnola Aworení) descreve citando sua fonte — Mâe Ercília de Bará, anciã da Nação Oyó — que o Leba foi trazido da África por Pai Alcebíades de Xangô, que era marinheiro (Coutinho, 2023, pg. 225). Como descrito por muitos sacerdotes, Leba no Batuque tem origem no Vodum Legba. O Vodum Legba tem atributos semelhantes ao Orixá iorubano Èṣù (Exu, Bará no Batuque). Em algumas famílias do Batuque o culto a Leba está associado a Bará Lodê.
- **Nanã:** Em algumas famílias religiosas das Nações Jeje, Ijexá ou Oyó se identifica Nanã como um Orixá dissociado de Iemanjá, ao contrário do

que comumente ocorre no Batuque. No Oyó, Mãe Dirce de Nanã, anciã e grande conchedora de ervas, foi iniciada para tal Orixá (Coutinho, 2023, pg. 197). Se tem notícia de iniciados também na Nação Jeje Ijexá. Nessas famílias, descreve-se que os rituais de assentamento do Orixá Nanã são completamente diferentes daqueles de Iemanjá. Aponta-se que Nanã é originalmente um Vodum daomeano que acabou introjetado no culto Iorubá.

- **Sapatá:** Sapatá provavelmente tem origem no Vodum daomeano Sakpatá. No Batuque, Sapatá normalmente é considerado como uma Qualidade de Xapanã, mas em algumas famílias Jeje é tido como Orixá distinto de Xapanã, com rituais específicos. Muitos adeptos da Nação Jeje aportam Pai Custódio como seu ascendente e fundador da Nação, o qual teria sido ele filho de Sapatá, não de Xapanã³⁴.

Além dos casos citados na lista, existem também menções em rezas, Qualidades ou Sobrenomes de Orixá que provavelmente são originados de Voduns daomeanos. Alguns exemplos são: Avagã (Qualidade de Ogum), Timboá (Qualidade de Oyá), Sobô (Qualidade de Xangô), Averequete (menção em rezas de Odé), Dan/Dâ (rezas de Xapanã), Gama (rezas de Xapanã) e Gué/Agué (rezas e sobrenome de Ossanha). Pai Phil de Xangô (Babá Phil) — sacerdote e pesquisador deste trabalho — apresenta em seu canal do Youtube “Batuque RS” dois vídeos que justamente comentam sobre a influência dos Voduns no panteão do Batuque³⁵. Nos vídeos, Babá Phil discute que muitas dessas menções ou tratamento de Voduns como Qualidade de Orixá se devem provavelmente a aglutinações de culto após perder-se o conhecimento da *feitura* de determinados Voduns.

Por fim, cabe mencionar a variabilidade e especificidade de culto nas famílias religiosas da Nação Cabinda, que hoje em dia é possivelmente a Nação mais populosa do Batuque. Algumas famílias da Cabinda dizem cultuar Orixás restritos a Nação e de ritos secretos. Alguns dos referidos Orixás seriam: Tempo (associado a Bará e de culto externo), Xanguin (também associado a Bará), Zina e Zambira. Tempo pode potencialmente ter alguma influência do Inquice congo-angolano Quitembu. Há ainda, na mesma Nação, o culto aos “anjos”. Tal culto é bastante restrito e falta aos pesquisadores os detalhes de sua *feitura*. É importante ressaltar que os dados sobre os mencionados Orixás são limitados e sua presença não é consenso mesmo dentro da Nação Cabinda. Por essa razão, são necessárias maiores investigações.

³⁴Na experiência individual do autor, até anos atrás não se via o uso de palhas para Xapanã no Batuque, apenas vassoura como sua principal ferramenta. Possivelmente, o uso recente de palhas para Xapanã está vinculado a um fenômeno contemporâneo de importação da indumentária de Obaluaiê do Candomblé. Ao que consta, as palhas estão associadas ao Vodum Sakpatá por elas estarem presentes no assentamento do Vodum realizado no Benim, mas essa informação necessita confirmação.

³⁵“#1- O Batuque possui 12 Orixás?” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hket3dFuNC0>. “#2 - O Batuque possui 12 Orixás?” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YfkmB6hPzVQ>. Acessos em: 27 de ago. de 2025.

3.8 Limitações

Como qualquer pesquisa que segue uma metodologia clara, existem diversas limitações que restringem as conclusões possíveis ou mesmo estabelecem níveis de confiança para cada afirmação do escritor. Tais limitações são inerentes ao próprio processo de pesquisa e podem ser, inclusive, uma escolha por parte dos pesquisadores, de maneira que se possa seguir em frente com a análise. Por exemplo, a comunidade batuqueira é muito maior que o universo de Pais de Mães de Santo. Existem os filhos de santo iniciados, os filhos ainda não iniciados, assistência de familiares, clientela da casa de santo que auxilia em algumas festas e assim por diante. Contudo, como são os sacerdotes os verdadeiros transmissores do saber batuqueiro, utilizou-se aqui o *apronte* como critério de inclusão no banco de dados. Assim, o objeto de estudo é melhor delineado, mas perde-se a possibilidade de analisar fenômenos externos a esse objeto.

O *apronte* permite registro de discussão dos vínculos verticais, isto é, transmissão geracional de pai para filho, de filho para neto e assim por diante. Todavia, como já apresentado acima, impede fenômenos complexos existentes no Batuque, chamados aqui de vínculos horizontais. Tais vínculos podem ser a troca de Nação por um sacerdote, recebimento de *assentamentos* em forma de presentes ou outros. É relativamente normal, por exemplo, que durante seu desenvolvimento religioso um determinado Pai de Santo tenha sido iniciado no Jeje, mas *aprontado* no Ijexá; considerando-se então Jeje Ijexá. No caso do estudo, o hipotético Pai de Santo provavelmente estaria em alguma árvore identificada como Ijexá.

Hoje não, tem várias mistura. Então, quer dizer, o Jeje Ijexá... Digamos, eu sou filho de uma casa de Jeje. Saí daquela casa e fui pra uma de Ijexá, eu me botei Jeje Ijexá. Eu me botei... Outro lá é Cabinda, foi pra uma casa de Oyó. Eu sou Cabinda com Oyó, ele se botou aquilo ali [...]

Pai Antônio Carlos de Xangô em entrevista³⁶

Outras experiências individuais recortaram — recortam — o Batuque e são também aqui definidas como experiências horizontais. Possíveis exemplos podem ser: algum sacerdote que sua família *carnal* era de uma Nação, mas foi iniciado em outra; um Pai ou Mãe de Santo que trilhou apenas uma Nação, mas o responsável de assentar seus Orixás de Rua era de outra Nação; ou até um sacerdote ser presentiado por um amigo com algum fundamento de outra Nação como forma de confraternização e proteção. Considerando essa miríade de possibilidades, não deve o adepto escandalizar-se ao ver sua família religiosa ser ligeiramente diferente do que outra família da mesma Nação. Vale que tal adepto interaja com a pesquisa e compartilhe a experiência religiosa de sua família.³⁷

³⁶Entrevista de Pai Antônio Carlos de Xangô, tamboreiro, postada pelo perfil Reino de Bará & Iansã no Youtube em 17/04/2021. Minuto 9:46. Disponível em: youtube.com/watch?v=EeNq008dXIE. Acesso em: 24 de jul. de 2025

³⁷Ler seção 2.4 da Metodologia para saber como contribuir

A apresentação clara das limitações desse trabalho é considerada necessária pelo autor para que o leitor e adepto possa ponderar, segundo sua interpretação, a extensão das discussões que foram apresentadas. Um dos objetivos da pesquisa é justamente incentivar a discussão entre os adeptos apresentando a complexidade presente no Batuque. Além disso, pesquisadores externos e não batueiros têm a possibilidade de melhor compreender a escolha dos métodos utilizados. Sendo assim, dentre as principais limitações do trabalho estão:

1. Sexo dos adeptos foi auferido pelo nome social e relato das fontes. O autor e pesquisadores reconhecem que esse não é o melhor método de identificação de sexo de indivíduos. Como as informações de ascendência muitas vezes se dão no momento em que Autoridades de Matriz Africana já faleceram, tornou-se inviável a consulta direta e pesquisa aprofundada de outros temas como identificação de gênero e análogos. Contudo, acredita-se que as análises de recorte de sexo justificam-se por possibilitem, mesmo que parcialmente, a melhor compreensão das dinâmicas socio-religiosas do Batuque. Tais análises possibilitaram resultados como: identificar matriarcas e patriarcas de cada árvore e Nação; apresentar proporção de adeptos de cada sexo nas árvores individuais e agregadas; apresentar a existência de adeptos do sexo masculino ou feminino como filhos de determinados Orixás; dentre outros.
2. Critério de *Apronte* utilizado para inserção nas árvores não capta vínculos complexos entre as árvores e/ou nações, como a aglutinação de Nações. Exemplo: Jeje Ijexá, Jeje Nagô, Cabinda Oyó, Ijexá Jeje, Oyó Jeje, etc. Recomenda-se a leitura atenta dos trechos escritos do livro, momento no qual o autor apresenta relatos qualitativos das fontes que explicam, por vezes, a origem de determinadas aglutinações e outros vínculos complexos.
3. A pesquisa é quase que exclusivamente focada no relato oral e experiência religiosa dos adeptos, isso pode por vezes incorrer em relatos potencialmente imprecisos se checados historicamente. Reitera-se que o objetivo da pesquisa é apresentar o relato coletivo que a comunidade batueira tem sobre si.
4. As fontes da pesquisa foram adeptos residentes de municípios como Porto Alegre, Viamão, Alvorada, Pelotas e Rio Grande. Apesar de esses municípios provavelmente abrangearem a maioria da população batueira, não abrange a sua totalidade e ainda não foi capaz de abordar experiências interregionais e internacionais, fenômenos que notadamente ocorrem no Batuque.
5. Por mais que o autor e pesquisadores tenham realizado revisões dos dados e contrastado informações quando possível, imprecisões podem ocorrer.
6. As Qualidades e Sobrenome de Orixá variam bastante de família para família religiosa. Por vezes a Qualidade ou Sobrenome de Orixá foram informadas individualmente e sem identificação clara. Em algumas

situações o Sobrenome de Orixá de uma família religiosa pode ser considerada como Qualidade de Orixá para outra família, ou vice versa. O autor e pesquisadores construíram a **Tabela 3.3** de acordo com seu conhecimento prévio e informações das fontes. Portanto, é possível haver algumas imprecisões na referida tabela.

Capítulo 4

Considerações Finais

Segundo o conhecimento dos envolvidos, os dados aqui apresentados são únicos e inéditos para qualquer religião que cultue os Orixás, dentre todas as diásporas, dentre todos os países. É a primeira apresentação estatística do número de filhos de cada Orixá; primeiro esforço de interpretar efeitos de sexo dos adeptos nos ritos empregados; primeiro banco de dados de sacerdotes de uma religião de matriz africana; e primeiro esforço de registrar vínculos de ascendência religiosa de matriz africana. Inéditos não apenas pelo nível de análises produzido ou extensão do banco de dados, mas também pela maneira que a pesquisa foi contruída.

Desde o desenvolvimento da ideia inicial até a primeira apresentação formal, todos os envolvidos são iniciados e independentes. Por isso, essa pesquisa apresenta uma visão necessariamente *êmica*. Tem como seus fundamentos os mesmos encontrados no Batuque: **ancestralidade** e **oralidade**. Os registros são provenientes da história oral das fontes de suas famílias religiosas e orientados na transmissão de pai para filho. Se um relato oral pode ser considerado impreciso, procurou-se a construção do conhecimento de maneira conjunta: uma memória embasada pelo consenso das fontes. No Batuque sempre se soube que existem diferenças dentre as Nações ou famílias religiosas. Sempre compreendeu-se que o relato oral pode conter suas limitações. O conhecimento foi, portanto, armazenado conjuntamente. Aqueles que tiveram acesso a uma determinada informação puderam contrastá-la com seus pares. A memória nunca foi de um indivíduo, mas de sua comunidade. Por essa razão, a continuidade dessa pesquisa reduzirá inevitavelmente as imprecisões ao aumentar o número de fontes. É um mosaico que cada um tem sua peça a acrescentar.

O rigor metodológico empregado e a força dos resultados encontrados devem servir como demonstrativo contundente para a comunidade científica e acadêmica que os batuqueiros tem muito a contribuir e são versáteis em suas formas de linguagem. É um esforço que demarca que os adeptos sabem a sua origem, conhecem seus temas e podem realizar análises próprias. Talvez pesquisadores externos ao batuque considerariam esse estudo demasiadamente trabalhoso e custoso. Tal pesquisa poderia gerar doutorados, vencer verbas de projeto de pesquisa, criar referências na academia. Contudo, foi arduamente desenvolvida por anos, sem verba remuneratória ou filiação institucional. No caso desta pesquisa, a devoção se fez combustível potente, demonstrando seu

valor em uma situação que exigiria amparo material — como é a necessidade de qualquer pesquisa científica.

Em alguns momentos, a linguagem empregada é a mesma da vigente nas academias. Se fez tal escolha para demonstrar que os batuqueiros podem produzir conhecimento de excelência. Que podem ser senhores da análise e objetos de estudo ao mesmo tempo. Que o papel servil, periférico e ignorante que se tentou impor não vicejou.

Como já é sabido pelos últimos ciclos censitários, o Rio Grande do Sul é o estado com maior parcela de adeptos identificados com “Umbanda ou Candomblé”. Para o olhar desavisado, este fato chama a atenção por se tratar de um dos estados mais brancos da União e marcado pela imigração europeia. O Batuque é a religião de matriz africana típica do Rio Grande do Sul e possui fortes marcações culturais Iorubá e Ewe/Fon. É provavelmente a grande razão, conjuntamente com a Umbanda e Quimbanda, de os indivíduos se identificarem como “Umbanda ou Candomblé”. O Candomblé há poucas décadas poderia ser considerado inexistente no RS, mas recentemente alguns sacerdotes com suas raízes ou baianas ou cariocas aqui se estabeleceram. Ainda assim, a fatia de candomblecistas no RS parece mínima, fato dificilmente confirmado devido à ausência de métodos inclusivos por parte do IBGE durante os censos. É premente que o IBGE possua categorias dissociadas para Umbanda, Quimbanda e religiões de matriz africana. Dentre as tradições de matriz africana é imprescindível a dissociação entre **Candomblé, Batuque, Tambor de Mina, Macumba, Xangô de Pernambuco e outros**. A iniciativa de apresentar estatísticas da categoria “Umbanda e Candomblé” é louvável, porém insuficiente para formar políticas públicas focadas e criar memória local da influência negra.

Infelizmente, o gaúcho ainda não reconhece o Batuque como principal herança negra no estado, menos ainda como cultura folclórica local. Um povo acostumado a honrar o churrasco como símbolo culinário deveria saber que aqui alimenta-se o Deus da guerra e agricultura com o mesmo alimento. Ogum atende ao *etos* aguerrido e de contato com a terra que o gaúcho tanto cultiva. É necessário difundir que onde existe a devoção a Oyá, existe o acarajé, seu alimento de preferência. Que o acarajé é prato típico gaúcho tanto quanto é baiano, pernambucano, carioca e maranhense. Batuque é cultura rica e independente que alegra-se em reconhecer as demais diásporas como irmãs, nunca como tutoras.

A variabilidade do Batuque demonstra a sua complexidade e beleza. Da mesma maneira que uma floresta, é o Batuque composto pelo conjunto de suas árvores. Sem fundamentalismos, messianismos ou imposições, tal tradição, tida por periférica, só cresce. Isso não quer dizer — e nenhum batuqueiro o diria — que todos adeptos são ilibados ou perfeitos. Um benefício de uma tradição descentralizada é a autocritica.

Se o autor pudesse deixar algum pedido aos demais adeptos, seria que ainda se tem muito a descobrir. A contemporaneidade traz diversos desafios para ritos tão tradicionais. A modernidade é normalmente apontada como vilã, e muitas vezes o é. Em contrapartida, a mesma modernidade disponibiliza ferramentas potentes de troca e acesso à informação, motivo que tornou este trabalho possível. Muitos Pais e Mães de Santo, mesmo que resguarda-

dos, ainda cultivam com o poder da fé tudo o que receberam de seus mais velhos. Possuem fundamentos guardados em suas memórias, mas também em acervos fotográficos e registros históricos. Antropólogos e pesquisadores tais como Dante de Laytano, Carlos Galvão Krebs, Ernesto La Porta e Norton Corrêa criaram importantes acervos sobre o Batuque, que seguem, provavelmente, conservados e desconhecidos¹. Ainda se tem muito a descobrir e desvelar e esse caminho deve ser trilhado preferencialmente pelos próprios adeptos. São os iniciados os verdadeiros herdeiros do axé de seus antepassados e legítimos guardiões de seus segredos. No que tange ao autor e aos envolvidos, cabe seguir com essa pesquisa e atualizá-la.

Existem esforços, por parte de Babá Phil e Charles de Oxum, em criar uma aplicação online para armazenamento das árvoreas. Tal iniciativa pretende um dia permitir que adeptos possam visualizar sua ascendência de maneira visual e interativa. Além disso, a própria publicação desta obra acompanha um formulário atualizado para obtenção de novos dados² que irão permitir a expansão da discussão sobre as particularidades de cada Nação do Batuque. Ademais, restam resultados ainda não publicados que devem acompanhar novas edições. Além da contribuição dos leitores-adeptos, o que se pede é apenas um quinhão de paciência: por serem todos estes projetos independentes, os responsáveis os realizam em paralelo a sua vida profissional e religiosa e, por essa razão, o desenvolvimento das pesquisas é moroso. Um voto que o autor faz aos Orixás é que tal trabalho possa ser reconhecido pelos ciclos acadêmicos vigentes. Assim, seria possível o acesso a verbas de incentivo e realização dos projetos de maneira mais abrangente e veloz.

Que a devoção aos Orixás seja servida a maneira que cada indivíduo tem a contribuir. Que seja caridade, atenção, companheirismo. Que seja dança, música e percussão. Que seja organização política, entidades federativas e associativas. Que seja monumentos tombados, eventos públicos e conscientização cultural. Que seja também, como aqui apresentado, pesquisa, registro e compartilhamento de informação. Que os Orixás nunca falhem em incentivar cada Ori com sua *potencialidade*.

¹A neta de Carlos Galvão Krebs, Cristina Krebs, possui sob sua tutela todo acervo documental e fotográfico de seu avô. Este é provavelmente o acervo mais rico sobre o Batuque disponível. Felizmente parcela do acervo foi publicada pelos pesquisadores Vinícius Oliveira (iniciado), Pai Denis Pereira Gomes (sacerdote) e Jovani Scherer. Porém, resta ainda muito a compartilhar.

²Disponível na seção 2.4 da Metodologia.

Bibliografia

BASTIDE, Roger. Cozinha dos Deuses. In: SAPS (ed.). **Cultura e Alimentação**. RJ: [s. n.], 1950.

BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o Poder Feminino. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 1–21, 2005. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf.

BERUTE, Gabriel Santos. O tráfico atlântico e a presença de africanos ocidentais no Rio Grande do Sul (1788-1824). In: MATHEUS, Marcelo Santos; MÜGGE, Miquéias Henrique. **Os africanos Mina-Nagôs no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2025. p. 280. ISBN 978-65-5974-193-9.

BRAGA, Reginaldo Gil. **Tamboreiros de Nação: música e modernidade no extremo sul do Brasil**. Edição: Editora da UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. 240 p. ISBN 978-85-386-0218-7.

CORRÊA, Norton F. **O Batuque do Rio Grande do Sul, antropologia de uma religião afro-rio-grandense**. Edição: Cultura&Arte. 3^a ed. São Luís, MA: Cultura&Arte, 2016. 295 p.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. **Antigualhas, reminiscencias de Porto Alegre**. Porto Alegre: Jornal do Commercio, 1881. 210 p. ISBN Obra rara. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/biblioteca/Ant%C3%B4nio%20C3%81lvares%20Pereira%20Coruja%20-%20Antigualhas,%20reminiscencias%20de%20Porto%20Alegre,%201881.pdf>.

COUTINHO, André Luis Fernandes. **Vozes Ancestrais do Batuque**. Porto Alegre: Printcenterbr, 2023. 400 p.

DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. BRASIL, Ministério do. **Alimento: Direito Sagrado - Pesquisa Socioeconômica e Cultura de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros**. Edição: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Brasília, DF: [s. n.], 2011. 101 p. ISBN 978-85-60700-50-9.

FERNANDES ET AL. (ORG.), Ananda Simões. **Registros da presença negra no Arquivo Histórico do RS Fundo Polícia – documentação avulsa (1826/1888). [E-book]**. Edição: Oikos. 2^a ed. São Leopoldo, RS: Oikos, 2023. 784 p. Disponível em:

<https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/202310/18130716-registros-da-presenca-negra-no-ahrs-e-book.pdf>.

FERREIRA, Paulo Tadeu Barbosa. **Os Fundamentos Religiosas da Nação dos Orixás.** Edição: Editora Toqui. 3^a ed. Porto Alegre: [s. n.], 2007. 149 p.

FERREIRA, Walter Calixto. **Agô-iê, vamos falar de Orishás?** Porto Alegre: Renascença, 1997. 184 p. ISBN 6666-888.

FONTES(ORG.), Rosa Ângelo. **Logradouros públicos em Porto Alegre: presença feminina na denominação.** Porto Alegre: Gráfica de UFRGS, 2007. p. 19. 139 p.

GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, Fundação Instituto Brasileiro de. **Séries estatísticas retrospectivas.** Rio de Janeiro: IBGE, 1986. 400 p. ISBN 85-240-0254-9. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v3.pdf.

GOMES, Denis Pereira; SCHERER, Jovani de Souza; OLIVEIRA, Vinicius Pereira de. **Histórias de batuques e batuqueiros [livro eletrônico] : Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.** Pelotas: Ed. dos Autores, 2021. 74 p. ISBN 978-65-00-31645-2. Disponível em: geafro.com/historia-do-batuque-e-batuqueiros.

HERSKOVITS, Melville J. The Southernmost Outposts of New World Africanisms. English. Versão Part 1: **American Anthropologist**, v. 45, n. 4, p. 415–510, out. 1943.

JOSÉ EDUARDO CEZIMBRA, Tita de Xangô. **Xangô Sol.** 2025. Disponível em: xangosol.com.br.

KREBS, Carlos Galvão. **Estudos de Batuque.** Porto Alegre: IGTF, 1988. 78 p.

LAYTANO, Dante de. **A Igreja e os Orixás.** Edição: Comissão Gaúcha de Folclore. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, s/d. 60 p.

LEUZINGER, Typ. G. **Recenseamento do Brazil em 1872. v.11 Rio Grande do Sul.** Rio de Janeiro: IBGE, 1874. 210 p. ISBN Obra rara. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v11_rs.pdf.

LIRA, Glacianny Pires Alves. Papéis de gênero em religiões de matriz africana: o feminino, o masculino e a tradição. In: REALIZE, Editora (ed.). **XI Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade.** [S. l.]: Editora Realiz, 2015. ISBN 2177-4781.

MATHEUS, Marcelo Santos. Os passaportes de escravos emitidos na praça de Salvador: características do tráfico interno da Bahia para o RS (década de 1840). In: MATHEUS, Marcelo Santos; MÜGGE, Miquéias Henrique. **Os africanos Mina-Nagôs no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2025. p. 280. ISBN 978-65-5974-193-9.

OLIVEIRA, Vinícius Pereira de; SCHERER, Jovani de Souza. Os dois lados da realeza do Batuque: Princesa Emilia de Oyá Ladjá e Príncipe Custódio de Sakpatá. In: MATHEUS, Marcelo Santos; MÜGGE (ORG.), Miquéias Henrique. **Os africanos Mina-Nagôs no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos, 2025. p. 280. ISBN 978-65-5974-193-9.

ORO, Ari Pedro. O atual campo afro-religioso gaúcho. **Revista Civitas**, v. 12, n. 3, p. 556–565, Set. - Dez. 2012. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10183/106591>.

OSÓRIO, Helen. Fronteira, escravidão e pecuária: Rio Grande do Sul no período colonial. In: PUCRS (ed.). **Segundas Jornadas de História Regional Comparada**. [S. l.]: PUCRS, 2005. Disponível em:
<https://cdn.fee.tche.br/jornadas/2/H4-09.pdf>.

ÒYÓ, Mestre Cica de. **O batuque de nação Òyó no Rio Grande do Sul**. Edição: Hucitec Editora. Porto Alegre: [s. n.], 2020. 206 p. ISBN 978-65-86039-64-1.

PASSOS, José Vinicius Galhardo. **O Afro-Brasileiro e Umbanda na Visão de Vinícius de Oxalá**. Porto Alegre: Beto de Ogum Onira, 1999. 125 p.

PORTE, Ernesto M. La. **Estudo Psicanalítico dos Rituais Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu LTDA, 1979. 183 p.

RODRIGUES, Marco Antônio Rodrigues. **Perfil Facebook - Marco Obá**. 2025. Disponível em:
<https://www.facebook.com/marcoarodrigues.rodrigues.9>.

SCHERER, Jovani. **No refluxo dos retornados: Custódio Joaquim de Almeida, o príncipe africano de Porto Alegre**. [S. l.]: APERS, 2021. 131 p. ISBN 978-65-87878-04-1.

SILVA, Maria Helena Nunes da. **O "Príncipe" Custódio e a "Religião" Afro-Gaúcha**. Jul. 1999. Dissertação de Mestrado – UFPE, Recife, Pernambuco.

SILVEIRA, Hendrix. Tradições de matriz africana e sexo:reflexões afroteológicas. **Periódicus**, v. 1, n. 14, p. 73–90, nov. 2020. Disponível em:
<https://doi.org/10.9771/peri.v1i14.37289>.

TVCULTURA. **Os terreiros do Batuque Gaúcho, Retratos de Fé.** 2020.

Disponível em: youtube.com/watch?v=skJy_tEgNz4E.

Árvore das Nações – Genealogia do Batuque Gaúcho é um marco no registro da memória e da ancestralidade dos povos tradicionais de matriz africana no Rio Grande do Sul. Fruto de anos de pesquisa, entrevistas e sistematização, esta obra organiza as genealogias de mais de três mil sacerdotes e sacerdotisas, revelando a continuidade dos vínculos sagrados que sustentam o Batuque e suas Nações.

Mais do que números ou estatísticas, cada árvore aqui apresentada é raiz, corpo e voz. São histórias de iniciações, linhagens centenárias e famílias religiosas que resistiram à escravidão, ao racismo e ao apagamento cultural. São mapas espirituais que nos situam dentro de uma rede maior, feita de fé, tradição e axé.

Ao lançar este livro, reafirmo que o Batuque não é apenas religião: é também cultura, política de resistência e patrimônio vivo do povo negro gaúcho. Este registro é meu gesto de reverência às matriarcas e patriarcas que abriram caminhos, e também meu compromisso com as novas gerações que seguem fortalecendo as raízes do axé.

Iniciei esta pesquisa em 2016, movido pela inquietação e pela necessidade de compreender mais sobre mim, minha tradição e minha origem. O que começou como um desejo pessoal logo se transformou em projeto coletivo, alimentado por muitas mãos e corações.

Somente pela força dos Orixás foi possível o encontro com **Flávio Gabriel Carazza Kessler – Flávio de Xangô**, cientista de dados, pesquisador e, muito mais que isso, meu afilhado dentro do Batuque. Juntos, unimos a metodologia acadêmica à oralidade dos terreiros, a ciência à espiritualidade, demonstrando que tradição e inovação podem caminhar lado a lado.

Este livro é mais do que uma publicação: é uma palavra encantada, uma oferenda de memória e dignidade, um convite a reconhecer que **só floresce quem conhece suas raízes. As árvores das Nações formam a floresta do Batuque.**

E, como nos lembram os Ibeji, guardiões da infância e da esperança: **a cada nova geração, a vida se renova e o axé floresce outra vez.**

Babá Phil

Philip Tyago Xavier Rodrigues
Babalorixá, educador e ativista cultural

ISBN

978-65-01-67373-8